



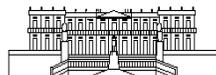
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu Nacional
Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas (Botânica)

Comunidade Caiçara da Praia do Sono, Paraty, RJ, Brasil: Uso dos Recursos Vegetais



Foto: Gabriella Silva de Almeida (2008)

Mariana Reis de Brito



Rio de Janeiro

2010

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu Nacional
Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas (Botânica)

Comunidade Caiçara da Praia do Sono, Paraty, RJ, Brasil: Uso dos
Recursos Vegetais

Orientadora: Profa. Dra. Luci de Senna Valle

Mariana Reis de Brito
2010

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu Nacional
Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas (Botânica)

Comunidade Caiçara da Praia do Sono, Paraty, RJ, Brasil: Uso dos Recursos Vegetais

Mariana Reis de Brito

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica), Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Biológicas (Botânica).

Orientadora: Profa. Dra. Luci de Senna Valle

Rio de Janeiro
2010

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu Nacional
Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas (Botânica)

Comunidade Caiçara da Praia do Sono, Paraty, RJ, Brasil: Uso dos Recursos Vegetais

Mariana Reis de Brito

Aprovada por:

Presidente, Profa. Dra. Luci de Senna-Valle

Profa. Dra. Maria Christina de Mello Amorozo

Prof. Dr. Fábio Pedro Souza de Ferreira Bandeira

Suplentes:

Profa. Dra. Bárbara de Sá Haiad

Profa. Dra. Inês Machline Silva

Rio de Janeiro
2010

Ficha catalográfica

Brito, Mariana Reis de.

Comunidade Caiçara da Praia do Sono, Paraty, RJ, Brasil: Uso dos Recursos Vegetais/ Mariana Reis de Brito. – Rio de Janeiro: UFRJ/MN, 2010.

xii, 99 f.: il. (algumas color.); 30cm

Orientadora: Luci de Senna Valle

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-graduação em Botânica, 2010.

Bibliografia: f. 90-98

1. Etnobotânica. 2. Caiçaras. 3. Categorias de uso. I. Senna-Valle, Luci. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Museu Nacional (Brasil). Programa de Pós –Graduação em Botânica. IV. Comunidade Caiçara da Praia do Sono, Paraty, RJ, Brasil: Uso dos Recursos Vegetais.

Agradecimentos

À minha família que me apóia nos momentos mais difíceis, com muito amor, carinho e compreensão.

À minha querida mãe pelo grande companheirismo em nossas idas ao campo, pelas ótimas idéias, entusiasmo e por me incentivar sempre.

À minha orientadora, Prof^a Luci de Senna-Valle, pela sabedoria, dedicação, compreensão, atenção e, em especial, pelo carinho.

À comunidade caiçara da Praia do Sono que me recebeu afetuosamente, sempre sorridente, positiva e com muita conversa boa.

Ao programa UFRJ/CENPES pela bolsa concedida e ao PROAP pela verba de campo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Botânica), Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro pelo apoio e atenção durante este trabalho.

Aos especialistas Dra. Elsie Franklin Guimarães, Dr. Haroldo Cavalcante de Lima, Dr. José Fernando Andrade Baumgratz, Dr. Marcelo da Costa Souza e Dr. Massimo Giuseppe Bovini pelas identificações botânicas.

À Prof^a. Dra. Bárbara de Sá Haiad pela revisão da dissertação, por todo o apoio, carinho e por representar a minha orientadora na jornada CENPES.

À Prof^a. Dra. Inês Machline Silva pelos conselhos, idéias e sugestões nas disciplinas de Projetos e Seminários.

Aos funcionários do herbário do Museu Nacional por estarem sempre dispostos a ajudar.

Ao Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pelas consultas ao herbário e aos seus funcionários.

Ao grande etnoamigo Christo pelas idéias, recomendações, auxílio nas identificações botânicas e por toda a ajuda quantitativa. Muito obrigada mesmo!

Às etnoamigas Verônica e Gabriella por toda a ajuda, força, carinho e companhia no campo.

Aos amigos da botânica Anderson, Marcelo Vianna, Robson e Verônica, ao Prof. Luiz Pinto e à bióloga Vera Lúcia Campos Martins pelas enormes ajudas nas identificações botânicas.

Aos amigos e companheiros de laboratório Débora, Gabriella, Ivone, Joyce, Luiz, Marcelo, Marcos (mono), Monique, Odara e Verônica pelas trocas, ensinamentos e por tornarem os dias de trabalho muito agradáveis.

Aos amigos botânicos Alexandre, Déborah, Carol Matozinhos, Luciano, Ana Luiza e Elaine pelas inúmeras conversas, incentivo, apoio, descontração e pela paixão pela botânica.

Ao João, por todo o carinho, ajuda, compreensão, sugestões, conselhos, incentivos, enfim, por tudo! A cada dia vejo o quanto você é especial!

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que, de alguma forma contribuíram para que este trabalho se concretizasse. Muito obrigada!!!

Resumo

Brito, Mariana Reis de. **Comunidade Caiçara da Praia do Sono, Paraty, RJ, Brasil: Uso dos Recursos Vegetais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas (Botânica), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

A comunidade da Praia do Sono, localizada na Reserva Ecológica da Juatinga (REJ) que está situada na Área de Preservação Ambiental do Cairuçu (APAC), no Município de Paraty, Estado do Rio de Janeiro, ainda sustenta hábitos e tradições de antigas gerações, o que foi facilitado pelo difícil acesso a esta praia. A presente pesquisa teve como objetivo fazer o levantamento das espécies utilizadas por informantes especialistas desta comunidade caiçara, registrando a forma de uso desses táxons e procurando perceber os sistemas tradicionais de manejo que visam conservar os ecossistemas naturais. Todo o material botânico indicado foi coletado, herborizado, identificado e será depositado no herbário do Museu Nacional (R). Foram realizadas entrevistas com 12 informantes (6 homens e 6 mulheres). A análise de agrupamento realizada juntamente com o teste de qui-quadrado evidenciaram que o conhecimento etnobotânico mostra-se heterogeneamente distribuído, ao se considerar o gênero dos entrevistados. As 190 espécies citadas estão distribuídas em 61 famílias sendo a Fabaceae a mais representativa. As espécies foram ordenadas em 9 categorias de uso: medicinal (89 spp.), alimentícia (67 spp.), construção (48 spp.), tecnológica (40 spp.), combustível (24 spp.), ornamental (13 spp.), outros (10 spp.), veterinária (7 spp.) e ritualística (3 spp.). A categoria medicinal foi analisada mais detalhadamente em função do expressivo número de plantas mencionadas neste grupo e da riqueza de dados culturais e botânicos obtidos em campo. O índice de Shannon-Wiener (H') obtido neste estudo foi de 2,18 (base 10) e 5,03 (base e), situando-se em segundo lugar, quando comparado com o das demais comunidades costeiras do litoral brasileiro. As indicações terapêuticas das plantas medicinais indicadas foram decodificadas e agrupadas em 13 categorias de doenças, seguindo a “Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde” (CID) adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), com o objetivo de analisar as principais doenças tratadas com os recursos vegetais locais. Informações sobre as partes das plantas utilizadas e as formas de preparo dos remédios caseiros foram detalhadas. Dez espécies apresentaram grande versatilidade quanto aos seus usos, com $IR > 1$ e treze espécies apresentaram valores de CUPc maior que 50%, indicando uma alta concordância de uso principal destas. Este trabalho constatou que os informantes da Praia do Sono preservam um amplo conhecimento sobre os recursos vegetais que os cercam e com os quais mantêm grande intimidade. Portanto, a incorporação de suas tradições, não só é importante, como fundamental na elaboração do Plano de Manejo e nas estratégias de conservação *in situ* da UC.

Abstract

Brito, Mariana Reis de. **Caiçara Community of Praia do Sono, Paraty, RJ, Brazil: Vegetable Resources Uses.** Master's thesis. Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas (Botânica), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

Praia do Sono community is located at Juatinga Ecological Reserve (REJ) on the “Area de Preservação Ambiental do Cairucu” (APAC), in Paraty municipality, Rio de Janeiro state. It still preserves some habits and traditions from ancient generations, possibly due to the difficulties of accessibility to this area. The goal of this study was to conduct a species survey of the plants that are been used by specialist informants from the “caiçara” community of Praia do Sono. Verifying the way that this plants are been used and trying to understand the traditional systems of uses that are allied to the conservation of the natural ecosystems. Botanical species indicated were collected, preserved, identified and it will be deposited as a reference collection at the National Museum herbaria (R). Twelve informers were selected and interviewed (six males and six women). The grouping analysis applied together with the qui-square test underlined that the ethnobotanical knowledge analysed shows a heterogeneity distribution considering the gender of the interviewed. One hundred and nineteen species cited were distributed in 61 botanical families been Fabaceae the most representative. Species were ordained in nine categories of uses: medicinal (89 spp.), food (67 spp.), construction (48 spp.), technology (40 spp.), fuel (24 spp.), ornamental (13 spp.), others (10 spp.), vet uses (7 spp.) and ritualistic (3 spp.). Medicinal category was analysed more detailed as it was highly mentioned and also due to the richness of the cultural and botanic data obtained at the field work. The Shannon-Wiener (H') index obtained in this study was 2,18 (base 10) and 5,03 (base e), been the second higher considering the others Brazilian coastal communities. Therapeutic indications were decoded and grouped in 13 categories of disease. This classification follow the “International Classification of Deseases” (ICD) adopted by the World Health Organization (WHO), with the aims of analyse the main deseases treated with local vegetation resources. Informations regarding the plant tissue used and the way they prepared it were detailed. Ten species showed great versatility of uses, with $IR > 1$ and thirteen species with CUPc (corrected popular use concordance) value higher than 50%, showing consensus with the main use cited. This work shows that the Praia do Sono's informers maintain a wide knowledge and proximity with the plant resources that surrounds them. This knowledge is not only important, but fundamental to discuss and apply sustentable uses and conservation strategies at this conservation unit.

Quadro

Quadro - Décima revisão da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde (CID) (WHO, 2007). 23

Lista de tabelas

Tabela 1 - Categorias de uso das espécies indicadas pelos especialistas locais da comunidade caiçara da Praia do Sono e suas correspondentes descrições. 22

Tabela 2 - Comparação de índices de diversidade em estudos realizados em diferentes comunidades costeiras do litoral brasileiro. 44

Tabela 3 - Plantas citadas pelos informantes da Praia do Sono, Paraty, RJ. 45

Tabela 4 - Índice de Importância Relativa (IR) das espécies indicadas como medicinais pelos informantes da Praia do Sono. 74

Tabela 5 – Espécies medicinais ordenadas quanto à Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc) maior que 50% entre os informantes da Praia do Sono. 75

Tabela 6 - Plantas medicinais citadas pelos informantes da Praia do Sono, Paraty, RJ. 76

Lista de figuras

Figura 1 – Município de Paraty, RJ, ressaltando as Unidades de Conservação locais e destacando a Praia do Sono.	12
Figura 2 – Vista panorâmica da Praia do Sono.	13
Figura 3 – Locais de coleta na Praia do Sono.	20
Figura 4 – Análise da similaridade do conhecimento sobre o uso dos recursos vegetais entre os informantes da Praia do Sono.	33
Figura 5 – Distribuição do número de espécies indicadas em cada categoria de uso pelos informantes homens e mulheres da praia do Sono.	35
Figura 6 – Famílias botânicas mais representativas em número de espécies indicadas como úteis pelos informantes da Praia do Sono.	36
Figura 7 - Gráfico do esforço amostral relacionado à acumulação de riqueza de espécies de acordo com a inserção sequencial de entrevistas com os informantes da Praia do Sono.	38
Figura 8 – Distribuição das espécies indicadas em cada categoria de uso pelos informantes da Praia do Sono.	39
Figura 9 – Distribuição do hábito das espécies indicadas como úteis pelos informantes da Praia do Sono.	40
Figura 10 – Locais de coleta das espécies utilizadas pelos informantes da Praia do Sono.	41
Figura 11 – Plantas da categoria alimentícia.	57
Figura 12 – Plantas da categoria construção.	60
Figura 13 – Plantas da categoria tecnológica.	63
Figura 14 – Plantas da categoria combustível.	64
Figura 15 – Plantas da categoria veterinária.	65
Figura 16 – Plantas da categoria ornamental.	66
Figura 17 – Plantas da categoria ritualística.	67
Figura 18 – Plantas da categoria outros.	68

- Figura 19** – Famílias botânicas mais representativas em número de espécies indicadas como medicinais pelos informantes da Praia do Sono. 70
- Figura 20** - Componentes vegetais utilizados no tratamento das doenças citadas pelos informantes da Praia do Sono. 71
- Figura 21** – Categorias de doenças, segundo a CID em relação ao número de citações para estas patologias. 72
- Figura 22** – Plantas da categoria medicinal. 85

Índice

I – INTRODUÇÃO	1
I.1 – Etnobotânica	1
I.2 – A Mata Atlântica e a conservação da biodiversidade	2
I.3 – Os caiçaras	5
II – ÁREA DE ESTUDO	10
II.1 – Considerações relevantes da Reserva Ecológica da Juatinga (REJ)	14
III – HISTÓRICO: A SITUAÇÃO FUNDIÁRIA E A QUESTÃO DA TITULARIDADE NA PRAIA DO SONO	16
IV – MATERIAL E MÉTODOS	19
IV.1 – Coleta dos dados	19
IV.2 – Análise dos dados	24
V – RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
V.1 – Os caiçaras da Praia do Sono: comunidade estudada	28
V.2 – Informantes, distribuição e transmissão do conhecimento	32
V.3 – Dados sobre as espécies vegetais	36
V.4 – Categorias de uso	56
V.4.1 – Alimentícia	56
V.4.2 – Construção	58
V.4.3 – Tecnológica	60
V.4.4 – Combustível	64
V.4.5 – Veterinária	64
V.4.6 – Ornamental	65
V.4.7 – Ritualística	67
V.4.8 – Outros	68
V.4.9 – Medicinal	69
VI – DEVOLUÇÃO	86
VII – CONCLUSÕES	87
VIII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
Apêndice A – Questionário aplicado aos informantes da praia do sono	99

I – INTRODUÇÃO

I.1 – Etnobotânica

A etnobotânica, termo concebido em 1896 por Harshberger, é definida, segundo Alcorn (1995), como o estudo das interações homem-planta, considerando os aspectos naturais e sociais de ecossistemas dinâmicos. De acordo com a autora, o conhecimento etnobotânico está relacionado a uma rede de informações que envolve o individual e o coletivo, através dos sistemas de subsistência e cosmologias.

Por estar situada na interface entre as ciências naturais e as ciências humanas, a etnobotânica caracteriza-se por ser uma área de pesquisa de caráter interdisciplinar. Dependendo dos objetivos específicos da pesquisa, outras disciplinas, incluindo a fitoquímica, farmacologia, ecologia, antropologia, geografia, lingüística, entre outras, vêm agregar seus saberes e metodologias para ajudar a tratar das questões sobre a inter-relação cultura e natureza (Prance, 1991). Segundo Di Stasi (1996), essa característica tem sido reconhecida como ponto crucial para o desenvolvimento de estudos mais elaborados, de maior credibilidade científica e menores probabilidades de erros.

Estudos etnobotânicos de registro de plantas, seus usos e formas terapêuticas por grupos humanos têm contribuído tanto para planos de conservação e manejo de ecossistemas (Prance, 1995) como no campo da fitoquímica e farmacologia, inclusive como ferramenta para o descobrimento de novas drogas (Elisabetsky & Souza, 2004).

Atualmente existe uma crescente produção de artigos científicos nesta área, refletindo uma conscientização do potencial do estudo etnobotânico, especialmente nas pesquisas de plantas medicinais. Sá (2007, p.21) afirma que “*o conhecimento de populações tradicionais sobre plantas biologicamente ativas é um elemento valorizado pelos pesquisadores que atuam na área de desenvolvimento de novos fármacos*”.

O presente desafio da etnobotânica é compreender como um grupo específico de pessoas percebe as plantas, como esta percepção influencia as atividades desta população local e como estas atividades influenciam o ambiente natural e o ecossistema (Davis, 1995 *apud* Hamilton *et al.*, 2003). Ou seja, esta ciência busca entender como se dá a dinâmica do

sistema de conhecimento, uso e manejo dos recursos vegetais com o qual determinado grupo se relaciona.

A etnobotânica tem também o papel de conservar o uso sustentável da biodiversidade do ponto de vista do saber local (Albuquerque, 2005). Portanto, o estudo do uso de plantas para vários fins em comunidades tradicionais está se tornando uma necessidade urgente, especialmente quando se trata de regiões da Mata Atlântica, atualmente um dos biomas mais devastados. Além disto, as comunidades situadas neste bioma vêm sofrendo crescentes pressões econômicas e culturais da sociedade capitalista, com conseqüências funestas para as culturas tradicionais (Oliveira, 2004). Assim, corre-se o risco de perder não somente as espécies nativas potencialmente úteis, mas também o conhecimento que orienta seu uso, obtido pela experiência de contato estreito com seu ambiente transmitido de geração para geração. Este saber, sem dúvida alguma, enriqueceria bastante o conhecimento sobre a flora tropical.

I.2 – A Mata Atlântica e a conservação da biodiversidade

Devido à sua indiscutível importância para a sobrevivência humana somada às inúmeras ameaças que vem sofrendo, a conservação da biodiversidade tem sido foco de atenção de vários estudos, cujos argumentos de defesa incluem dimensões ecológicas, econômicas e políticas, além de étnicas, estéticas e utilitárias (Hanazaki, 2003).

As Florestas Tropicais são os ecossistemas que detêm a maior diversidade de espécies dentre todos os demais do planeta. O Brasil se destaca por apresentar um dos maiores índices de biodiversidade, abrigando cerca de 30% destas florestas. Entretanto, sua sobrevivência está ameaçada por rápida destruição, que já as reduziu a apenas 7% da superfície terrestre (Myers, 1997).

Apontada por especialistas conceituados como uma das Florestas Tropicais mais ameaçadas de extinção, a Mata Atlântica, que ocupava 12% do território nacional, hoje está reduzida a cerca de 5% da cobertura original (Lino, 2003). Contudo, esta floresta ainda abriga uma parcela significativa da diversidade biológica do Brasil, com mais de 20.000 espécies de plantas vasculares e mais de 2.000 espécies de mamíferos, aves, répteis,

anfíbios e peixes, sendo que aproximadamente 40% dessas espécies são endêmicas ao bioma (Biodiversitas, 2006).

Desde o descobrimento do Brasil, a Mata Atlântica tem sido alvo de um elevado número de perturbações antrópicas. Primeiramente foi explorada para a extração de madeiras de lei, depois para agricultura, especialmente para as culturas de cana-de-açúcar e café e, mais recentemente, muitas áreas foram convertidas em pasto (Moraes *et al.*, 2002). Tal devastação ao longo dos anos repercutiu de maneira drástica em sua riqueza e diversidade florística, promovendo o desaparecimento de inúmeras espécies e colocando centenas de espécies sob forte pressão de extinção (Lima *et al.*, 2002).

Esta floresta é considerada, juntamente com outras vinte e quatro regiões do planeta, como um dos *hotspots* de biodiversidade, ou seja, uma das prioridades para a conservação global, em virtude da sua riqueza biológica, elevados índices de espécies endêmicas e níveis de ameaça (Myers *et al.*, 2000).

A Mata Atlântica deixou e deixa sua influência em todos os campos da cultura brasileira e, mais que qualquer ecossistema do país, guarda os marcos de nossa história (Lino, 2003). Portanto, a destruição ameaça também um rico patrimônio histórico e diversas comunidades tradicionais, que constituem parte importante da diversidade cultural do país (MMA, 2002).

Com o intuito de garantir a preservação de amostras de ecossistemas ameaçados pelo seu maior inimigo, o homem, foi desenvolvido nos EUA o conceito de áreas naturais protegidas, denominadas no Brasil de Unidades de Conservação. Esta ideologia conservacionista americana que começou a se fortificar na década de 1960 foi responsável pela criação da dicotomia entre populações e áreas naturais protegidas, que acabou associando o conceito de unidade de conservação a áreas desabitadas e intocáveis (Adams, 2000).

Entretanto, conforme as Unidades de Conservação foram sendo implantados nos países tropicais, manifestou-se a fragilidade do conceito de áreas protegidas como intocáveis, uma vez que a maioria das áreas de preservação foi criada em regiões habitadas por populações tradicionais, que se encontravam relativamente isoladas, totalmente excluídas da economia de mercado e sem título de propriedade de suas terras (Diegues, 1993).

Inicia-se então, uma série de discussões acerca da permanência ou não de comunidades tradicionais em Unidades de Conservação. De um lado estão os “biocentristas ou conservacionistas” que põem em dúvida a utilização racional dos ecossistemas pelo homem sem que haja o comprometimento de sua estrutura e preservação. E do outro lado estão os “antropocentristas” que acreditam nas técnicas tradicionais de manejo do ambiente garantindo a preservação do mesmo.

Nas Unidades de Conservação que buscam preservar os últimos remanescentes de Mata Atlântica, esta discussão vem sendo travada tanto nos meios governamentais e não governamentais como no meio acadêmico. Diegues (1993, p.3) afirma que *“somente a integração das populações tradicionais nas Unidades de Conservação onde moram poderá assegurar a proteção tanto de diversidade biológica quanto cultural”*.

Com o passar dos anos, a experiência tem mostrado que a expulsão dos moradores tradicionais das áreas de preservação ou a proibição dos usos que estes fazem dos recursos naturais, além de não ter sido suficiente para conter a degradação destas áreas, em muitos casos acentuou este processo (Adams, 2000).

O território também faz parte da cosmologia do grupo e é a base para a produção e reprodução de saberes tradicionais. A permanência destes povos em suas terras contribui na manutenção de suas práticas sociais, seus sistemas de classificação e manejo dos recursos naturais, além de resguardar na memória os acontecimentos e fatos históricos que compõem sua identidade cultural.

Balée (1992), ao estudar os índios Kaapor, mostrou que existe manejo tradicional resultando num aumento de espécies de determinados habitats. Esse autor, assim como outros (Gómez-Pompa, 1992; Diegues & Arruda, 2001), indicam que as populações tradicionais se relacionam de um modo “harmônico” com a natureza, harmonia esta explicada pelo fato destas populações preservarem os remanescentes florestais que habitam com uma atitude consciente e produto de seu manejo adequado.

Cientistas, tanto do ramo das ciências naturais quanto das ciências sociais, buscam argumentos para uma nova prática de conservação baseada não somente na proteção da diversidade biológica, mas também na riqueza sociocultural, respeitando seus costumes e maneiras de gerenciar o ambiente natural (Almeida, 2009). Segundo Diegues & Arruda

(2001), em alguns países, o conhecimento das populações locais é considerado um ponto primordial para discutir questões de conservação.

O resultado de um trabalho integrado entre pesquisadores, moradores locais e profissionais atuantes na área de manejo é a garantia do sucesso da conservação da biodiversidade (Tuxill & Nabhan, 2001). Para estes autores a eficácia dos esforços conservacionistas aumenta quando prioritariamente se investigam os recursos naturais utilizados e sua importância local, dos quais a etnobotânica pode ocupar-se.

A implementação de ações de conservação para as espécies ameaçadas da Mata Atlântica é imprescindível, juntamente com pesquisas científicas que possam gerar respostas e subsídios para a proteção/conservação das espécies e recuperação de ecossistemas. Entretanto, não se pode em hipótese alguma desconsiderar as comunidades que habitam este ambiente e suas peculiaridades culturais, uma vez que nestas comunidades tradicionais espera-se encontrar alguns de nossos maiores patrimônios: a diversidade étnica e cultural, o conhecimento ancestral sobre a ecologia da floresta e a experiência concreta de alternativas de manejá-la de forma sustentável.

I.3 – Os caiçaras

A expressão “comunidades tradicionais” é utilizada para definir grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza. Essa expressão refere-se tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional, que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos, como por exemplo: as comunidades caiçaras, os sitiantes e roceiros, comunidades quilombolas, comunidades ribeirinhas, os pescadores artesanais e os grupos extrativistas (Diegues & Arruda, 2001).

Esta pesquisa foi desenvolvida numa comunidade caiçara situada na Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), chamada Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. A população da comunidade estudada se reconhece como pertencente ao “tipo cultural caiçara” e, segundo Vianna (1996), tal identidade tem adquirido força nos discursos

políticos com o objetivo de dar aos caiçaras um peso e importância equivalentes, na forma da lei, às culturas indígena e quilombola.

A cultura caiçara surgiu na Mata Atlântica do litoral dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, da miscigenação entre índios, colonizadores portugueses e, em menor grau, escravos africanos. Foram desenvolvidos hábitos e costumes próprios relacionados à pesca e agricultura, mas foi mantida quase inalterada a tradição indígena de ter a mandioca como alimento básico, quer nas técnicas de cultivo como na produção de farinha (Vianna, 1996).

Os caiçaras têm um sistema de organização social baseado na unidade doméstica, destinada em primeira instância à subsistência e em segundo, ao mercado externo e possuem fortes relações de parentesco ou compadrio no exercício de atividades econômicas (Sanches, 2004). Como base da sobrevivência da unidade familiar estão as atividades de agricultura itinerante de corte-queima, pesca e extração de recursos do ambiente, como plantas empregadas para fins alimentares e medicinais (Begossi, 1998). Segundo Willems (2003), esta dependência dos recursos naturais para a sobrevivência atribui aos caiçaras um caráter altamente adaptativo ao ambiente no qual estão inseridos.

De acordo com Hanazaki (1997), esses nativos podem desempenhar papel de destaque na conservação da Mata Atlântica, em decorrência do seu vasto conhecimento sobre o meio ambiente, acumulado ao longo de gerações, e passível, segundo Toledo (1987), de ser transformado em valioso aliado na busca da melhoria da qualidade de vida de diversas populações.

A riqueza da cultura caiçara não se restringe, porém, aos conhecimentos sobre o ambiente natural que habitam. Segundo Diegues (1989) existem dois aspectos que se julgam altamente importantes para a caracterização de suas esferas culturais: a festa, ou as práticas lúdicas, e a religiosidade. Contudo, as festas não parecem diferir muito no universo profano ou no universo religioso, uma vez que na visão de mundo dos caiçaras, as distinções entre estas duas práticas são bastante tênues.

Um típico costume que registra a história desse povo é a celebração do fim dos dias de trabalho coletivo, os chamados mutirões, ao som do ritmo musical do fandango, cujas letras, de autoria dos violeiros, contam suas histórias e sonhos. Diegues (2004) conclui que os festejos caiçaras, marcados pelas danças tradicionais¹, pelo seu gênero musical e por um amplo conjunto de ritos, referiam-se fortemente à vida dependente da interseção terra-mar, ilustrando pela lúdica e pela sua religiosidade a fonte de sua subcultura profissional.

O principal meio de transporte do caiçara eram as canoas, que ainda hoje são produzidas artesanalmente, escavadas diretamente na madeira, em um tronco só. Estas eram utilizadas para ir à cidade vender peixe e produtos da lavoura, visitar familiares, transportar doentes para o médico, lançar ou recolher redes e monitorar os instrumentos fixos de pesca (Adams, 2000).

Até os anos setenta o litoral paulista foi pouco afetado pelas transformações sociais devido ao isolamento geográfico. Entretanto, a abertura da rodovia Rio-Santos (BR 101), inaugurada em meados de 1970, gerou um elevado contingente turístico (Devide *et al.*, 2005). Assim, esta região que ficou durante muito tempo isolada com acessos precários, viu-se novamente incluída como opção turística e de investimentos imobiliários, principalmente para casas de veraneio. Tal fato, ao mesmo tempo em que dinamizou a economia local, promoveu profundas alterações sociais e ambientais. A partir desta época, os caiçaras têm desviado sua dedicação principalmente para atividades relacionadas ao turismo (Begossi *et al.*, 2002).

O maior número de publicações sobre populações tradicionais não-indígenas nas últimas décadas refere-se a ribeirinhos amazônicos e caiçaras, o que revela o interesse dos pesquisadores sobre esses grupos e talvez sua maior visibilidade social conseguida nos últimos anos (Diegues & Arruda, 2001).

¹Modo peculiar da dança caiçara, onde se encontram nítidos traços de estilos medievais portugueses. Para um maior detalhamento sobre esta dança tradicional, ver Macedo Neto (1989).

Adams (2000), ao rever a literatura sobre os caiçaras levantou 180 publicações entre 1934 e 2000, sendo que a maior parte destes estudos (30%) tratou da relação dos caiçaras com o mar e com a terra e 25,5% apenas da relação com o meio terrestre. Aqueles que trataram exclusivamente da pesca e da relação com o mar somaram 21,1% e os não definidos 23,3%.

Diegues & Arruda (2001) realizaram um levantamento bibliográfico indicando 104 trabalhos significativos sobre as comunidades caiçaras e sua cultura, sendo 15% destes específicos para o litoral do Rio de Janeiro.

Alguns exemplos de estudos etnobotânicos desenvolvidos no litoral do estado do Rio de Janeiro nos últimos anos foram: (a) Figueiredo *et al.*, que em 1993 trabalharam com os caiçaras de Gamboa, Ilha de Itacuruçá e em 1997, realizaram um levantamento sobre a diversidade de espécies indicadas como úteis pela comunidade de Chalhaus (ilha de Jaguanum) localizada na baía de Sepetiba; (b) Fonseca-Kruel & Peixoto (2004), que trabalharam com a população local da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo (RESEX) localizada no município de Arraial do Cabo, região de Cabo Frio; (c) Garrote (2004) que estudou quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty e (d) Borges & Peixoto (2009) que pesquisaram a comunidade caiçara de Martins de Sá, APA do Cairuçu, Paraty.

O levantamento bibliográfico indicou que o conhecimento acumulado sobre as relações entre as populações caiçaras e o meio natural em que estão inseridas se restringe às áreas situadas dentro de Unidades de Conservação, porém, verificou-se a ausência de estudos sobre estas relações na comunidade caiçara da Praia do Sono.

A pesquisa etnobotânica numa comunidade ainda não estudada é uma oportunidade de acessar uma riqueza de informações de cunho etnográfico e de recursos biológicos, que podem servir de subsídios para futuros trabalhos mais focados em determinados aspectos, como, por exemplo, a bioprospecção de novos fármacos ou manejo de áreas de conservação (Sá, 2007). Assim, os dados oriundos de uma investigação etnobotânica com os caiçaras da Praia do Sono podem possibilitar o reconhecimento de recursos naturais potencialmente importantes da Unidade de Conservação onde esta comunidade está inserida.

Com base no exposto foram formuladas as seguintes hipóteses:

- A comunidade caiçara da Praia do Sono realiza práticas que contribuem para a conservação do ecossistema local.
- No que se refere ao elenco de etnoespécies existe um destaque para determinadas categorias de usos.

Para tanto o presente trabalho teve como objetivo fazer o levantamento das espécies utilizadas por informantes especialistas da comunidade caiçara da Praia do Sono, registrando a forma de uso desses táxons e procurando perceber os sistemas tradicionais de manejo que visam conservar os ecossistemas naturais.

Partindo-se do pressuposto de que, em face da grande diversidade biológica da Mata Atlântica, o grupo estudado, que interage diretamente com este bioma, pode acumular amplo conhecimento sobre suas espécies vegetais, buscou-se especificamente:

- Descrever e analisar como o conhecimento sobre o uso das plantas está distribuído entre os informantes.
- Conhecer através da coleta, herborização e identificação do material botânico a flora utilizada pelos moradores entrevistados da Praia do Sono.
- Organizar as espécies citadas à luz das categorias de usos.
- Utilizar índices quantitativos que auxiliem a compreender como se dá a relação entre os informantes e as plantas do seu ambiente.
- Devolver para a comunidade as informações otimizadas, organizadas e sistematizadas sobre as plantas através de palestras na escola e na associação de moradores.

II – ÁREA DE ESTUDO

A Praia do Sono localiza-se na Reserva Ecológica da Juatinga (REJ) que está situada na Área de Preservação Ambiental do Cairuçu (APAC), no Município de Paraty, Estado do Rio de Janeiro. Esta praia encontra-se localizada nas coordenadas 23°19' 55.2° de latitude sul e 44° 37' 57.8° de latitude oeste e possui 1365 metros de extensão.

A APAC compõe-se de uma parte continental de 33.800 ha que se inicia no Rio Mateus Nunes e termina na fronteira com o Estado de São Paulo, e de uma parte insular, com 62 ilhas, desde a Ilha do Algodão, em Mambucaba, na divisa com o Município de Angra dos Reis, até a Ilha da Trindade em Paraty, junto à divisa com o Estado de São Paulo (Marques *et al.*, 1997). Sobrepõe-se parcialmente ao Parque Nacional da Serra da Bocaina, e abrange totalmente a Reserva Ecológica da Juatinga que tem uma área de 8.000 ha (Fig.1).

Esta área constitui um dos últimos redutos de mata atlântica, manguezais e espécies animais e vegetais raras ou ameaçadas de extinção (Associação Cairuçu, 2008). A grande diversidade biológica presente nesta localidade é influenciada também pelas altas pluviosidades e pelas feições geomorfológicas (Rizzini, 1979).

A vegetação predominante da região pertence ao domínio da Floresta Ombrófila Densa (Veloso *et al.*, 1991). O clima é o tropical chuvoso com chuvas o ano todo, segundo a classificação de Köppen (1948). A precipitação média anual é de 2.624 mm e as respectivas temperaturas médias máximas e mínimas de 24,7°C e 17,6°C. A umidade relativa do ar é de 87% (IAC, 2004).

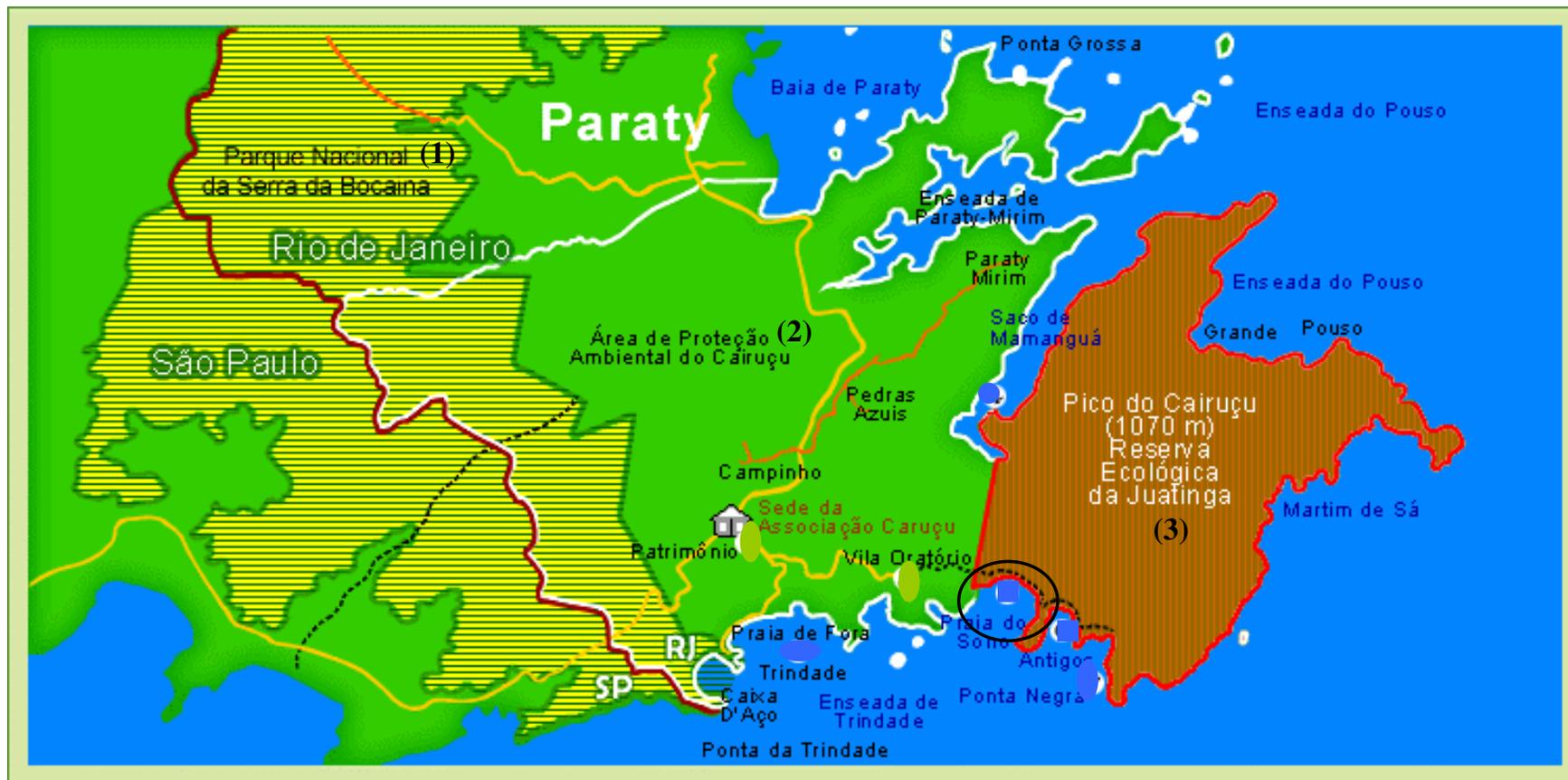
A APA do Cairuçu é uma Unidade de Conservação (UC) federal de uso sustentável criada pelo decreto nº. 89.242 de 27 de dezembro de 1983 e administrada pelo IBAMA. Tem como objetivo principal “*assegurar a proteção do ambiente natural, que abriga espécies raras e ameaçadas de extinção, paisagens de grande beleza cênica, sistemas hidrológicos da região e as comunidades caiçaras integradas nesse ecossistema*”.

Esta APA apresenta dentro de seus limites várias comunidades tradicionais de caiçaras, quilombolas, índios Guaranis e alguns poucos pequenos posseiros que ainda vivem isolados nos confins da zona rural (Associação Cairuçu, 2008). Portanto, esta região abriga uma grande e numerosa diversidade cultural, o que pode contribuir para o

enriquecimento do saber etnobotânico, uma vez que o conhecimento sobre plantas pode variar de acordo com os diversos sistemas sociais.

A Reserva Ecológica da Juatinga (REJ) é uma UC estadual, criada pelo decreto nº. 17.981 de 30 de outubro de 1992 e administrada pela Fundação Instituto Estadual de Florestas – IEF/RJ, órgão vinculado à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano. Tem como objetivo *“preservar o ecossistema local, composto por costões rochosos, remanescentes florestais de mata atlântica, restingas e mangues que, em conjunto com o mar, ao fundo, forma cenário de notável beleza, apresentando peculiaridades não encontradas em outras regiões do estado, além de fomentar a cultura caiçara local, compatibilizando a utilização dos recursos naturais com os preceitos conservacionistas estabelecidos neste decreto através do desenvolvimento de programa de educação ambiental específico através da Fundação Instituto Estadual de Florestas”*.

A REJ é constituída por inúmeras praias que permeiam os costões rochosos cuja ponta mais extrema empresta o nome à mesma, “Ponta da Juatinga”, abriga ainda doze núcleos de ocupação de populações tradicionais, que se distribui, em sua grande maioria, ao longo do litoral, em cinco principais núcleos: **Praia do Sono**; Ponta Negra; Praia Grande do Pouso da Cajaíba; Ponta da Juatinga e Mamanguá (Associação Cairuçu, 2008). Os núcleos se relacionam entre si e usam a cidade de Paraty como centro de comércio e serviço, apesar da precariedade de acesso (Metalivros, 2001).



- | | | |
|---|--|---|
|  (1) Parque Nacional da Serra da Bocaina |  Limite Estadual |  Trilhas |
|  (2) Área de Proteção Ambiental do Cairuçu |  Vias pavimentadas | |
|  (3) Reserva Ecológica da Juatinga |  Estradas de terra | |

Figura 1 - Município de Paraty, RJ, ressaltando as Unidades de Conservação locais: o Parque Nacional da Serra da Bocaina, a Área de proteção Ambiental do Cairuçu e a Reserva Ecológica da Juatinga. O círculo preto destaca a Praia do Sono - Fonte: Parques e Reservas <www.paraty.com.br/parques.asp> (modificado). Acesso em: 12/05/2009.

A comunidade da Praia do Sono, assim como a maioria das vilas caiçaras, forma-se a partir de uma extensa rede de caminhos estruturados por um eixo principal paralelo a linha da praia. Esses caminhos vão se desenvolvendo vila adentro, em meio aos quintais das casas, árvores frutíferas, roças e hortas até chegar próximo dos 150m de altitude, onde se encontram as últimas casas.

O caminho principal, de 1365 metros, é uma continuidade da trilha para Laranjeiras, que segue de uma ponta da praia a outra, onde encontra o rio Cachoeirinha. Dali continua para as praias seguintes, Antigos, Antiguinhos e Ponta Negra (Fig. 2). Toda a extensão da praia, ou eixo principal, é acompanhada por uma linha de amendoeiras (*Terminalia catappa* L.) que delinea os contornos da areia fazendo sombra nas casas, nos ranchos de pesca, nas barracas de comércio, na escola, na igreja e nos campings que se encontram à beira mar.



Figura 2 – Vista panorâmica da Praia do Sono.

II.1 – Considerações relevantes da Reserva Ecológica da Juatinga (REJ)

Em 2000, o Congresso Nacional aprovou a Lei Federal do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Conforme preconiza a Lei que institui o SNUC, a REJ, área decretada como *non edificandi*, precisa ser reclassificada já que não possui Plano de Manejo e nem apresenta regularização fundiária efetivada pelo Estado.

De acordo com o art. 27 do SNUC (2000) todas as UCs devem preparar um Plano de Manejo que é “*um documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade*”. Considera-se, portanto, que o Plano de Manejo tem papel fundamental para o gerenciamento da unidade, definindo critérios de utilização do espaço, de acordo com a legislação em vigor e os objetivos de criação do espaço protegido.

Entretanto, para a elaboração, atualização e implementação do Plano de Manejo de uma UC de uso sustentável deve ser assegurada a participação efetiva das populações residentes no local na gestão, conservação e benefícios decorrentes dessas áreas protegidas (SNUC, 2004).

Houve tentativa de elaborar um Plano de Manejo pela Fundação SOS Mata Atlântica, porém não foi aprovado pelo órgão gestor. Outra tentativa frustrada foi a de implantar um Regulamento Interno para a Reserva, por meio de portaria do IEF/RJ (Silveira & Brandão, 2004).

Conforme já foi mencionado, a REJ não tem sua regularização fundiária efetivada pelo Estado. Até hoje são presentes conflitos pela posse da terra e a ocupação irregular, que cresce exponencialmente, principalmente na faixa litorânea (Associação Cairuçu, 2008).

A regularização fundiária das UCs implica não só na titularidade pública ou privada das áreas, mas também, nos limites do uso dos recursos por parte de proprietários particulares e por populações tradicionais. Sem esta clareza o gerenciamento da Unidade fica prejudicado e conflitos jurídicos, incluindo o direito à propriedade, assim como a permanência das populações tradicionais fazem parte do cotidiano da gestão dessas áreas protegidas.

A criação desta UC de natureza *non edificandi* tem causado muita polêmica e dificuldade na aplicação da lei no interior da Reserva. Não existe na atual legislação brasileira uma categoria de unidade de conservação que abranja os aspectos culturais, históricos, ambientais e sociais (Silveira & Brandão, 2004). Portanto, é extremamente difícil a gestão dessas áreas sem amparo legal que estabeleça regras claras conciliando a conservação ambiental e a manutenção da população tradicional caiçara.

Os conflitos decorrentes da espera por definição da categoria a qual a Unidade irá pertencer só serão resolvidos definitivamente pela Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, pois qualquer alteração em sua categoria ou delimitação terá que ser feita por meio de modificação da Lei Estadual que criou a Reserva (Associação Cairuçu, 2008).

III – HISTÓRICO: A SITUAÇÃO FUNDIÁRIA E A QUESTÃO DA TITULARIDADE NA PRAIA DO SONO

O processo de ocupação portuguesa no sul fluminense e no norte paulista se iniciou pouco depois do descobrimento do Brasil, com a exploração do pau brasil e, logo após, com o ciclo da cana-de-açúcar e o sistema das Capitanias Hereditárias.

Segundo a SEAF (Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Assentamentos) (1991, p.159), *“em 29/12/1593, foi doada uma Sesmaria a Miguel Alves Maldonado, que recebeu o nome de Cahahiba e abrangia, entre outras, a área hoje conhecida como Praia do Sono, mais a Praia dos Antigos e a Ponta Negra”*.

Em 1643, a Sesmaria da Cahahiba, até então um lugar desabitado, foi doada por Maldonado e sua mulher aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo. Em 1762 parte da Praia do Sono passou para Leonardo Pimenta D’Oliveira, e, em 1771, a outra parte foi para Antônio Villela de Bastos que alegava viver no local plantando e pescando de rede. Depois disso, o que se sabe sobre a história da Praia do Sono é que lá chegaram e se estabeleceram três famílias portuguesas, os Santos, os Araújo e os Castro, que se dedicaram principalmente à pesca e às lavouras de feijão, milho, banana e aipim (Zuquim, 2007).

Em 1953 a fazenda Mamanguá foi comprada por Theóphilo Rameck em um leilão da Fazenda Pública Estadual; eram terras devolutas que faziam parte da Sesmaria de Maldonado. Entretanto, a Praia do Sono foi descrita como não pertencente aos domínios desta fazenda (Zuquim, 2007).

Dois anos depois, um homem chamado Gibrail Tanus comprou a fazenda Mamanguá de Theóphilo Rameck. No momento da transferência, no registro de imóveis, foi feita uma alteração em tinta vermelha no memorial descritivo do Livro do Registro de Imóveis, incluindo a Praia do Sono como pertencente às terras da fazenda. A partir deste momento concretiza-se a grilagem da Praia do Sono e inicia-se uma série de conflitos fundiários (SEAF, 1991).

O principal fator do repentino interesse pelas terras caiçaras em meados do séc. XX foi a construção das primeiras rodovias que tornaram Paraty mais acessível às metrópoles mais próximas (Santos, Rio de Janeiro e São Paulo). Já nesta época se falava na criação de uma estrada que fizesse a ligação entre os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo pelo litoral. Mas foi na década de 1970, com a construção da BR-101 (Rio-Santos), que a

especulação imobiliária assolou a costa caiçara, abalando o sistema de vida dos moradores tradicionais da região (Adams, 2000).

Em 1960, Gibrail Tanus resolveu efetivar o domínio das terras do Sono: construiu uma estrada, uma fábrica de gelo para a conservação do pescado e, ao mesmo tempo, tentava a qualquer custo seduzir os caiçaras para que vendessem suas posses. Em 1968, a comunidade, que na época contava com 220 famílias, assinou um documento em branco, acreditando que seria a regularização de suas terras, mas esse documento foi usado como um “contrato de comodato” para Gibrail, e esse falso comodato durou até 1979 (Zuquim, 2007).

Querendo de toda maneira apropriar-se das terras da Praia do Sono, Gibrail Tanus passou a tomar atitudes violentas contra os caiçaras, que não aceitavam a idéia de abandonar as terras desde sempre cultivadas e habitadas por, pelo menos, três gerações de suas famílias. Com toda a pressão imposta por Gibrail, 203 famílias acabaram vendendo suas terras por um preço mínimo (SEAF, 1991).

A história, contada e confirmada por moradores da Praia do Sono, diz que Gibrail Tanus teria colocado 500 cabeças de búfalos na praia, criando grande confusão, quebrando casas, destruindo roças e expulsando o povo dali. Este fato também é relatado em artigo escrito por Cavalieri (2003, p.1) *“Desde a década de 60 várias famílias saíram da sua terra de origem e trabalho ... Muitas foram forçadas a vender a posse devido aos expedientes violentos utilizados pelos “proprietários” recém chegados como, por exemplo, a criação de búfalos que amedrontava a comunidade, sujava as nascentes, pisoteava as roças”*.

Em 1987, o governador do Rio de Janeiro desapropriou a Praia do Sono como de utilidade pública, mas a primeira decisão judicial, de 1990, não foi favorável aos caiçaras. Neste período, o Instituto de Terras do Rio de Janeiro e a Procuradoria Estadual, entraram na questão para mediar os conflitos e discriminar as terras, já que para esses órgãos havia sinais de conflitos de terras devolutas e não de terras de domínio privado (SEAF, 1991).

Mesmo com todos os argumentos e provas contrárias a Gibrail Tanus, surpreendentemente este obteve sentença favorável no fórum de Paraty. Entretanto, em 1994, esta sentença foi anulada por decisão unânime de três desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Desde então, a questão está no Supremo Tribunal

Federal e hoje já passa de 15 volumes, sendo de difícil processo para os advogados e partes envolvidas (Zuquim, 2007).

Este é apenas um exemplo de como a especulação fundiária tem gerado uma situação de conflito e expulsão de famílias caiçaras de várias praias, principalmente nos últimos 35 anos, sem que as autoridades tenham dado a devida atenção ao caso. A grilagem de terras continua até hoje sendo o principal instrumento usado pelos especuladores para a irregular aquisição de terras na região.

A situação fundiária da Praia do Sono continua até os dias de hoje à espera da discriminação das terras, agora serenamente, já que os conflitos fundiários amenizaram-se. Mas as novas questões de preservação da Natureza que se implantaram a partir dos anos 1970, na forma do Parque Nacional da Serra da Bocaina, da Área de Preservação Ambiental do Cairuçu e da Reserva Ecológica da Juatinga, fizeram com que os antigos e truculentos conflitos fundiários dessem lugar a outros conflitos, os sócio-ambientais. Esses novos conflitos não são mais com os pretensos proprietários de terra, mas sim com os órgãos responsáveis pela manutenção das UCs, que impõem inúmeras limitações ao uso do lugar e às atividades tradicionais da agricultura, da caça, da pesca e do extrativismo.

IV – MATERIAL E MÉTODOS

IV.1 – Coleta dos dados

O trabalho de campo compreendeu o período de fevereiro de 2008 a junho de 2009. As visitas à comunidade foram mensais e costumavam durar em média quatro dias. Visitas prévias foram realizadas a fim de conhecer melhor a comunidade e seus códigos de conduta.

Nesta pesquisa foram priorizadas as pessoas que ainda têm o hábito de utilizar plantas no seu dia-a-dia. Para alcançar a lista de informantes especialistas em potencial, foram utilizadas as técnicas de bola de neve, que compreende na identificação de um ou mais informantes locais que indicam nomes de possíveis candidatos para integrar a pesquisa (Bernard, 1995) e busca ativa (Albuquerque *et al.*, 2008).

Os dados foram obtidos através das técnicas de observação direta, participante (Cotton, 1996) e registro de entrevistas por meio de um gravador, com o consentimento dos informantes. As entrevistas foram conduzidas com base de um questionário semi-estruturado previamente elaborado (Albuquerque *et al.*, 2008; Martin, 1995) (Anexo 1 pág. 98).

Anotações de natureza antropológica e impressões pessoais foram devidamente registradas através do caderno de campo, desenhos, registros fotográficos e gravações.

Com intuito de coletar o material botânico indicado pelos informantes foram conduzidas incursões à mata² utilizando-se a técnica denominada “caminhando na floresta” ou “walking in the woods” de Alexiades & Sheldon (1996). As espécies da praia³ e as cultivadas nos quintais⁴ dos entrevistados e as informações a respeito destas também foram coletadas. As visitas à mata foram acompanhadas por cinco dos seis homens que participaram da pesquisa e realizadas nos trechos da floresta mais freqüentados por eles. Já as áreas de praia e quintais foram percorridas com todos os 12 informantes. Os três ambientes onde as plantas foram coletadas podem ser observados na figura 3.



Figura 3 – Locais de coleta na Praia do Sono. (a) Mata; (b) Praia e (c) Quintal.

² Refere-se neste trabalho aos locais designados pelos informantes como “mata”. As capoeiras e bordas de trilha são consideradas por eles pertencentes a este domínio.

³ Área que possui o substrato arenoso periodicamente inundado pela maré, o que limita o desenvolvimento de certos tipos de plantas. Os entrevistados referem-se a esta localidade toda a extensão do caminho principal situado à beira mar (1365 metros), desde o fim da trilha de Laranjeiras até o encontro do rio Cachoeirinha.

⁴ O quintal pode ser compreendido como um espaço de usos múltiplos que fica próximo à residência do grupo familiar. Além de importante reserva de plantas alimentícias, medicinais, ornamentais e para outros fins, estes espaços também representam uma rica fonte de informações etnobotânicas (Guarim Neto & Carniello, 2008).

Todo o material botânico coletado foi herborizado (Mori *et al.*, 1989), identificado e será depositado no herbário do Museu Nacional/UFRJ (R). A identificação botânica foi feita a partir de bibliografia específica para cada grupo, da comparação com exemplares dos acervos dos herbários do Museu Nacional (R) e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) e da consulta a especialistas. O sistema de classificação adotado segue o APG III (2009). A atualização nomenclatural foi conferida através das bases de dados W3 tropicos (Missouri Botanical Garden VAST – VAScular trópicos) e IPNI (The International Plants Names Index).

Neste trabalho buscou-se classificar o “status” das plantas coletadas, sendo consideradas as seguintes definições: plantas nativas, aquelas pertencentes ao domínio da Mata Atlântica e plantas exóticas, as espécies oriundas de outras áreas. Para tal, foram consultados Corrêa (1926-1978) e Stehmann *et al.* (2009).

As informações de cada espécie foram organizadas em uma planilha que contém os seguintes dados: família botânica, nome científico, nome local, hábito, categoria de uso, parte da planta utilizada, origem e local de coleta.

O levantamento etnobotânico indica diversas categorias de uso dos recursos vegetais do meio ambiente local, segundo a visão de mundo dos membros da comunidade estudada. Estas categorizações foram reorganizadas neste trabalho em outras categorias de uso, segundo autores clássicos da etnobotânica (Prance *et al.*, 1987; Phillips & Gentry, 1993)⁵, com algumas adaptações, para adequar ao contexto da comunidade estudada, porém, sempre buscando respeitar as informações dos entrevistados e minimizar possíveis distorções.

Os usos identificados pelos informantes foram agrupados em nove categorias: alimentícia, combustível, construção, medicinal, ornamental, ritualística, tecnológica, veterinária e outros (Tab. 1).

⁵ Phillips especifica as categorias de uso como: medicinais (incluindo as plantas mágicas), construção, tecnológicas e artesanais, comércio e alimentícia.

A categoria comércio não foi verificada. Por outro lado, foram acrescentadas as categorias combustível, ornamental, veterinária e outros devido à especificação dos informantes em suas realidades cotidianas. Outra adaptação realizada diz respeito às plantas mágicas, que ao contrário do proposto por Phillips & Gentry (1993), foram analisadas separadamente.

Tabela 1 - Categorias de uso das espécies indicadas pelos especialistas locais da comunidade caiçara da Praia do Sono e suas correspondentes descrições.

Categorias de uso	Abreviação	Descrição da categoria
Alimentícia	ali	Citadas como "planta para comer" e "planta para tempero"
Construção	cons	Utilizadas para construção de casa, rancho (caibros, dormentes, ripas de telhado, amarração, etc.) e moirão de cerca.
Combustível	comb	Citadas como "madeira para queimar"
Medicinal	med	Citadas como "planta para remédio"
Ornamental	orn	Plantas utilizadas para adornar quintais e residências
Ritualística	rit	Plantas utilizadas em banhos para "tirar mau olhado" e "abrir o caminho" e cultivadas no entorno das residências para "espantar mau olhado"
Tecnológica	tec	Utilizadas na elaboração de objetos de utilidade doméstica, de lazer ou de trabalho, na construção de móveis, canoas, etc.
Veterinária	vet	Utilizadas para infestação de piolhos nos animais de criação
Outros	out	Citadas para "fazer sombra", "comida de passarinho", "repelente"

As indicações terapêuticas das plantas medicinais indicadas foram decodificadas e agrupadas de acordo com o sistema biomédico convencional, seguindo a "Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde" (CID) adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (WHO, 2007) que agrupa doenças e sintomas em 22 categorias, como pode ser observado no quadro 1.

Algumas vezes os sintomas eram pouco específicos, o que dificultava a categorização dos sistemas corporais. Portanto, quando necessário, uma pesquisa mais profunda era feita com os informantes através de perguntas que possibilitavam esclarecer minimamente a questão.

Quadro - Décima revisão da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde (CID) (WHO, 2007).

- I. Algumas doenças infecciosas e parasitárias
- II. Neoplasias (tumores)
- III. Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários
- IV. Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas
- V. Transtornos mentais e comportamentais
- VI. Doenças do sistema nervoso
- VII. Doenças do olho e anexos
- VIII. Doenças do ouvido e da apófise mastóide
- IX. Doenças do aparelho circulatório
- X. Doenças do aparelho respiratório
- XI. Doenças do aparelho digestivo
- XII. Doenças da pele e do tecido subcutâneo
- XIII. Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo
- XIV. Doenças do aparelho geniturinário
- XV. Gravidez, parto e puerpério
- XVI. Algumas afecções originadas no período perinatal
- XVII. Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas
- XVIII. Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte
- XIX. Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas
- XX. Causas externas de morbidade e de mortalidade
- XXI. Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde
- XXII. Código para condições especiais

IV.2 – Análise dos dados

As análises quantitativas têm o intuito de ajudar a entender como se dá a interação homem-ambiente nesta comunidade, além de favorecer o estreitamento das ligações entre etnobotânica e conservação (Hanazaki *et al.*, 2000). As análises realizadas neste trabalho foram feitas utilizando-se os seguintes índices e técnicas:

Esforço amostral

O esforço amostral foi dimensionado através da análise de regressão linear simples (Zar, 1999) calculada a partir da acumulação de riqueza de espécies (Whittaker, 1975) de acordo com o número acumulado de observações (Loss & Silva, 2005), que corresponde a inserção sequencial de entrevistas.

Esta análise foi realizada utilizando o programa PAST v1.34 (Hammer *et al.*, 2001).

Análise de agrupamento

A verificação da existência de similaridades quanto ao conhecimento sobre o uso dos recursos vegetais pelos informantes da Praia do Sono se fez com a utilização de uma análise de agrupamento, uma técnica multivariada que consiste em agrupar objetos e reconhecer entre eles um grau de similaridade suficiente para reuni-los num mesmo conjunto (Valentin, 1995).

Este agrupamento, baseado na presença e na ausência da citação de cada planta por informante, foi efetuado utilizando o coeficiente de similaridade de *Sorensen*, devido à natureza binária dos dados, pela não consideração das duplas ausências e ainda por dar peso àquilo que está realmente presente na amostra (Valentin, 1995; 2000).

O método de agrupamento escolhido foi o UPGMA⁶, por ter apresentado menor grau de distorção, medido pelo valor do coeficiente cofenético, mostrando-se, dessa forma, mais adequado para a representação dos dados. Para a realização desta análise multivariada foi utilizado o programa PAST v1.34 (Hammer *et al.*, 2001).

As comparações estatísticas dos agrupamentos encontrados foram feitas com a utilização do teste *t* (Zar, 1999).

Teste da diferença do conhecimento entre os gêneros

Para avaliar se a diferença do conhecimento sobre o uso de plantas entre homens e mulheres é significativa, foi feito o teste qui-quadrado utilizando o programa PAST v1.34 (Hammer *et al.*, 2001).

Índice de Shannon-Wiener

O cálculo do índice de diversidade de Shannon-Wiener foi feito com intuito de comparar os dados dessa pesquisa com resultados oriundos de pesquisas etnobotânicas realizadas em diferentes comunidades costeiras do litoral brasileiro. Sua fórmula está descrita em Magurran (1988) e, posteriormente, adaptada por Begossi (1996), para que seu emprego permita comparar o uso de plantas por populações diferentes em ambientes distintos:

$$H' = \sum_{i=1}^s -(pi)(\log pi) ; pi = \frac{ni}{N} ; N = \sum_{i=1}^s ni ; \text{bases } 10 \text{ e } e$$

Onde, *s* = número de espécies; *ni* = número de citações por espécie e *N* = número total de citações.

⁶ Este método de agrupamento, também conhecido como método da associação média, calcula a média aritmética da similaridade ou da distância entre o objeto que se quer incluir num grupo e cada objeto desse grupo. O objeto é atribuído ao grupo com o qual ele tem a maior similaridade média (ou da distância) com todos os objetos (Valentin, 1995).

Os índices usados especificamente para as espécies de uso medicinal foram:

Índice de Importância Relativa (IR)

Onde o pesquisador assume que uma planta é mais importante, quanto mais versátil se apresentar. Ou seja, aquela que obtiver o maior número de indicações. O cálculo é feito de acordo com a fórmula (Bennet & Prance, 2000):

$$IR = NSC + NP$$

Onde, 2 é o valor máximo atribuído por uma espécie para IR; NSC = número de sistemas corporais tratados por uma espécie (NSCE) dividido pelo número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV); NP = número de propriedades atribuídas a uma determinada espécie (NPE) dividido pelo número total de propriedades atribuída à espécie mais versátil (NPEV).

Fator de Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc)

Analisa a concordância entre as respostas dos informantes sobre o uso medicinal das plantas. O fator CUPc foi calculado para as plantas medicinais citadas por três ou mais informantes através da fórmula (Amorozo & Gély, 1988):

$$CUP = \frac{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram usos principais} \times 100}{n^{\circ} \text{ de informantes que citaram o uso da espécie}}$$

Para evitar distorções entre plantas citadas por muitos informantes e as citadas por poucos informantes, o valor de CUP encontrado foi multiplicado por um fator de correção (FC), que corresponde a:

$$FC = \frac{\textit{n}^{\circ} \textit{ de informantes que citaram a espécie}}{\textit{n}^{\circ} \textit{ de informantes que citaram a espécie mais citada}}$$

Assim, encontra-se o valor de “CUP corrigido” (CUPc):

$$CUPc = CUP \times FC$$

V – RESULTADOS E DISCUSSÃO

V.1 – Os caiçaras da Praia do Sono: comunidade estudada

Segundo Jadson, vice-presidente da Associação de Moradores da Praia do Sono, há cinqüenta anos moravam no local 220 famílias, que viviam da pesca artesanal e agricultura, constituindo uma comunidade caiçara tradicional. Com a abertura da BR 101, um grande especulador de terras comprou e indenizou 203 famílias, ficando apenas dezessete delas que lutaram bravamente pela posse de suas terras.

Hoje, apesar de não haver um levantamento atualizado, estima-se a população da Praia do Sono em 60 famílias e 350 habitantes.

A comunidade dispõe de uma escola que atende crianças do ensino fundamental, depois disso os alunos têm que recorrer a outros locais, entretanto, a maioria abandona os estudos. O atendimento de saúde é praticamente nulo, não há posto de saúde. Um médico de Paraty vai quinzenalmente de bote até a praia para fazer o atendimento que acontece na Associação de Moradores, mas, se o mar estiver “arruinado” a visita não ocorre. Geralmente os moradores utilizam os conhecimentos tradicionais para se tratar e se for algo mais sério, vão ao hospital de Paraty.

No Sono não existe sistema de captação de água, tratamento de esgoto ou energia elétrica, toda a infra-estrutura é muito precária. O esgoto é lançado no terreno, no rio próximo ou em fossas, produzindo alto nível de contaminação das águas e dos próprios terrenos.

Existe uma igreja protestante que abre todos os dias e onde ocorrem cultos semanalmente. Antes da chegada da religião protestante ao litoral, os caiçaras da Praia do Sono eram católicos. Relatos orais contam que toda casa mantinha seu oratório com santos, medalhas, fitas, flores coloridas, ou seja, existia uma grande cumplicidade com as imagens dos santos preferidos. As principais formas de lazer eram as festas, procissões, danças, jogos e os pasquins, espécie de literatura de cordel, que relatam a vida nas comunidades. A incorporação desta nova prática religiosa, o protestantismo, teve reflexo no folclore e costumes caiçaras, como, por exemplo, a substituição dos repertórios tradicionais de música e dança por hinários pentecostais.

Os informantes comentaram que sentem falta das festas, danças e cantigas “*Antigamente toda vez que tinha mutirão tinha festa também. A gente cantava as músicas caiçaras e dançava... o violão, a gente fazia as cordas com as fibras da taquara... agora nós como crente, não pode mais fazer festa e nem cantá*” (Seu Nilo).

Os caiçaras da Praia do Sono vivem um drama imposto pela Reserva Ecológica da Juatinga e pelo Condomínio Laranjeiras, freqüentado pela elite brasileira. A reserva impõe restrições ao uso dos recursos naturais, mas também não investe em infra-estrutura. Entretanto, é interessante observar o contraste das luxuosas casas de veranistas do condomínio e as humildes casas caiçaras, que situam-se a apenas poucos quilômetros de distância.

O condomínio controla o acesso à área da Praia do Sono e segundo as famílias caiçaras os condôminos estão sempre dificultando ao máximo seu cotidiano, uma vez que visam tomar posse de suas terras. Para usar o antigo cais que serve a esta comunidade os moradores são obrigados a portar crachá de identificação e só podem acessá-lo com a presença do grupo de seguranças do condomínio. Os moradores são levados de carro da portaria do condomínio até o cais apenas quando os seguranças se certificam, por rádio, que o barco usado em seu transporte se encontra ancorado. Portanto o acesso marítimo foi privatizado e é rigorosamente controlado (Cavaleri, 2003). Uma caminhada até a Praia do Sono, por trilha, implica em aproximadamente duas horas, não sendo recomendável para pessoas com problemas de saúde ou locomoção.

A organização social do grupo é baseada na unidade familiar e, de modo geral, está de acordo com as descrições propostas por Sanches (2004), que definem as comunidades caiçaras presentes na Mata Atlântica. As mulheres são responsáveis pela criação dos filhos e pelos cuidados com o lar: limpeza e arrumação da casa, preparo dos alimentos, cuidado com o quintal e com os pequenos animais de criação, além de ajudarem nas tarefas relacionadas ao turismo. O papel delas é de extrema importância para a manutenção do grupo doméstico. Os homens são incumbidos das funções ligadas à caça e pesca, construção das moradias, abastecimento de lenha e das recentes atividades turísticas.

Os laços de solidariedade são muito presentes e podem ser observados nas constantes práticas de: (a) mutirão para a construção ou ampliação das moradias; (b) puxada coletiva de canoas; (c) coleta de barro, (d) de madeiras como jacatirão (*Miconia*

cinnamomifolia Triana), chile ou casca-preta (*Pera glabrata* (Schott) Baill.), simbiíba ou simbiúva (*Hirtella hebeclada* Moric. Ex DC.), dentre outras e (e) do sapê (*Imperata brasiliensis* Trin.), nos meses de setembro a dezembro, na época da seca. Na hora da “barreada”⁷ a comunidade se encontra e confraterniza.

Segundo diversos depoimentos, o cultivo de roça diminuiu drasticamente, mas ainda é possível encontrar alguns pequenos plantios em quintais de cana (*Saccharum officinarum* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e milho (*Zea mays* L.), geralmente para consumo próprio, e de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), para produção de farinha numa única casa de farinha existente que recorda a tradição da cultura alimentar. “*Antigamente era uma fartura só, nós plantava mandioca, feijão, milho, cana, abóbora, abacaxi, banana... nós não comprava o café e nem o açúcar, nós tinha o pilão, colhia o café, torrava e moia e pra adoçar era com o melado da cana*” (Dna Filinha).

Moradores do Sono associam a diminuição do número de roças a duas questões: as restrições ambientais e a diminuição da mão-de-obra, visto que as novas gerações não se interessam mais pela lavoura, dando preferência às atividades remuneradas, como pode ser observado nesta fala: “*Antes os mais velhos não tinham dinheiro, hoje tem outras atividades que dá dinheiro. Não compensa fazer roça, perde muito tempo pra preparar a terra, prantá e na hora de vender não paga nada*” (Gilmar).

O turismo é uma atividade que vem crescendo nos últimos anos, com um significado econômico muito importante para a comunidade, que aposta nele como via para a conquista de uma vida melhor. Esta atividade se configura na forma de aluguel de chalés, casas e terreiros (quintais) para camping, na oferta de refeições e no serviço de transporte e passeios de bote. Entretanto, esta ocupação vem ocorrendo de forma muito precária, pois além de não existir infra-estrutura para o receptivo turístico, que em épocas de temporada chega a tingir mais de mil pessoas, não é permitida pela legislação ambiental e a comunidade está sempre às voltas com os problemas de fiscalização.

⁷ A “barreada”, assim chamada pela população da Praia do Sono, é a etapa final de construção de uma casa e consiste na colocação do barro na estrutura já armada da casa (estruque). Esta tarefa normalmente é realizada em mutirão.

A construção de canoa é uma tradição dos moradores do Sono, porém, devido à proibição dos órgãos ambientais para a coleta de madeira na mata, esta atividade quase deixou de existir. Entretanto, ainda tem um rapaz que faz e concerta canoas, que ainda são muito utilizadas nas atividades de pesca.

A pesca serve principalmente para o sustento e para o turismo. O uso do cerco⁸ ainda é uma forma de pesca muito presente. No Sono existem cinco, o do Seu Alziro, do Seu Juca, Seu Antônio, Seu Nilo e o da Lindalva. Os que não possuem cerco trabalham junto a eles e o pagamento é feito com parte da produção obtida. Todos os dias, pela manhã e no final da tarde, eles vão de canoa até o cerco para pegar peixe. Quando há sobra, os peixes são limpos e pendurados em varais para secar por aproximadamente 3 dias. Este é o modo utilizado para conservar o alimento, já que não existe eletricidade no local.

O difícil acesso a esta praia contribuiu para que a comunidade da Praia do Sono sustentasse hábitos e tradições de antigas gerações, enquadrando-se no conceito de “comunidades tradicionais” (Diegues & Arruda, 2001).

Porém, os avanços da tecnologia vêm propiciando o acesso ao local, com a substituição das canoas a remo pelos botes a motor, o que acelera o traslado dos habitantes e dos turistas. Pode-se dizer que atualmente os caiçaras da Praia do Sono encontram-se à margem da sociedade global, tanto espacial como socialmente, refletindo um momento dinâmico de transformação e resistência sócio-cultural, seja no modo como expressam seus valores e costumes ou como se apropriam de outros.

⁸ O cerco é um aparelho de pesca passiva, fixado ao fundo do mar por meio de âncoras, normalmente em entradas de baías profundas. Seu princípio de funcionamento é de pescar 24hs por dia, capturando e mantendo vivos os cardumes que, ao migrarem para as zonas costeiras, adentram o aparelho e não conseguem mais sair. A parte principal do cerco é levantada em intervalos regulares para a despesca. O modelo tipicamente utilizado pelos caiçaras não sofreu nenhuma alteração significativa desde sua implantação, exceto a substituição de fibras naturais pelo nylon (Seckendorff *et al.*, 2009).

V.2 – Informantes, transmissão e distribuição do conhecimento

O levantamento etnobotânico realizado compreendeu 43 entrevistas semi-estruturadas. Foram entrevistados 12 informantes (n=12) que detinham o conhecimento da vegetação local, com idade entre 29 e 88 anos, sendo 6 homens e 6 mulheres. Dez deles são nativos da Praia do Sono, e, apenas dois (Seu Nilo e Dna. Vilma), vieram de regiões circunvizinhas, sendo que residem na comunidade com tempo superior a 50 anos.

Cinco informantes não tiveram acesso ao ensino formal e os demais possuem o ensino fundamental incompleto. No tocante às práticas religiosas, seis deles são protestantes e os outros seis relataram não possuir nenhuma religião.

Dentre os informantes há donas de casas (6), parteira (1), merendeira da escola (1), líder comunitário (1) e artesãos (6). Todos possuem quintais em suas residências e relataram cultivar pequenas hortas e/ou roças em seus quintais como uma prática voltada para subsistência e não com fins lucrativos.

A maioria dos entrevistados relatou que aprendeu o uso das plantas com os pais e avós que as utilizavam no cotidiano. *“Tudo que aprendi de planta foi com minha mãe e minha avó, eu prestava atenção no que elas usavam e acabei aprendendo também”* (Elianete). *“Meu pai era do tempo dos antigos, tudo era uma dificuldade aqui e eles usava as pranta pra tudo. Aprendi usar com ele”* (Seu Dácio).

Entretanto, a observação de campo, indica que as informações sobre as plantas também fluem através de redes informais de conhecimentos, onde saberes e práticas são difundidos entre vizinhos, amigos e familiares de forma muito dinâmica, por meio de trocas de mudas, sementes e receitas.

A verificação da existência de similaridades quanto ao conhecimento sobre o uso dos recursos vegetais, a partir do dendrograma produzido através da matriz de presença/ausência de cada espécie citada por cada informante, mostrou um considerável ajuste à matriz de coeficientes calculada ($r_{cs}=0,8944$) e formou dois grupos distintos que separam claramente os gêneros, indicando que existe uma preferência no uso de determinadas espécies por homens e por mulheres (Fig. 4). Porém, quando a diversidade dessas plantas foi avaliada entre os gêneros, pelo teste t , esta diferença não se apresentou

significativa ($p = 0,2507$). Logo, homens e mulheres possuem preferência quanto ao uso e compartilham valores de diversidade de plantas semelhantes.

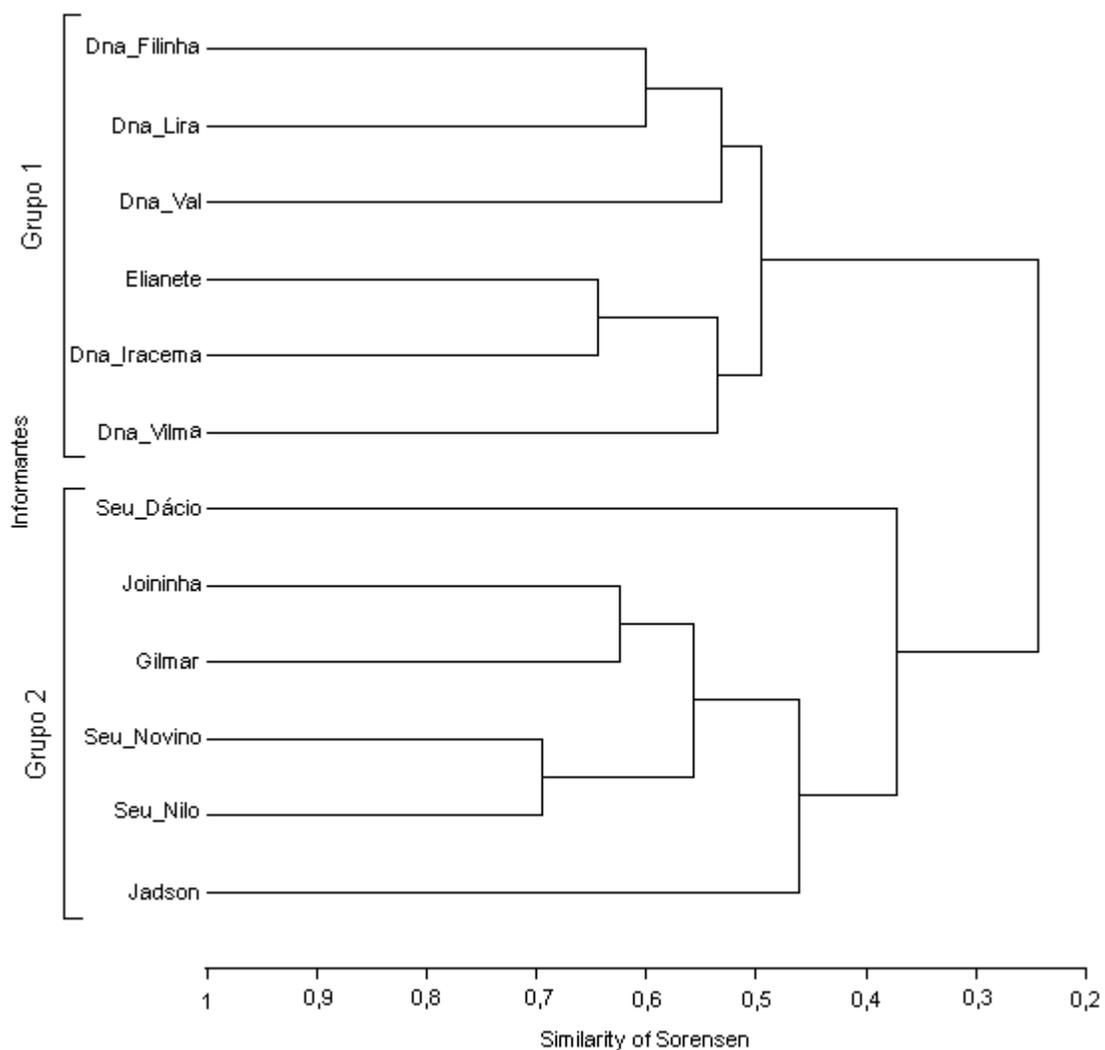


Figura 4 – Análise da similaridade do conhecimento sobre o uso dos recursos vegetais entre os informantes da praia do Sono.

O primeiro grupo evidenciado no dendograma é constituído pelas seis mulheres entrevistadas, cujas principais atividades exercidas estão relacionadas com manutenção e cuidados com o lar, que incluem: criação dos filhos, preparo dos alimentos, limpeza e arrumação da casa, atenção com o quintal e com os pequenos animais de criação. O papel desempenhado por elas na organização social da comunidade lhes atribui um maior conhecimento sobre as espécies empregadas para fins medicinais, alimentares, ornamentais

e veterinários, o qual foi responsável por agrupá-las exclusivamente juntas. Já no segundo grupo formado, encontram-se os seis homens participantes da pesquisa, que são incumbidos das funções ligadas à caça e pesca, construção das moradias, abastecimento de lenha, etc. Estes especialistas se destacam quanto ao conhecimento sobre plantas nativas da Mata Atlântica, sobretudo as de porte arbóreo inseridas nas categorias de uso relativas à construção, combustível e tecnologia.

Segundo Laraia (2002) o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado, o que explica em parte esse conhecimento, visto que o padrão de distribuição do conhecimento dos recursos vegetais pelos informantes aponta para uma tendência onde as mulheres parecem conhecer um grande repertório não só de plantas medicinais, como de plantas relacionadas com o quintal (alimentícias, ornamentais e veterinárias), enquanto os homens demonstraram ter maior conhecimento das espécies da mata (lenha combustível, construção e tecnológicas).

Como constatado por Miranda & Hanazaki (2008), as análises de agrupamento mostram-se bastante promissoras em estudos etnobotânicos para o entendimento do conhecimento dos moradores sobre plantas e, quando utilizadas adequadamente, podem elucidar minúcias e sutilezas presentes nas relações entre grupos humanos e os recursos vegetais.

Foi verificado que existe uma diferença significativa entre o conhecimento sobre o uso de plantas entre os gêneros evidenciado no teste de qui-quadrado ($X^2 = 477,47$; g.l = 8; $p < 0,0001$). O principal motivo para essa diferença está no grande número de espécies utilizadas nas categorias de uso medicinal e veterinária, citadas pelas informantes do sexo feminino, e na expressiva quantidade de espécies nas categorias construção, combustível e tecnológica, citadas pelos informantes masculinos (Fig. 5).

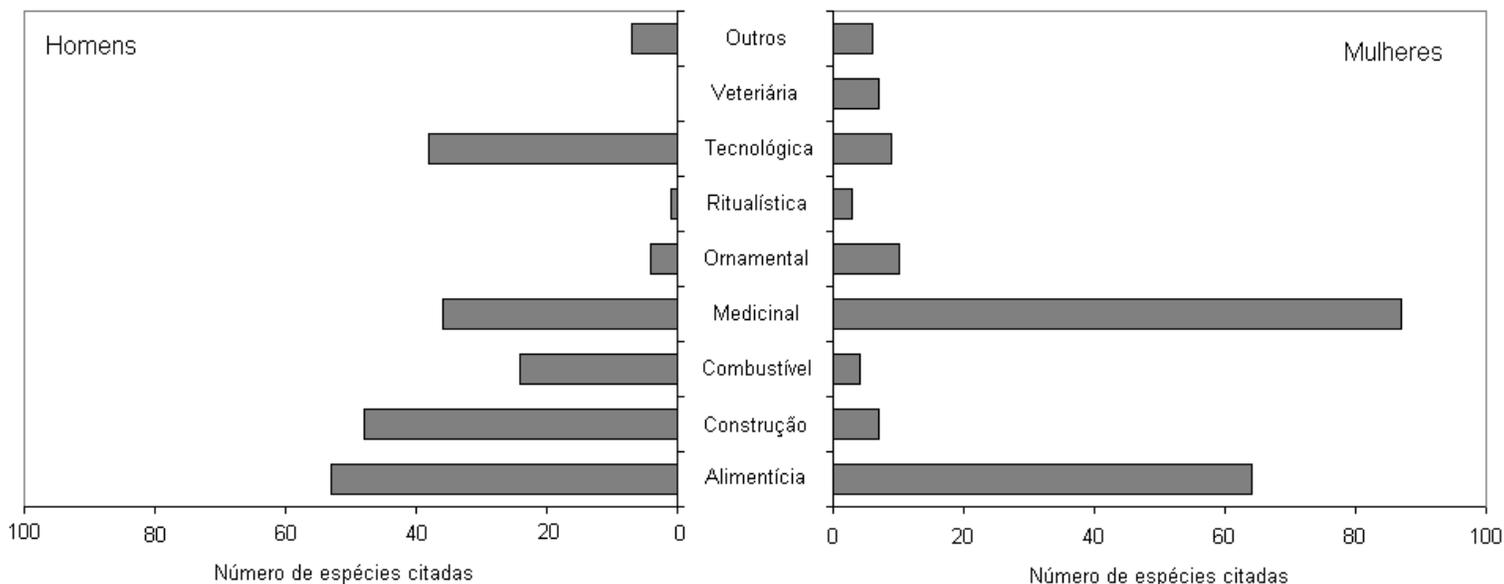


Figura 5 – Distribuição do número de espécies indicadas em cada categoria de uso pelos informantes homens e mulheres da praia do Sono.

Espera-se que homens e mulheres tenham conhecimentos e habilidades diferenciados sobre o uso da vegetação local (Kainer & Duryea, 1992). Entre os caiçaras, geralmente as mulheres sabem mais sobre plantas medicinais do que os homens, uma vez que é delas a preocupação com a saúde da família, para quem cultivam, colhem, preparam e ministram os remédios caseiros (Figueiredo *et al.*, 1993). Entretanto, Rossato *et al.* (1999) encontraram em quatro das cinco comunidades caiçaras que analisaram no litoral de São Paulo, um maior conhecimento das plantas medicinais pelos homens e não pelas mulheres, e associaram este resultado à grande interação que eles possuem com os recursos vegetais devido a suas freqüentes atividades de mateiros e às influências dos imigrantes.

Hanazaki *et al.* (2000) estudaram duas comunidades caiçaras, Ponta do Almada e Praia de Camburí, no Município de Ubatuba, Estado de São Paulo, e para as duas constataram que o conhecimento sobre plantas é diferente de acordo com o gênero, especialmente com relação às plantas utilizadas na categoria tecnológica.

V.3 – Dados sobre as espécies vegetais

Foram obtidas indicações de 215 etnoespécies⁹ para diversos fins. Deste total 190 táxons foram identificados pelo menos em nível de gênero, segundo apresentado na Tabela 3 (p. 45-55).

As plantas citadas estão distribuídas em 61 famílias botânicas, sendo que as mais representativas em número de espécies foram Fabaceae (14 espécies), Poaceae (13 espécies), Lamiaceae e Myrtaceae (11 espécies), Euphorbiaceae (10 espécies), Asteraceae (9 espécies), Malvaceae e Rutaceae (8 espécies) e Arecaceae e Melastomataceae (6 espécies) (Fig. 6). As demais famílias foram representadas por quatro, três, duas ou uma espécie cada.

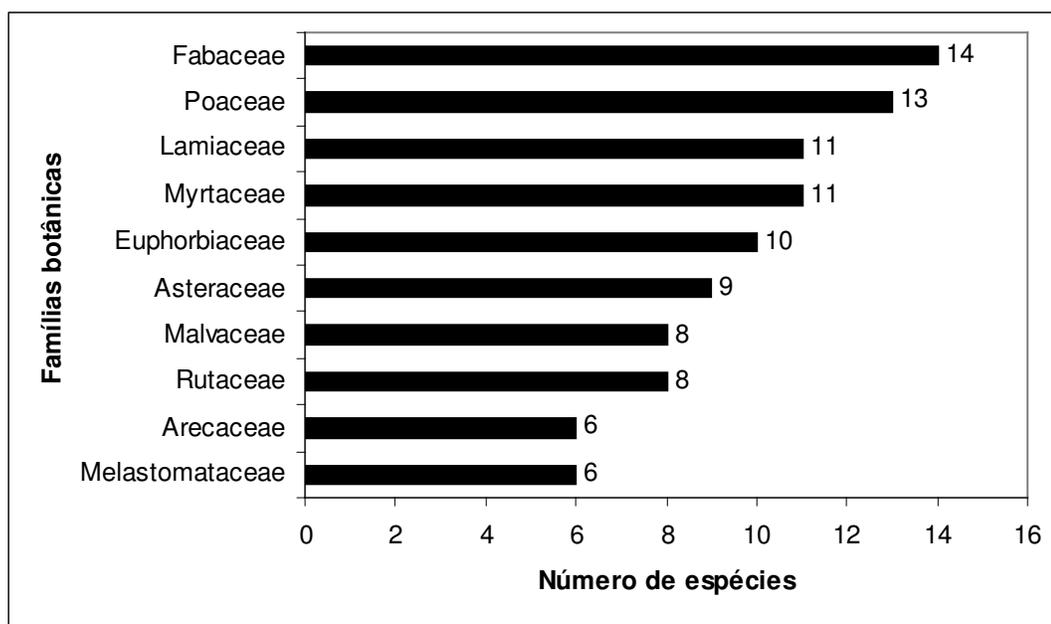


Figura 6 – Famílias botânicas mais representativas em número de espécies indicadas como úteis pelos informantes da Praia do Sono.

⁹ O termo *etnoespécie* é aqui empregado como sinônimo de nome popular de uma planta, da denominação pela qual ela é conhecida e chamada vulgarmente. Na catalogação das etnoespécies, notaram-se as ocorrências de: a) homonímia (um mesmo nome popular para designar plantas de espécies diferentes, como, por exemplo, a arnica, utilizada para denominar *Iresine herbstii* Hook. e *Polygala paniculata* L. e a quebra-pedra, empregada para designar *Euphorbia prostrata* Aiton e *Phyllanthus tenellus* Roxb.) e b) sinonímia (vários nomes populares pelos quais se denominam uma única espécie, como é o caso do côco-de-natal e tucum, utilizados para designar *Bactris setosa* Mart. e do chile e casca-preta, usados para chamar *Pera glabrata* (Schott) Baill.).

Resultados semelhantes foram encontrados por Hanazaki *et al.* (2000) e Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) que apontaram as famílias Fabaceae, Poaceae, Lamiaceae, Myrtaceae, Euphorbiaceae e Asteraceae como predominantes em seus levantamentos etnobotânicos realizados em comunidades caiçaras. A família Fabaceae também é citada em Begossi *et al.* (1993) como a mais representativa.

Considerando a origem das espécies, os informantes do presente estudo indicaram plantas nativas e exóticas como úteis. Do total, foram citadas 108 espécies nativas e 82 exóticas.

Miranda & Hanazaki (2008) estudaram as comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC) e apuraram 111 plantas nativas e 109 exóticas. As autoras inferiram que as comunidades que mencionam um maior número de espécies nativas refletem uma maior interação com a vegetação local, que pode ser explicada por vários fatores complementares, como a distância dos grandes centros urbanos, a dificuldade de acesso, a dedicação dos moradores com tarefas que envolvem o ambiente e o tempo de permanência dos habitantes na comunidade. Borges & Peixoto (2009) também verificaram que a maioria das plantas citadas pelos dez especialistas locais da comunidade caiçara de Martim de Sá, litoral sul do estado do Rio de Janeiro, é nativa da região.

O diagrama de esforço amostral, relacionado à acumulação de riqueza de espécies de acordo com a inserção seqüencial de entrevistas com os informantes da Praia do Sono, apresentou uma curva ascendente de relações significativas ($r^2 = 0,582$; $p < 0,0001$) entre número de entrevistas e riqueza observada (Fig. 7), isto é, um aumento do esforço amostral provavelmente acarretará num aumento na riqueza.

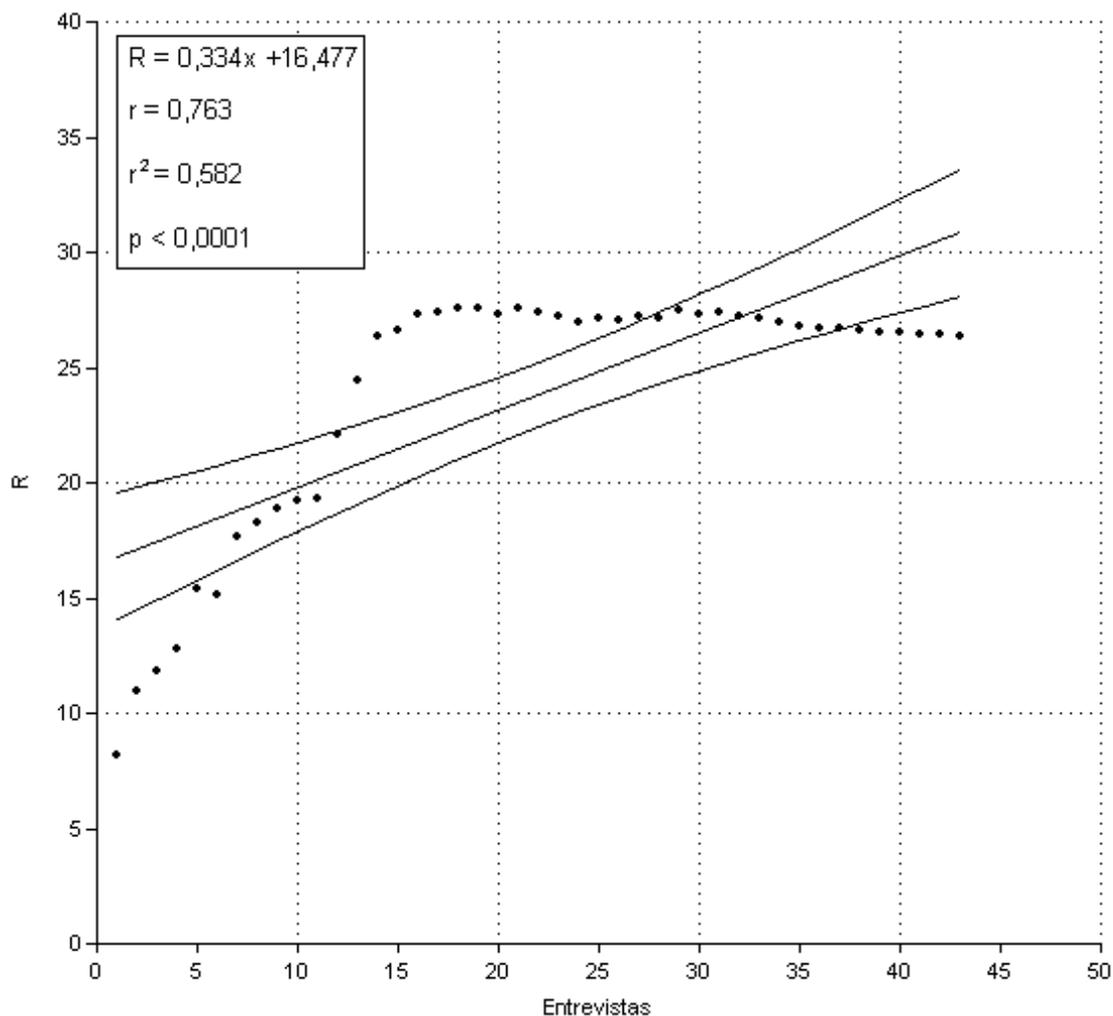


Figura 7 - Gráfico do esforço amostral relacionado à acumulação de riqueza de espécies de acordo com a inserção sequencial de entrevistas com os informantes da Praia do Sono.

De acordo com Amorozo (2002), a disponibilidade das espécies a serem utilizadas, influencia o conhecimento de uso das mesmas, logo, uma região que possui grande riqueza florística apresentará um maior número de espécies que poderão ser utilizadas pela população que lá reside.

O resultado obtido corrobora a observação de Amorozo (2002), visto que a comunidade da Praia do Sono está situada no domínio de Mata Atlântica, ecossistema reconhecido por sua alta riqueza florística (Carvalho *et al.*, 2008). Portanto, um maior número de entrevistas traria um aumento na riqueza de espécies citadas pelos informantes, já que estes especialistas são grandes conhecedores dos recursos vegetais da floresta.

As plantas foram agrupadas em nove categorias, segundo a sua utilização, sendo a categoria medicinal a que apresentou o maior número de táxons (89 espécies), seguida da categoria alimentícia (64 espécies) e construção (48 espécies) (Fig. 8).

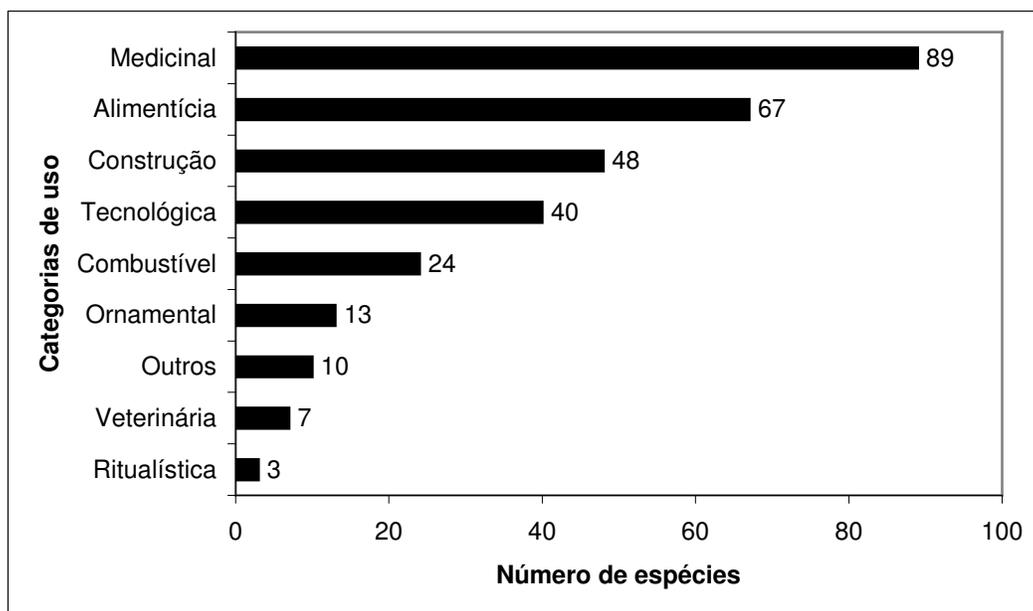


Figura 8 – Distribuição das espécies indicadas em cada categoria de uso pelos informantes da Praia do Sono.

Outros estudos etnobotânicos em formações vegetais e culturais distintas apresentaram a categoria medicinal como a mais significativa, como pode ser observado na caatinga pernambucana, no trabalho de Albuquerque & Andrade (2002) e entre os camponeses do sul de Minas, em Sá (2007).

O hábito predominante entre as plantas úteis foi o arbóreo, representado por 95 espécies do total de espécies indicadas, seguido por herbáceo, representado por 65 espécies. Os demais hábitos somaram: 16 espécies de arbustos e 14 espécies de trepadeiras (Fig. 9).

Do total das arbóreas 26% pertencem à categoria construção, 18% à categoria tecnológica, 17% são árvores utilizadas como alimentícias, 15% medicinais e 14% usadas como lenha combustível. As demais espécies arbóreas somam 10% do total e estão nas categorias ornamental, outros e veterinária.

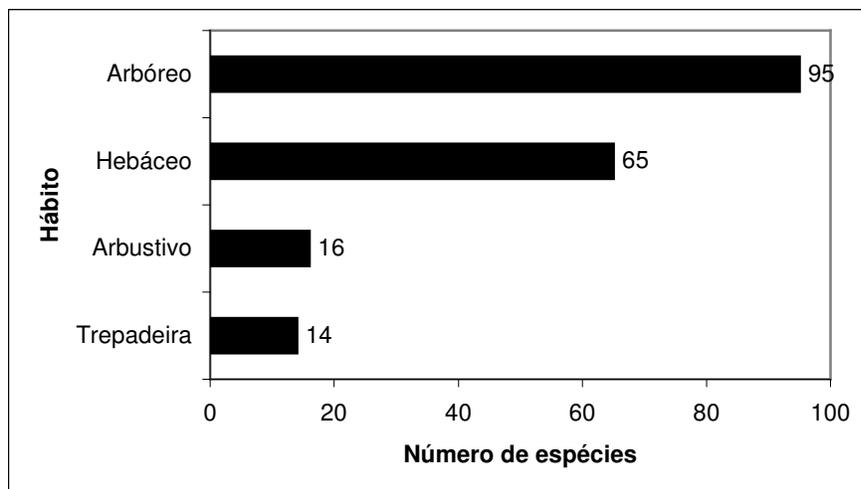


Figura 9 – Distribuição do hábito das espécies indicadas como úteis pelos informantes da Praia do Sono.

De acordo com Christo *et al.* (2006) a elevada porcentagem de espécies arbóreas principalmente utilizadas nas categorias construção e tecnológica reafirma a importância destes tipos de usos nos recursos florestais da Mata Atlântica, ao mesmo tempo em que demanda cuidados, uma vez que sua obtenção pode acarretar danos à conservação das espécies. Outros estudos (Albuquerque *et al.*, 2005; Cunha & Albuquerque, 2006; Alarcon & Peixoto, 2008), que possuem como foco o conhecimento acerca das espécies arbóreas das florestas, mostram que estes usos são geralmente os mais encontrados.

As partes das plantas mais citadas para os usos indicados foram: caule (33%), seguida por folha (26%), fruto (23%), planta toda (6%) e parte aérea (4%). As demais partes vegetais e o exudado citados somam 8% do total e são: raiz, flor, inflorescência, semente e mucilagem.

Das 190 espécies indicadas e coletadas, 61% foram provenientes dos quintais dos entrevistados, 37% foram oriundas da mata e 2% foram encontradas na praia (Fig. 10).

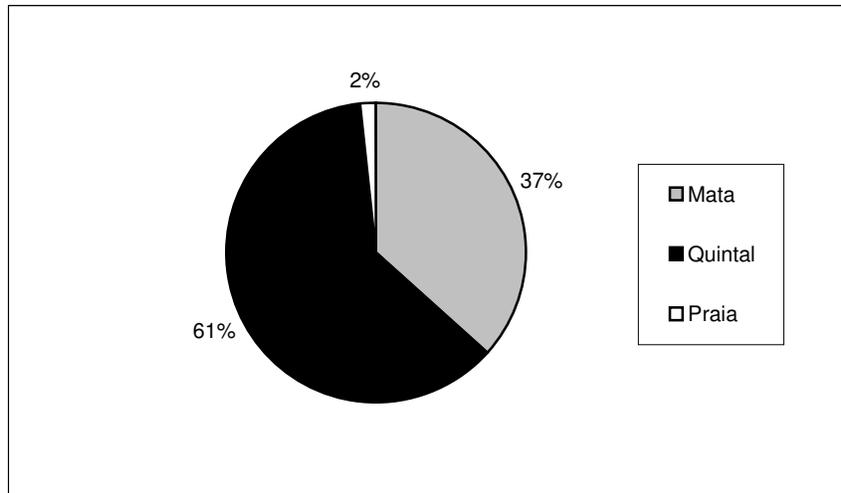


Figura 10 – Locais de coleta das espécies utilizadas pelos informantes da Praia do Sono.

As plantas presentes nos quintais dos informantes da Praia do Sono tem como principais finalidades a promoção de saúde, alimentação e bem-estar, pois a maioria das espécies presentes neste ambiente encontram-se nas categorias medicinal (76 espécies), alimentícia (59 espécies) e ornamental (10 espécies). Entretanto, todos os 7 táxons citados na categoria veterinária e os 3 indicados na categoria ritualística foram coletados nos quintais dos informantes, indicando que estes espaços também abrigam as espécies utilizadas para eliminar infestações de piolhos nos animais de criação e aquelas empregadas em banhos para tirar "mau olhado" e "abrir caminho".

Guarim Neto & Carniello (2008) afirmam que nos quintais geralmente são cultivadas e mantidas diversas plantas com potencial para suprir parte das necessidades básicas inerentes à família, como nutrição, plantas medicinais, lenha, condimentares, ornamentais e eventualmente essências florestais. Blanckaert *et al.* (2004) acrescentam que estes locais podem ainda desempenhar importantes funções ecológicas ao mesmo tempo em que contribuem com a conservação de espécies nativas.

As espécies vegetais cultivadas nos quintais são obtidas por meio de vizinhos, amigos, familiares ou trazidas da mata e raramente compradas em feiras ou mercados de Paraty. Florentino *et al.* (2007), ao estudarem quintais agroflorestais em Pernambuco, verificaram que 86% das plantas foram obtidas através de parentes, amigos e vizinhos.

Foi verificado que os quintais são cuidados geralmente pelas mulheres e membros mais velhos da família, que interagem de forma mais intensiva com as crianças da

comunidade. Desta forma, pode-se supor que o quintal é um espaço potencial para a manutenção e transmissão do conhecimento tradicional, já que este saber tem chance de ser transmitido à próxima geração. Guarim Neto & Carniello (2008) afirmam que embora com extensão territorial reduzida, o quintal reúne um acervo vegetal com intrincadas manifestações culturais, envolvendo a origem, manejo e utilização.

A diversidade de espécies expressada através do índice de Shannon-Wiener (H'), adaptado por Begossi (1996), tem sido utilizada em comparações de estudos etnobotânicos desempenhados no Brasil. Neste trabalho foram analisadas diferentes pesquisas realizadas em comunidades costeiras do litoral sudeste do país, as quais encontram-se sumarizadas na Tabela 2 (p. 44).

No Estado do Rio de Janeiro, em estudo realizado em Gamboa, Ilha de Itacuruçá, Figueiredo *et al.*, (1993) obtiveram 558 citações de uso de plantas correspondendo a 90 espécies vegetais. Os mesmos autores, em 1997, ao realizarem um levantamento sobre a diversidade de espécies indicadas como úteis pela comunidade de Chalhaus, situada na Baía de Sepetiba, encontraram 482 citações para as 75 espécies encontradas. Em Arraial do Cabo, Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) obtiveram 68 espécies das 444 citações de uso de plantas. Borges & Peixoto (2009) enfocaram a comunidade de Martim de Sá, que, da mesma forma que a presente pesquisa, está localizada no Município de Paraty e catalogaram 76 espécies e 355 citações.

Na Ilha de Búzios, São Paulo, Begossi *et al.* (1993) trabalharam com 56 informantes da comunidade pesqueira, encontrando 128 espécies utilizadas. Rossato *et al.* (1999) realizaram um estudo sobre o uso de plantas em cinco comunidades caiçaras no Estado de São Paulo e inventariaram um número de espécies variando de 57 a 216. Em Ponta do Almada e Praia de Camburí, São Paulo, Hanazaki *et al.* (2000) apontaram 152 e 162 espécies úteis utilizadas, respectivamente, pelas comunidades.

Miranda & Hanazaki (2008) investigaram o uso dos recursos vegetais em quatro comunidades caiçaras na Ilha do Cardoso (SP), que, devido a diversos fatores, foram reunidas e analisadas em dois grupos: Pereirinha e Itacuruçá (20 informantes); e Foles e Cambriú (31 informantes), e uma comunidade açoriana na Ilha de Santa Catarina (SC), chamada Naufragados (20 entrevistados). As autoras encontraram para Pereirinha e

Itacuruçá um total de 124 espécies e 473 citações, para Foles e Cambriú 86 espécies e 340 citações e em Naufragados identificaram 93 espécies para 190 citações de uso.

No Paraná, Lima *et al.* (2000) catalogaram uma diversidade de 445 plantas em entrevistas realizadas com 90 informantes na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba.

Lima *et al.* (2000) afirmaram que valores do índice de Shannon-Wievers (H') elevados, em geral, relacionam áreas relativamente bem conservadas associadas a populações com significativo conhecimento etnobotânico. O índice de Shannon-Wievers (H') obtido neste estudo foi de 2,18 (base 10) e 5,03 (base e) (Tab. 2), indicando que os informantes especialistas da Praia do Sono detêm grande conhecimento sobre o uso de recursos vegetais.

Quando este índice é comparado com o das demais comunidades anteriormente citadas, os informantes da Praia do Sono situam-se em segundo lugar, segundo este parâmetro. Entretanto, é importante ressaltar que os outros autores, com exceção de Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) e Borges & Peixoto (2009), não trabalharam com especialistas locais, mas sim com uma amostragem aleatória, superior ao que identificamos como especialistas locais, já que procuraram abranger a comunidade como um todo.

Tabela 2 - Comparação de índices de diversidade de Shannon-Wiever (H') em estudos realizados em diferentes comunidades costeiras do litoral brasileiro. (NE: número de espécies; NI: número de informantes; NC: número de citações de uso; H' : índice de Shannon-Wiever).

Local de estudo	NE	NI	NC	H'		Fonte
				base 10	base e	
Gamboa, RJ	90	58	558	1,65	-	Figueiredo <i>et al.</i> , 1993
Chalhaus, RJ	75	42	482	1,53	-	Figueiredo <i>et al.</i> , 1997
Arraial do Cabo, RJ	68	15	444	1,78	4,10	Fonseca-Kruel & Peixoto, 2004
Martim de Sá, RJ	76	10	355	1,81	-	Borges & Peixoto, 2009
Ilha de Búzios, SP	128	56	-	1,57	-	Begossi <i>et al.</i> , 1993
Praia do Puruba, SP	124	22	414	1,92	-	Rossato <i>et al.</i> , 1999
Sertão do Puruba, SP	140	28	525	1,92	-	Rossato <i>et al.</i> , 1999
Picinguaba, SP	216	83	1552	2,06	-	Rossato <i>et al.</i> , 1999
Casa de Farinha, SP	108	18	393	1,85	-	Rossato <i>et al.</i> , 1999
Ilha de Vitória, SP	57	11	195	1,61	-	Rossato <i>et al.</i> , 1999
Ponta do Almada, SP	152	45	434	1,99	4,59	Hanazaki <i>et al.</i> , 2000
Praia de Camburí, SP	162	57	541	1,98	4,57	Hanazaki <i>et al.</i> , 2000
Pereirinha e Itacuruçá, SP	124	20	473	2,04	-	Miranda & Hanazaki, 2008
Foles e Cambriú, SP	86	31	340	1,83	-	Miranda & Hanazaki, 2008
Naufragados, SC	93	12	190	1,90	-	Miranda & Hanazaki, 2008
Guaraqueçaba, PR	445	90	3400	2,38	5,48	Lima <i>et al.</i> , 2000
Praia do Sono, RJ	190	12	1341	2,18	5,03	Presente estudo

Hanazaki *et al.* (2000) analisando os índices de diversidade de Shannon-Wiever (H') em comunidades caiçaras da Mata Atlântica, conseguiram perceber alguns padrões gerais. As maiores diversidades foram encontradas em comunidades localizadas no continente, quando comparadas à diversidade encontrada nas ilhas (Gamboa, Chalhaus, Ilha de Búzios e Ilha de Vitória). Rossato *et al.* (1999) discutem essa tendência com base na teoria de biogeografia de ilhas (MacArthur & Wilson, 1967), onde espera-se encontrar uma menor diversidade de espécies nas ilhas do que em áreas continentais.

Tabela 3 - Plantas citadas pelos informantes da Praia do Sono, Paraty, RJ. Família / Espécie. Nome local. Hábito. Categoria / Parte utilizada. “Status”. Local de coleta. As categorias de uso foram abreviadas como: alimentícia (ali), construção (cons), combustível (comb), medicinal (med), ornamental (orn), ritualística (rit), tecnológica (tec), veterinária (vet) e outros (out).

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
ALISMATACEAE					
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mitch.	chapéu-de-couro	herbáceo	med (folha)	nativa	quintal
AMARANTHACEAE					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze	terramicina	herbáceo	med (folha)	nativa	quintal
<i>Iresine herbstii</i> Hook.	arnica; paraguaia	herbáceo	med; orn (folha)	exótica	quintal
ANACARDIACEAE					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajú	arbóreo	ali; med (fruto)	nativa	quintal
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	arbóreo	ali (fruto); med (folha)	exótica	quintal
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira	arbóreo	cons; med; tec (caule); out (fruto)	nativa	praia
<i>Spondias mombin</i> L.	cajá	arbóreo	ali (fruto)	nativa	quintal
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	canafístula; cupiuva	arbóreo	cons; tec (caule)	nativa	mata
ANNONACEAE					
<i>Guatteria australis</i> A.St.-Hil.	bicuíba	arbóreo	med (fruto)	nativa	mata
<i>Rollinia mucosa</i> (Jacq.) Baill.	condessa	arbóreo	ali (fruto)	nativa	quintal
APIACEAE					
<i>Coriandrum sativum</i> L.	coentro	herbáceo	ali (folha)	exótica	quintal
<i>Eryngium foetidum</i> L.	coentro-bravo; coentrão	herbáceo	ali (folha)	nativa	quintal
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) A. W. Hill	salsa	herbáceo	ali (folha)	exótica	quintal
APOCYNACEAE					
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	boa-noite	herbáceo	orn (parte aérea)	exótica	quintal
ARACEAE					
<i>Anthurium</i> sp.	cipó-imbé	trepadeira	cons; tec (caule)	nativa	mata
<i>Colocasia esculenta</i> Schott	inhame	herbáceo	ali (caule)	exótica	quintal

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
<i>Heteropsis salicifolia</i> Kunth	timbupeba	trepadeira	cons; tec (caule)	nativa	mata
ARECACEAE					
<i>Astrocaryum aculeatissimum</i> (Schott) Burret	côco-preto	arbóreo	ali (fruto)	nativa	mata
<i>Attalea dubia</i> (Mart.) Burret	indaiá	arbóreo	ali (fruto)	nativa	mata
<i>Bactris setosa</i> Mart.	côco-de-natal; tucum	arbóreo	ali (fruto)	nativa	mata
<i>Cocos nucifera</i> L.	côco	arbóreo	ali (fruto)	exótica	quintal
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	jiçara; juçara	arbóreo	ali; cons (caule)	nativa	mata
<i>Syagrus pseudococus</i> (Raddi) Glassman	pati	arbóreo	cons; tec (caule)	nativa	mata
ASTERACEAE					
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC.	camomila; macela	herbáceo	med (inflorescência)	nativa	mata
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	erva-de-são-joão	herbáceo	med (planta toda)	nativa	quintal
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	vassoura-de-alecrim	herbáceo	tec (parte aérea)	nativa	mata
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	carqueja	herbáceo	med (caule)	exótica	quintal
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão	herbáceo	med (planta toda)	nativa	quintal
<i>Lactuca sativa</i> L.	alface	herbáceo	ali (folha)	exótica	quintal
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco	trepadeira	med (folha)	nativa	quintal
<i>Vernonia beyrichii</i> Less.	cambará-roxo	arbustivo	med (folha)	nativa	mata
<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	assa-peixe	arbóreo	med (folha)	exótica	quintal
BIGNONIACEAE					
<i>Crescentia cujete</i> L.	cabaço	arbóreo	comb (caule); med; tec (fruto)	exótica	quintal
<i>Tabebuia cassinoides</i> (Lam.) DC.	caxeta	arbóreo	tec (caule)	nativa	mata
<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	ipê	arbóreo	cons; tec (caule)	nativa	mata
<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum	ipê-da-capoeira	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
BORAGINACEAE					
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	baleeira	arbustivo	med (folha)	exótica	quintal
BRASSICACEAE					
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>acephala</i> D.C.	couve	herbáceo	ali; med (folha)	exótica	quintal

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
BROMELIACEAE					
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	herbáceo	ali; med (fruto)	exótica	quintal
CARICACEAE					
<i>Carica papaya</i> L.	mamão-macho	arbóreo	med (flor)	exótica	quintal
CECROPIACEAE					
<i>Cecropia pachystachya</i> Trec.	baibera; imbaíba	arbóreo	comb; tec (caule); med (folha)	nativa	mata; quintal
CHENOPODIACEAE					
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	santa-maria	herbáceo	med; vet (parte aérea)	exótica	quintal
CHRYSOBALANACEAE					
<i>Hirtella hebeclada</i> Moric. Ex DC.	simbiíba; simbiúva	arbóreo	cons; comb (caule)	nativa	mata
CLUSIACEAE					
<i>Clusia lanceolata</i> Cambess.	cebola-da-praia	arbóreo	orn (parte aérea); out (fruto)	nativa	mata
COMBRETACEAE					
<i>Terminalia catappa</i> L.	amendoeira	arbóreo	ali (fruto); comb; cons (caule); out (copa)	exótica	praia
CONVOVULACEAE					
<i>Ipomea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	herbáceo	ali; med (raíz)	exótica	quintal
COSTACEAE					
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	cana-do-brejo	herbáceo	med (folha)	nativa	quintal
CRASSUALCEAE					
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (L. f.) Oken	estalo	herbáceo	med (folha)	exótica	mata; quintal
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess	saião	herbáceo	med (folha)	nativa	quintal
CRUCIFERA					
<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	agrião	herbáceo	ali; med (folha)	exótica	quintal
CUCURBITACEAE					

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
<i>Cucumis sativus</i> L.	pepino	herbáceo	ali (fruto)	exótica	quintal
<i>Cucurbita pepo</i> L.	abóbora	herbáceo	ali (fruto); med (flor)	exótica	quintal
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	trepadeira	med (folha)	exótica	quintal
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	chuchu	trepadeira	ali (fruto); med (folha)	exótica	quintal
DILLENACEAE					
<i>Davilla rugosa</i> Poiret	cipó-caboclo	trepadeira	cons; med; tec (caule)	nativa	mata
ELAEOCARPACEAE					
<i>Sloanea guianensis</i> Benth.	guariçica-da-folha-grande	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
ERYTROXYLACEAE					
<i>Erytroxylum ovalifolium</i> peyr.	futiabeira; putiabeira	arbóreo	med (folha)	nativa	quintal
EUPHORBIACEAE					
<i>Alchornea glandulosa</i> Poepp. & Endl.	chichá	arbóreo	tec (caule)	nativa	mata
<i>Aleurites moluccana</i> Willd.	noga	arbóreo	ali; tec (fruto)	exótica	quintal
<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton	quebra-pedra	herbáceo	med (planta toda)	nativa	quintal
<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch	seis-meis	arbustivo	orn (parte aérea)	exótica	quintal
<i>Hyeronima alchorneoides</i> Fr. Allem.	arecurana; aricurana	arbóreo	cons; tec (caule)	nativa	mata
<i>Mabea brasiliensis</i> Müll. Arg.	canudo	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	ipi; mandioca	herbáceo	ali (raíz)	nativa	quintal
<i>Pera glabrata</i> (Schott) Baill.	chile; casca-preta	arbóreo	comb; cons (caule)	nativa	mata
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	arbustivo	ali; tec (fruto); med (folha)	exótica	quintal
<i>Sapium</i> sp.	tarumã	arbóreo	tec (caule)	nativa	mata
FABACEAE					
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	feijão-guandu	arbustivo	ali (fruto); med (folha)	exótica	quintal
<i>Desmodium adscendens</i> (SW.) DC.	carrapichinho	herbáceo	med (planta toda)	nativa	mata
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	arbóreo	cons; med (caule)	nativa	mata

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
<i>Inga lanceifolia</i> Benth.	cabriúba; cambriúba	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
<i>Inga striata</i> Benth.	ingá	arbóreo	ali (fruto); cons (caule)	nativa	mata
<i>Inga vera</i> Willd.	ingá	arbóreo	ali (fruto); cons (caule)	nativa	mata
<i>Mimosa pudica</i> L.	dormideira	herbáceo	med; rit (planta toda)	nativa	quintal
<i>Myrocarpus frondosus</i> Fr. Allem.	cabriúba-vermelha	arbóreo	cons; tec (caule)	nativa	mata
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão	herbáceo	ali (fruto)	exótica	quintal
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) Macbr.	cobi	arbóreo	tec (caule)	nativa	mata
<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Blake	garapubu	arbóreo	tec (caule)	nativa	mata
<i>Senna multijuga</i> Rich. I. & B.	aleluia	arbóreo	comb (caule); orn (planta toda)	nativa	mata
<i>Swartzia myrtifolia</i> var. <i>elegans</i> (Schott) R. S. Cowan	laranjeira-do-mato	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
<i>Tachigali paratyensis</i> (Vell.) H. C. Lima	ingá-de-flecha	arbóreo	tec (caule)	nativa	mata
LAMIACEAE					
<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	cordão-de-frade	herbáceo	med (folha); rit (planta toda)	exótica	quintal
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	santa-rita	herbáceo	med (planta toda)	exótica	quintal
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl.) Kuntze	erva-madre	herbáceo	med (planta toda)	nativa	quintal
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	herbáceo	med (planta toda)	exótica	quintal
<i>Mentha sativa</i> L.	hortelã-de-bicho; hortelã-miúdo; hortelãzinho; hortelã	herbáceo	ali; med (folha)	exótica	quintal
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	herbáceo	ali; med (folha)	exótica	quintal
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	alfavaca	herbáceo	ali; med (folha)	nativa	quintal
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-de-galinha	herbáceo	ali; med (folha)	exótica	quintal
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	herbáceo	med (folha)	exótica	quintal
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	anador	herbáceo	med (folha)	exótica	quintal
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	herbáceo	ali; med (folha)	exótica	quintal

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
LAURACEAE					
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	arbóreo	ali; med (folha)	exótica	quintal
<i>Ocotea</i> sp.	canela	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	arbóreo	ali (fruto); med (folha)	exótica	quintal
LECYTHIDACEAE					
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	jequitibá	arbóreo	med; tec (caule)	nativa	mata
<i>Couratari pyramidata</i> (Vell.) R. Knuth	sapucaia-de-esqueiro	arbóreo	cons (caule); tec (raiz)	nativa	mata
<i>Lecythis pisonis</i> Camb.	sapucaia-de-côco	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
LILIACEAE					
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	herbáceo	ali (caule)	exótica	quintal
<i>Allium fistulosum</i> L.	cebolinha	herbáceo	ali (folha)	exótica	quintal
<i>Allium sativum</i> L.	alho	herbáceo	ali; med (caule)	exótica	quintal
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	herbáceo	med (mucilagem)	exótica	quintal
LORANTHACEAE					
<i>Struthanthus concinnus</i> Mart.	erva-de-passarinho	trepadeira	med (folha)	nativa	quintal
LYTRACEAE					
<i>Punica granatum</i> L.	romã	arbustivo	ali; med (fruto)	exótica	quintal
MALPIGHIACEAE					
<i>Bunchosia armeniaca</i> DC.	cereja	arbustivo	ali (fruto)	exótica	quintal
<i>Malpighia emarginata</i> Sessé & Moc. Ex DC.	acerola	arbustivo	ali (fruto)	exótica	quintal
MALVACEAE					
<i>Bombacopsis glabra</i> (Pasq.) A. Rob.	castanha	arbóreo	cons (caule)	nativa	quintal
<i>Eriotheca</i> sp.	paineira	arbóreo	cons (caule); out (fruto)	nativa	quintal
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	algodão	arbóreo	med (folha)	exótica	mata
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	mimo	arbustivo	orn (parte aérea)	exótica	quintal
<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav.	mimo	arbustivo	orn (parte aérea)	exótica	quintal

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
<i>Pachira aquatica</i> Aubl.	castanha	arbóreo	cons (caule)	exótica	quintal
<i>Pseudobombax grandiflorum</i> (Cav.) A Rob.	castanha	arbóreo	cons (caule)	nativa	quintal
<i>Sida planicaulis</i> Cav.	vassoura	herbáceo	med (folha); tec (parte aérea)	nativa	quintal
MARANTACEAE					
<i>Maranta divaricata</i> Roscoe	araruta	herbáceo	ali (raíz)	nativa	quintal
MELASTOMATACEAE					
<i>Leandra melastomoides</i> Raddi	pixirica	arbóreo	comb (caule); out (fruto)	nativa	mata
<i>Miconia cinnamomifolia</i> Triana	jacatirão	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
<i>Miconia dodecandra</i> (Desr.) Cogn.	pixirica	arbóreo	comb (caule); out (fruto)	nativa	mata
<i>Miconia pusilliflora</i> (DC.) Naudin	fruto-de-saíra	arbóreo	comb; cons (caule)	nativa	mata
<i>Tibouchina gaudichaudianum</i> Cogn.	chorão	arbóreo	comb (caule); orn (planta toda)	nativa	mata
<i>Tibouchina</i> sp.	quaresma	arbóreo	comb; cons; tec (caule)	nativa	mata
MELIACEAE					
<i>Cedrela</i> sp.	cedro	arbóreo	cons; tec (caule)	nativa	mata
<i>Guarea macrophylla</i> var. <i>tuberculata</i> Vahl.	cabacero	arbóreo	comb; cons; tec (caule)	nativa	mata
<i>Trichilia trigolia</i> var. <i>ptilaefolia</i> (A. Juss.) Penn.	guariçica-da-folha-miúda	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
MORACEAE					
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaca	arbóreo	ali (fruto); med (folha)	exótica	quintal
<i>Ficus glabra</i> Vell.	figueira-branca; figueira	arbóreo	tec (raíz); out (copa)	exótica	quintal
<i>Morus nigra</i> L.	amora	arbóreo	ali (fruto); med (folha)	exótica	quintal

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich	espinheira-santa	arbustivo	med (folha)	nativa	mata
MUSACEAE					
<i>Musa X paradisiaca</i> L.	banana	arbustivo	ali (fruto); med (folha)	exótica	quintal
MYRTACEAE					
<i>Calyptanthes strigipes</i> O. Berg.	guamirim	arbóreo	comb; cons (caule)	nativa	mata
<i>Eucalyptus</i> sp.	eucalipto	arbóreo	med (folha)	exótica	quintal
<i>Eugenia tinguyensis</i> Cambess.	araçarana-do-mato	arbóreo	comb; cons (caule)	nativa	mata
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	arbóreo	ali (fruto); med; vet (folha); tec (caule)	nativa	quintal
<i>Gomidesia spectabilis</i> (DC.) O. Berg	guamirim-vermelho	arbóreo	comb; cons (caule)	nativa	mata
<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	cambucá-da-mata-virgem	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
<i>Plinia edulis</i> (O. Berg) Nied	cambucá	arbóreo	ali (fruto); comb (caule); med (folha)	nativa	quintal
<i>Plinia trunciflora</i> (O. Berg) Kausel	jabuticaba	arbóreo	ali (fruto)	nativa	quintal
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	araçá	arbóreo	ali (fruto)	nativa	quintal
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	arbóreo	ali (fruto); med (folha)	exótica	quintal
<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	jambo	arbóreo	ali (fruto)	exótica	quintal
MYRSINACEAE					
<i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz & Pav.) Mez	capororoca-da-folha-pequena	arbóreo	comb; cons (caule)	nativa	mata
NYCTAGINACEAE					
<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	carramanchão	trepadeira	orn (parte aérea)	nativa	quintal
PASSIFLORACEAE					
<i>Passiflora alata</i> Curtiss	maracujá	trepadeira	ali (fruto); med (folha)	nativa	quintal
<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá	trepadeira	ali (fruto); med (folha)	nativa	quintal

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
PHYLLANTHACEAE					
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	quebra-pedra	herbáceo	med (planta toda)	nativa	quintal
PIPERACEAE					
<i>Piper mollicomum</i> Kunth	joão-borandí	trepadeira	med (folha)	nativa	quintal
<i>Piper nigrum</i> L.	pimenta-do-reino	trepadeira	ali (fruto)	exótica	quintal
<i>Piper umbellatum</i> L.	pariparoba	trepadeira	med (raíz)	nativa	mata
POACEAE					
<i>Bambusa trinii</i> Nees	taquara	arbóreo	tec (caule) comb; cons; tec	nativa exótica	mata quintal
<i>Bambusa tuldoides</i> Munro	bambu-de-gaiola	arbóreo	(caule) comb; cons; orn; tec	exótica	quintal
<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. ex J.C. Wendl.	bambú-amarelo	arbóreo	(caule)		
<i>Cymbopogum citratus</i> (DC.) Stapf.	capim-cidreira; capim-cidão	herbáceo	med (folha)	exótica	quintal
<i>Cymbopogum nardus</i> (L.) Rendle	citronela	herbáceo	out (folha)	exótica	quintal
<i>Dendrocalamus asper</i> (Schult. & Schult. f.) Backer ex K. Heyne	bambú-gigante	arbóreo	comb; cons; tec (caule)	exótica	quintal
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	pé-de-galinha	herbáceo	med (planta toda)	exótica	quintal
<i>Gynerium sagittatum</i> (Aubl.) P. Beauv.	ubá	herbáceo	tec (caule)	nativa	mata; quintal
<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	sapê	herbáceo	cons (folha)	nativa	mata
<i>Merostachys ternata</i> Nees	taquara-de-lixá	arbustivo	tec (caule)	nativa	mata
<i>Phyllostachys pubescens</i> Mazel ex J. Houz.	bambú-japonês	arbóreo	comb; cons; tec (caule)	exótica	quintal
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana	arbustivo	ali (caule)	exótica	quintal
<i>Zea mays</i> L.	milho	herbáceo	ali (inflorescência)	exótica	quintal
POLYGALACEAE					
<i>Polygala paniculata</i> L.	arnica; gelol	herbáceo	med (raíz)	nativa	quintal
ROSACEAE					

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
<i>Rosa canina</i> L.	rosa-branca	arbustivo	med; orn (flor)	exótica	quintal
<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	amora-de-espinho	herbáceo	med (planta toda)	nativa	mata
RUBIACEAE					
<i>Coffea arabica</i> L.	café	arbustivo	ali; med (semente)	exótica	quintal
RUTACEAE					
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja-china; laranja-lima	arbóreo	ali (fruto); med; vet (folha)	exótica	quintal
<i>Citrus deliciosa</i> Ten.	laranja-crava; mixirica	arbóreo	ali; out (fruto); med; vet (folha)	exótica	quintal
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	limão	arbóreo	ali (fruto); med; vet (folha)	exótica	quintal
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	pocã	arbóreo	ali (fruto); med (folha)	exótica	quintal
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja-baía; laranja	arbóreo	ali (fruto); med; vet (folha)	exótica	quintal
<i>Dictyoloma vandellianum</i> Adr. Juss.	tingui	arbóreo	comb; tec (caule)	nativa	mata
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	herbáceo	med; rit; vet (folha)	exótica	quintal
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	peito-de-moça; espora-de-galo	arbóreo	tec (caule)	nativa	mata
SAPINDACEAE					
<i>Cupania furfuraceae</i> Radlk.	cubatã; cubatã-vermelho	arbóreo	comb; cons; tec (caule)	nativa	mata
<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	cubatã-branco	arbóreo	cons (caule)	nativa	mata
SAPOTACEAE					
<i>Eclinusa ramiflora</i> Mart.	guacá	arbóreo	tec (caule)	nativa	mata
<i>Mimusops commersonii</i> (G. Don) Engl.	abricó-da-praia	arbóreo	ali (fruto); out (copa)	exótica	praia
SOLANACEAE					
<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta; pimenta-malagueta	herbáceo	ali (fruto)	exótica	quintal
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	tomate	herbáceo	ali (fruto)	exótica	quintal

Tabela 3 – Continuação.

Família/Espécie	Nome local	Hábito	Categoria/ Parte utilizada	“Status”	Local de coleta
<i>Solanum americanum</i> Mill.	maria-preta	herbáceo	med (folha)	nativa	quintal
<i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam.	rebenta-cavalo	herbáceo	med (fruto)	nativa	quintal
TRIGONIACEAE					
<i>Trigonia nivea</i> var. <i>nivea</i> Camb.	cipó-de-paina	arbóreo	cons (caule); tec (semente)	nativa	mata
ULMACEAE					
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	candiúba	arbóreo	med (caule)	nativa	mata
VERBENACEAE					
<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	capororoca-da-folha-grande	arbóreo	comb; cons (caule)	nativa	mata
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	erva-cidreira	herbáceo	med (folha)	nativa	quintal
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	gervão	herbáceo	med (planta toda)	nativa	quintal
<i>Verbena tenera</i> Spreng.	jardineira	herbáceo	orn (flor)	nativa	quintal
VITACEAE					
<i>Vitis labrusca</i> L.	uva	trepadeira	ali (fruto)	exótica	quintal
ZINGIBERACEAE					
<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	ciosa	herbáceo	med; orn (flor)	exótica	quintal
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	herbáceo	med (caule)	exótica	quintal

V.4 – Categorias de uso

“As *cansativas tentativas de classificação tem o defeito de serem certamente imperfeitas e incompletas, mas elas podem ao menos mostrar a extensão da gama de utilidades vegetais*” (Barrau,1991, p.1288).

V.4.1 – Alimentícia

Foram registradas 67 espécies para a categoria alimentícia, sendo 48 exóticas e 19 nativas. Algumas delas estão ilustradas na figura 11. A maioria das plantas (59 táxons) está presente nos quintais dos informantes, o que evidencia a grande dependência dos moradores da Praia do Sono pelas plantas por eles próprios cultivadas. O ipi ou mandioca (*Manihot esculenta*) e a banana (*Musa X paradisiaca*) foram as espécies citadas pelo maior número de informantes (n=10).

Dentre as espécies nativas, sobressaem aquelas que produzem os frutos mais apreciados por eles, como por exemplo: o araçá (*Psidium cattleianum*), o cajú (*Anacardium occidentale*), o côco-de-natal ou tucum (*Bactris setosa*), o côco-preto (*Astrocaryum aculeatissimum*), a condessa (*Rollinia mucosa*), a jabuticaba (*Plinia trunciflora*) e a pitanga (*Eugenia uniflora*).

Os frutos da pitanga, do araçá, do tucum e do cajú também foram citados no estudo de Fonseca-Kruel & Peixoto (2004), pelos pescadores de Arraial do Cabo, que consideram a restinga rica em saborosos e nutritivos frutos.

A mandioca, também conhecida como ipi (*Manihot esculenta*) além de ter sido uma das espécies mencionadas pelo maior número de informantes, foi a que obteve o maior número de citações, sendo lembrada em 21 entrevistas. Diversos autores constataram que a mandioca ocupa posição de destaque na alimentação caiçara (Adams, 2000; Hanazaki *et al.*, 2000; Peroni & Hanazaki, 2002; Sanches, 2004). Além de crescer facilmente em solos pobres e poder permanecer na terra por longos períodos, é um alimento rico em amido, vitamina A, calorias e aminoácidos.

O palmito jìçara ou juçara (*Euterpe edulis*) é outro alimento utilizado tradicionalmente pelas comunidades caiçaras (Sanches, 2004). Neste estudo obteve um

relevante número de citações, sendo indicado por nove dos 12 informantes. Esta palmeira é considerada um dos principais produtos da Mata Atlântica, inclusive em termos econômicos, e, portanto, sofre uma grande pressão da coleta clandestina por parte de pequenas indústrias, que muitas vezes utilizam o próprio caçara como mão-de-obra (Adams, 2000).



Figura 11 – Plantas da categoria alimentícia: (a) abacaxi (*Ananas comosus*); (b) ipi ou mandioca (*Manihot esculenta*); (c) cana (*Saccharum officinarum*); (d) pitanga (*Eugenia uniflora*); (e) côco-preto (*Astrocaryum aculeatissimum*); (f) limão (*Citrus limon*); (g) araçá (*Psidium cattleianum*); (h) jicara ou juçara (*Euterpe edulis*) e (i) horta do Jadson: alface (*Lactuca sativa*) e couve (*Brassica oleracea* var. *acephala*).

V.4.2 – Construção

Das 48 plantas indicadas nesta categoria de uso, 42 são nativas e não são cultivadas pelos moradores. Seis delas podem ser observadas na figura 12. O reconhecimento na mata de espécies utilizadas para construção está difundido entre todos os seis homens entrevistados, independente da idade, e é considerado importante na cultura e tradição da comunidade caiçara da Praia do Sono.

A estrutura tradicional da casa caiçara é constituída por paredes de “pau-a-pique” ou “estruque”, algumas vezes caiadas, telhado de sapê e chão de terra batida. Para a confecção de suas paredes, o jacatirão (*Miconia cinnamomifolia*) e o chile, também conhecido como casca-preta (*Pera glabrata*), foram as espécies mais conhecidas, já que foram citadas por todos os informantes (n=12). Outras árvores nativas foram indicadas para este uso, como: cambucá-da-mata-virgem (*Myrcia splendens*), canudo (*Mabea brasiliensis*), canela (*Ocotea* sp.), capororoca-de-folha-grande (*Aegiphila sellowiana*), capororoca-de-folha-pequena (*Rapanea ferrugínea*), guariçica-da-folha-grande (*Sloanea guianensis*), guariçica-da-folha-miúda (*Trichilia trigolia* var. *ptilaefolia*), ipê-da-capoeira (*Sparattosperma leucanthum*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), jicara ou juçara (*Euterpe edulis*) e pati (*Syagrus pseudococus*).

Espécies de bambus também foram mencionadas para fazer as estruturas entrecruzadas das paredes revestidas com barro, sendo mais recomendados para este uso o bambu-de-gaiola (*Bambusa tuldoides*) e o bambu-japonês (*Phyllostachys pubescens*), como pode ser observado nas seguintes recomendações dos informantes: “O bambu japonês e o de gaiola são mais finos e servem pra envarar e empalpicar a casa ... os mais finos que servem pra construção, os outros não servem, apodrecem rápido” (Gilmar), “Todos os bambus dão pra construção, só o gigante que é melhor mesmo para varal pra secar o peixe. O importante é que qualquer um dos bambus utilizados estejam de vês, se não estiver de vês vai apodrecer. Mas os melhores mesmo para construção são o japonês e o de gaiola” (Seu Dácio).

As espécies indicadas para amarração foram o cipó-cabolco (*Davilla rugosa*), cipó-imbé (*Anthurium* sp.) e timbueba (*Heteropsis salicifolia*) e como revestimento do telhado o sapê (*Imperata brasiliensis*).

A retirada da madeira da mata obedece a certos critérios. A melhor ocasião é durante o quarto minguante, o que, de acordo com os informantes, previne a entrada de insetos e, por conseguinte, aumenta sua durabilidade. *“Toda madeira que tira do mato tem que ser na lua minguante, senão bicha”* (Joininha). Foi aconselhado também que não se deve derrubar a madeira na época de rebrota, porque ela é considerada aguacenta. Este fato foi igualmente descrito por Adams (2000, p.145) em seus estudos com caiçaras da Mata Atlântica: *“entre agosto-setembro e janeiro-fevereiro não era conveniente derrubar a madeira, pois as árvores encontravam-se desfolhadas, na iminência de brotarem... a madeira cortada nessas condições abria e rachava”*.

Muitas vezes a extração de madeira da mata esbarra em proibição das leis que regem algumas Unidades de Conservação. *“Hoje é uma dificuldade para tirar madeira do mato, tem fiscalização porque aqui é área de preservação ambiental e não pode derrubar nenhuma árvore, só pode pegar as que já caíram e estão no chão, mas muitas vezes elas já tão podre e não serve”*, conta o informante Joininha. Contudo, foi observado que existe um forte sentimento presente nos informantes, expresso através de suas falas sobre a importância de se conservar o ambiente onde vivem. *“...se a madeira que tá caída não tiver podre eu pego ela, é melhor de que derrubar”* (Joininha), *“A gente sabe que se não cuidar do que é nosso, pode acabar”* (Seu Novino), *“Quando precisa de madeira a gente pega no mato, mas pega pouco, só o que precisa não é que nem as indústrias que pega tudo e aí acaba com a floresta”* (Jadson).

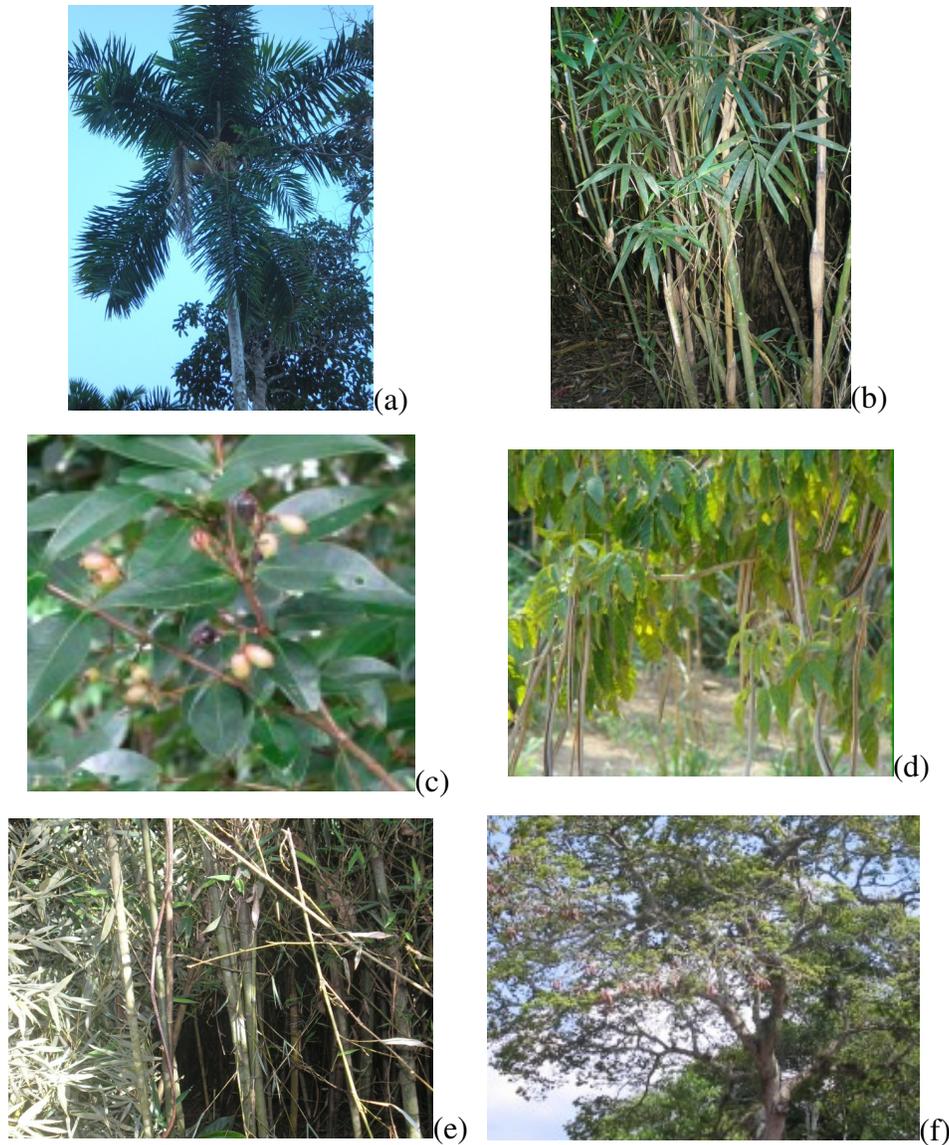


Figura 12 – Plantas da categoria construção: (a) pati (*Syagrus pseudococus*); (b) bambú-de-gaiola (*Bambusa tuldooides*); (c) cambucá-da-mata-virgem (*Myrcia splendens*); (d) ipê-da-capoeira (*Sparattosperma leucanthum*); (e) bambu-japonês (*Phyllostachys pubescens*) e (f) jatobá (*Hymenaea courbaril*).

V.4.3 – Tecnológica

As plantas coletadas na mata, em geral, são aquelas apropriadas à utilização como madeira para construção. Outras, no entanto, são utilizadas na confecção de utensílios domésticos, de lazer ou de trabalho, construção de móveis, canoas, etc. Quarenta espécies foram citadas na categoria tecnológica, sendo 32 nativas e 8 exóticas. A figura 13 (p.63)

ilustra algumas delas. O bambu-gigante (*Dendrocalamus asper*) foi citado pelo maior número de informantes (n= 9). Esta espécie é muito utilizada na estrutura dos varais onde se secam os peixes e a roupa. Além disso, são feitos cinzeiros, o fifó, diversos tipos de artesanato e os muros de barragem para não correr areia.

Outras plantas oriundas da mata citadas nesta categoria foram: peito-de-moça ou espora-de-galo (*Zanthoxylum rhoifolium*), usado para fazer colher de pau e soquete; a taquara (*Bambusa trinii*), cujas fibras são utilizadas para confeccionar as cordas do violão; as madeiras da caxeta (*Tabebuia cassinoides*) e da baibera ou imbaíba (*Cecropia pachystachya*), que são empregadas na fabricação de pandeiros; o tarumã (*Sapium* sp.), usado para fazer barquinhos de artesanato; o cabacero (*Guarea macrophylla* var. *tuberculata*), com o qual as crianças fazem seus bодоques, também conhecidos como estilingues, para brincar e o ipê (*Tabebuia heptaphylla*), que devido a sua madeira forte foi indicado para fazer o pilão usado para socar milho e café.

Espécies da presente categoria também são encontradas nos quintais dos informantes como a figueira branca ou simplesmente figueira (*Ficus glabra*), cuja raiz é ótima como prensa para fazer farinha de mandioca, a pitanga (*Eugenia uniflora*), cujo caule é usado para fazer agulha para tecer rede de pesca e a vassoura (*Sida planicaulis*), que como o próprio nome já diz, seve para fazer vassouras.

O titipi, cesto flexível feito de timbupeba (*Heteropsis salicifolia*), utilizado para espremer a mandioca ralada, é um dos artefatos da cultura indígena que foi incorporado ao dia-a-dia caiçara. Begossi *et al.* (1993) fazem referência a este item em seu estudo. Outras plantas foram citadas como sendo vastamente utilizadas na manufatura de cestarias em geral. Os balaios, que servem para carregar a mandioca e outros produtos, são produzidos com o cipó-caboclo (*Davilla rugosa*), cipó-imbé (*Anthurium* sp.), taquara (*Bambusa trinii*) e também com a timbupeba. Já o balainho, usado para guardar os utensílios de costura, é feito com a taquara-de-lixá (*Merostachys ternata*).

Atualmente, a iluminação das casas, barracas da praia e da igreja é feita através de velas, lampião a gás ou geradores. Entretanto, os informantes mais idosos fizeram referência ao uso do “fifó”, uma tocha feita de bambu (*Dendrocalamus asper*), embebida com o azeite de nogueira (*Aleurites moluccana*) ou de mamona (*Ricinus communis*). “Antigamente a gente saía pela trilha, pra trabalhar na roça, ainda escuro e pra iluminar

usava o fifó” (Seu Nilo). “Quando tinha procissão ou festa numa outra comunidade a gente saía de noite, pois é, no escuro, e cada um levava uma tocha de fifó pra iluminar o caminho” (Dna Filinha).

Os pescadores utilizam tintas obtidas da casca da aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e da quaresma (*Tibouchina* sp.) para dar maior resistência às redes de pesca. As cascas são fervidas e o líquido despejado sobre a rede, dentro de uma canoa, onde permanece embebida por um dia. Então é posta para secar em varais, em posição horizontal. Este procedimento é feito quando uma rede nova vai ser colocada no mar ou quando uma rede mais antiga começa a perder a cor, como foi descrito por Seu Nilo: “Soca a casca, bota num tacho de cobre grande com uns 20 litros de água e deixa ferver. Depois tira a água com a cuia e enche a canoa com essa água e joga a rede lá, dentro da canoa. A água fica roxinha e a rede também. Isso é pra dar resistência pra rede nova ou pra rede velha que já tá um tempo no mar e tem que tingir de novo”.

Borges & Peixoto (2009) também verificaram o uso da quaresma (*Tibouchina* sp.) para tingir e impermeabilizar as redes de pesca com o intuito de melhorar a resistência ao ataque dos peixes quando utilizadas. Fonseca-Kruel & Peixoto (2004) citam que algumas plantas fazem parte da cultura e tradição dos pescadores artesanais da Praia Grande, em Arraial do Cabo, como a aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e o murici (*Byrsonima sericea*) que são usadas para tingir rede de pesca, evitando assim o ataque excessivo dos peixes à rede. As autoras mencionam que o processo de retirada do pigmento da aroeira e do murici consiste na coleta da casca destas madeiras que, após serem bem “socadas”, são colocadas na canoa, junto com água do mar, e por fim a rede de pesca para curtir alguns dias ao sol.

As principais espécies indicadas para a fabricação das canoas, que ainda hoje são produzidas artesanalmente, escavadas diretamente na madeira, em um tronco só, foram: canela (*Ocotea* sp.), cedro (*Cedrela* sp.), cobi (*Piptadenia gonoacantha*), garapubu (*Schizolobium parahyba*), jequitibá (*Cariniana estrellensis*) e ingá-de-flecha (*Tachigali paratyensis*). A espécie *Cedrela fissilis* foi indicada para a construção de canoas na comunidade caiçara da Ilha de Búzios (Begossi *et al.*, 1993) e as comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC) no trabalho de Miranda & Hanazaki (2008) citaram *Schizolobium parahyba* como a planta mais importante na manufatura de canoa.

Ainda em relação às espécies utilizadas como utensílios para pesca, o cipó-imbé (*Anthurium* sp.), por ser bem resistente, serve como cabo para puxar rede e o bambú-japonês (*Phyllostachys pubescens*) é usado como vara de pescar. O caule do ubá (*Gynerium sagittatum*) foi citado como sendo excelente para assar peixe.

Para a fabricação dos remos, as espécies preferidas são o guacá (*Eclinusia ramiflora*) e a caxeta (*Tabebuia cassinoides*). O cabaço (*Crescentia cujete*) e o cedro (*Cedrela* sp.) são usados para fazer as cuias que servem para tirar água das canoas e a baibera ou imbaíba (*Cecropia pachystachya*) como rolo pra rolar a canoa na areia.

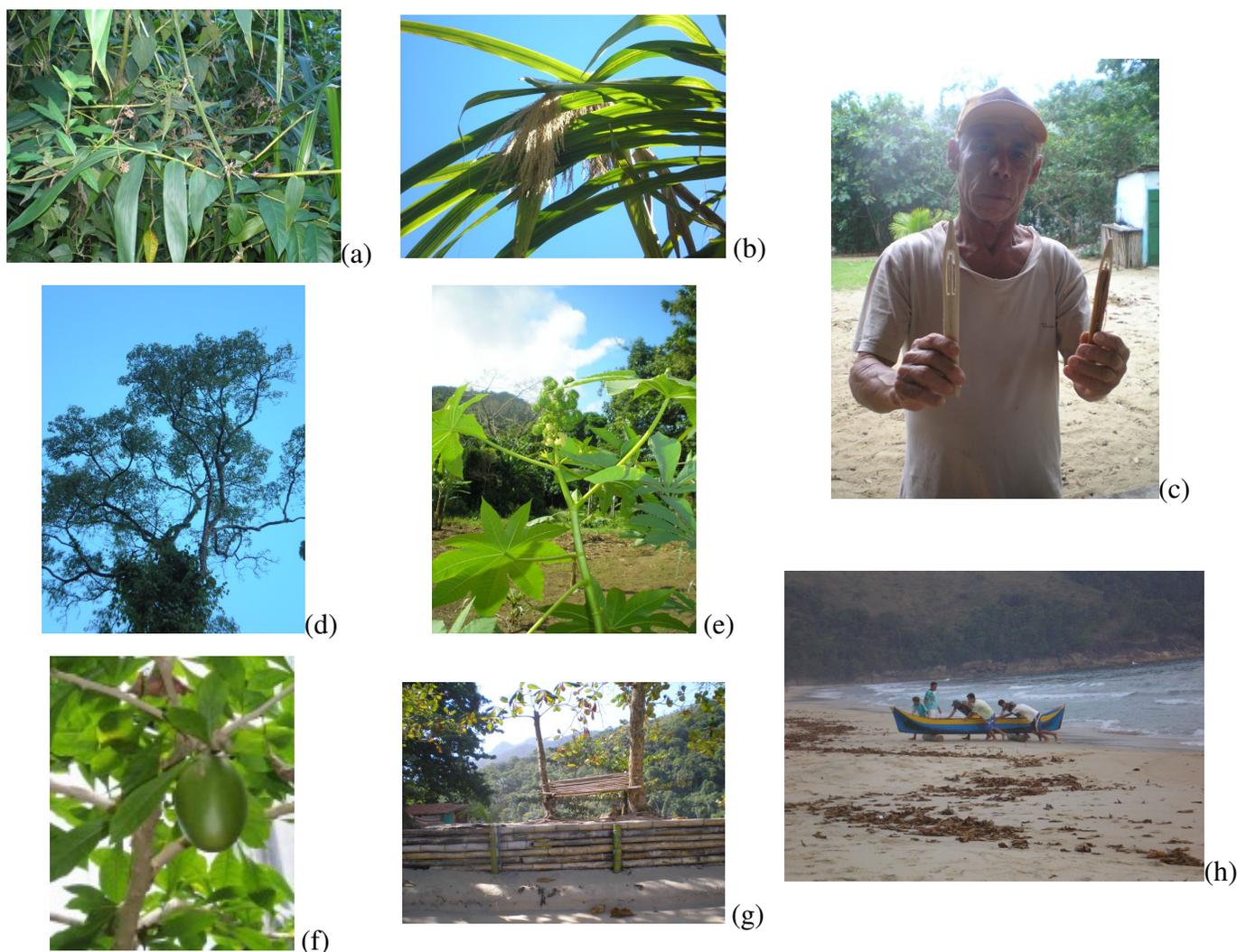


Figura 13 – Plantas da categoria tecnológica: (a) taquara (*Bambusa trinii*); (b) ubá (*Gynerium sagittatum*); (c) agulha para tecer rede feita com pitanga (*Eugenia uniflora*); (d) ipê (*Tabebuia heptaphylla*); (e) mamona (*Ricinus communis*); (f) cabaço (*Crescentia cujete*); (g) muro de barragem para não correr areia feito com bambu-gigante (*Dendrocalamus asper*) e (h) caiçaras rolando a canoa na areia com rolo feito de baibera ou imbaíba (*Cecropia pachystachya*).

V.4.4 – Combustível

Vinte e quatro espécies são utilizadas como lenha para os fogões, sendo 19 nativas e apenas cinco exóticas. Duas delas são apresentadas na figura 14. O chile ou casca-preta (*Pera glabrata*) foi citado por um maior número de informantes (n=6). Outras plantas citadas para este uso foram: amendoeira (*Terminalia catappa*), cabacero (*Guarea macrophylla* var. *tuberculata*), cambucá (*Plinia edulis*), chorão (*Tibouchina gaudichaudianum*), fruto-de-saíra (*Miconia pusilliflora*), guamirim (*Calypttranthes strigipes*), guamirim-vermelho (*Gomidesia spectabilis*), quaresma (*Tibouchina* sp.).

Maioli-Azevedo (2008) ao estudar os recursos vegetais utilizados pelos quilombolas de Machadinha, Quissamã (RJ) também verificou o uso de *Pera glabrata* como lenha combustível.

Segundo Seu Dácio as melhores madeiras pra lenha são: a araçarana-do-mato (*Eugenia tinguyensis*), cubatã (*Cupania furfuraceae*) e simbiíba (*Hirtella hebeclada*). Para ele “*essas madeiras quando secas são muito boas para queimá*”.



Figura 14 – Plantas da categoria combustível: (a) simbiíba ou simbiúva (*Hirtella hebeclada*); (b) chile ou casca-preta (*Pera glabrata*).

V.4.5 – Veterinária

Os moradores da Praia do Sono, sobretudo as mulheres, dedicam parte do seu tempo à criação de pequenos animais. Foi relatado pelos informantes que no passado eles

costumavam criar porcos também, mas hoje se restringem, principalmente a galinhas e patos para produção de ovos e carne. “Já criamos muito porco também, mas hoje só criamos galinha e pato” (Dna. Iracema).

É muito comum o fato das criações serem atacadas por piolhos que infestam os ninhos dos animais, e, para combater esta patologia, os informantes normalmente recorrem ao uso de plantas.

Sete espécies vegetais foram indicadas para controlar os parasitas que atacam as galinhas e patos, foram elas: arruda (*Ruta graveolens*); laranja-baía ou laranja (*Citrus sinensis*); laranja-china ou laranja-lima (*Citrus aurantium*); laranja-crava ou mixirica (*Citrus deliciosa*); limão (*Citrus limon*); pitanga (*Eugenia uniflora*) e santa-maria (*Chenopodium ambrosioides*). “Eu soco as folhas, tiro o sumo e esfrego... assim... um pouco nos animais. Pego também uns ramos das pranta, com bastante folha e deixo espalhado pelo galinheiro” (Dna. Val). Três destas espécies estão ilustradas na figura 15.

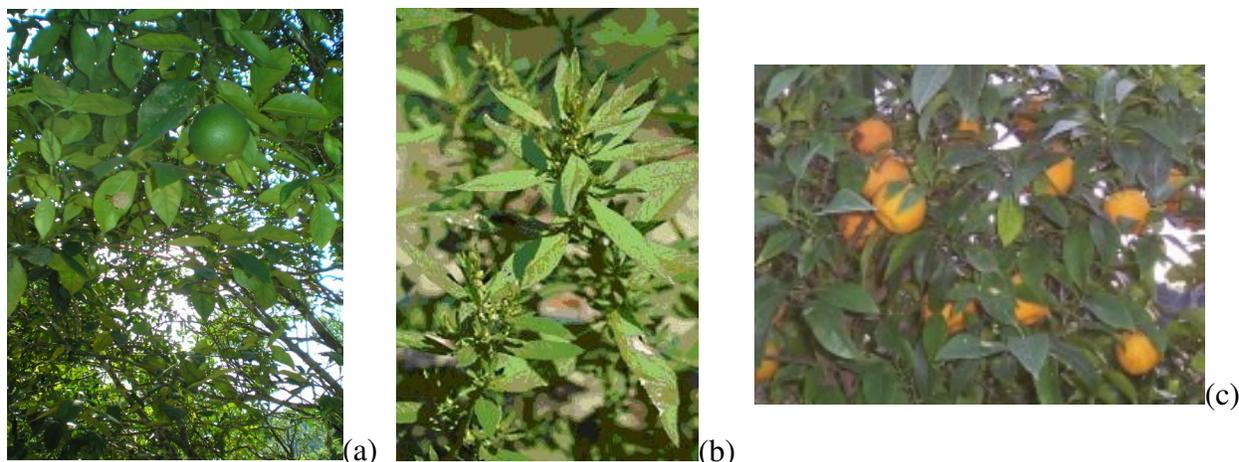


Figura 15 – Plantas da categoria veterinária: (a) limão (*Citrus limon*); (b) santa-maria (*Chenopodium ambrosioides*) e (c) laranja-baía ou laranja (*Citrus sinensis*).

V.4.6 – Ornamental

A ornamentação das casas e jardins na Praia do Sono é, definitivamente, uma ocupação destinada às mulheres. Treze plantas foram citadas como de uso ornamental, sendo que 10 destas foram coletadas nos quintais dos informantes, mostrando que é comum o cultivo de plantas ornamentais nos quintais. Na figura 16 estão apresentadas algumas delas.

Oito espécies indicadas nesta categoria são exóticas: arnica ou paraguaia (*Iresine herbstii*), bambú-amarelo (*Bambusa vulgaris*), boa-noite (*Catharanthus roseus*), ciosa (*Hedychium coronarium*) os mimos (*Hibiscus rosa-sinensis* e *Malvaviscus arboreus*), rosa-branca (*Rosa canina*) e seis-meis (*Euphorbia pulcherrima*). A flora local também é aproveitada para adornar quintais e residências. As espécies nativas citadas para este uso foram: aleluia (*Senna multijuga*), carramanchão (*Bougainvillea spectabilis*), chorão (*Tibouchina gaudichaudianum*), cebola-da-praia (*Clusia lanceolata*) e jardineira (*Verbena tenera*).

Foi observado que algumas espécies cultivadas nos quintais estão presentes nos jardins do condomínio Laranjeiras, como é o caso do carramanchão, dos mimos e de seis-meis, indicando que a escolha das plantas “para enfeitar” também pode sofrer influencia direta dos centros urbanos.

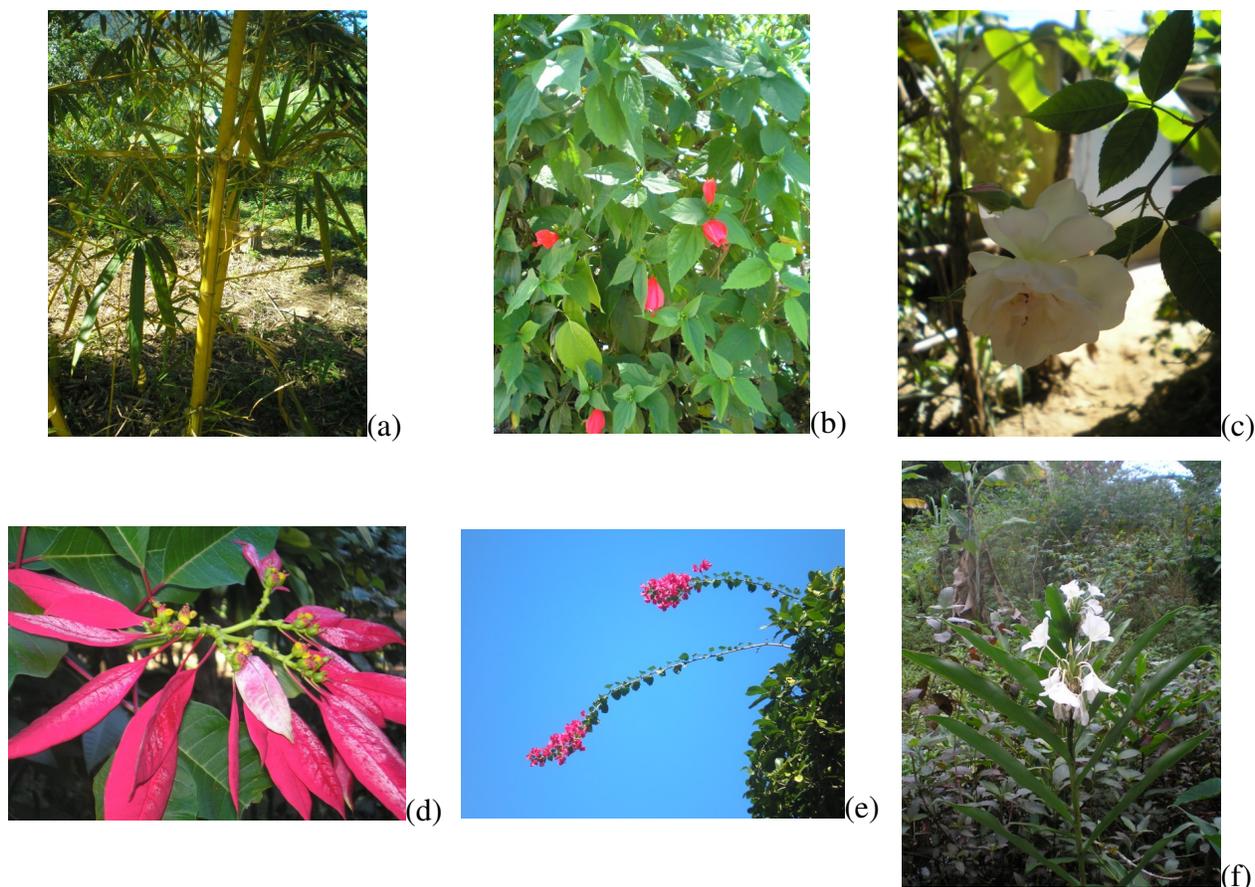


Figura 16 – Plantas da categoria ornamental: (a) bambu-amarelo (*Bambusa vulgaris*); (b) mimo (*Malvaviscus arboreus*); (c) rosa-branca (*Rosa canina*); (d) seis-meis (*Euphorbia pulcherrima*); (e) carramanchão (*Bougainvillea spectabilis*) e (f) ciosa (*Hedychium coronarium*).

V.4.7 – Ritualística

Dna. Filinha foi a única informante a comentar sobre as ervas utilizadas como ritualísticas, entretanto citou apenas três espécies para esta categoria: dormideira (*Mimosa pudica*); arruda (*Ruta graveolens*) e cordão-de-frade (*Leonotis nepetaefolia*) (Fig. 17). Suas principais indicações foram os banhos utilizados para “tirar mau olhado”, e “abrir o caminho” e o cultivo no entorno das residências para “espantar mau olhado”. “*Eu planto arruda na porta e no entorno de casa pra espantar mau olhado. Diz que o cheiro da arruda espanta as coisa ruim, aí a gente fica protegida*” (Dna. Filinha).

De fato, este não é um assunto discutido abertamente pelos informantes, talvez devido ao preconceito ou medo da discriminação.

Apesar de não ser um tema comentado, uma informante foi observada varrendo sua casa com uma vassoura feita com uma erva conhecida como “vassoura” (*Sida planicaulis*), onde, ao mesmo tempo em que varria, cantarolava baixinho um tipo de reza.

Segundo os informantes, eles utilizam ramos de vassoura (*Sida planicaulis*) e de vassoura-de-alecrim (*Baccharis dracunculifolia*) para limpar o terreno antes de construir ou de plantar “*Essas planta são muito boa pra fazer vassoura pra varrer o lote... isso se faz desde o tempo dos antigos...*” (Seu Novino). Porém, não atribuem a esta prática nenhuma conotação ritualística.



(a)



(b)



(c)

Figura 17 – Plantas da categoria ritualística: (a) dormideira (*Mimosa pudica*); (b) arruda (*Ruta graveolens*) e (c) cordão-de-frade (*Leonotis nepetaefolia*).

V.4.8 – Outros

As indicações de uso “fazer sombra”, “comida de passarinho” e “repelente” não se enquadraram em nenhuma das categorias de uso estabelecidas. Assim, optou-se por criar uma nova categoria, denominada “Outros”, para agrupar as plantas que apresentaram estes usos distintos.

Dez plantas foram mencionadas para a categoria. Destas, abricó-da-praia (*Mimusops commersonii*), amendoeira (*Terminalia catappa*) e figueira-branca ou figueira (*Ficus glabra*) foram referidas para “fazer sombra”; citronela (*Cymbopogum nardus*) e laranja-crava ou mixirica (*Citrus deliciosa*), como “repelente” e aroeira (*Schinus terebinthifolius*), cebola-da-praia (*Clusia lanceolata*), paineira (*Eriotheca* sp.) e as duas espécies conhecidas como pixirica (*Leandra melastomoides* e *Miconia dodecandra*) como “comida de passarinho”. Três destas espécies estão presentes na figura 18.

Begossi *et al.* (1993) citam que os caiçaras da Ilha de Búzios (SP) costumam colocar os frutos da aroeira (*Schinus terebinthifolius*) dentro de armadilhas feitas com um bambu-amarelo, conhecido como taquaruçu (*Bambusa* sp.) para pegar tié-sangue e sabiá, já que estes pássaros costumam apreciar bastante esses frutos.

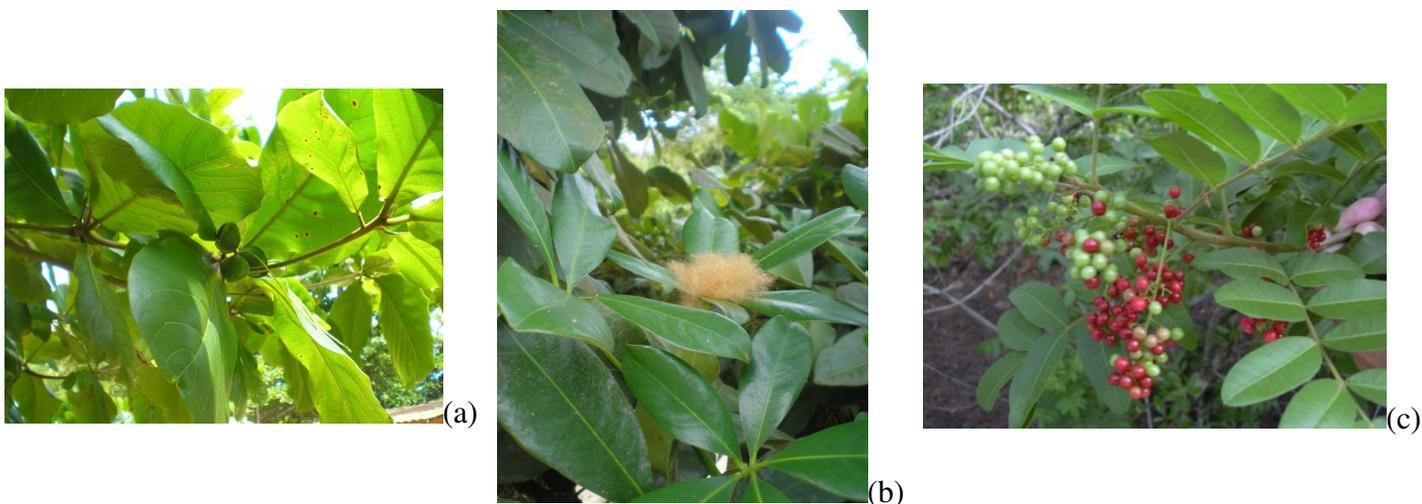


Figura 18 – Plantas da categoria outros: (a) amendoeira (*Terminalia catappa*); (b) paineira (*Eriotheca* sp.) e (c) aroeira (*Schinus terebinthifolius*).

V.4.9 – Medicinal

Ao serem agrupadas nas nove categorias de uso, a categoria medicinal foi a que apresentou o maior número de táxons indicados, com um total de 89 espécies, sendo 54 exóticas e 35 nativas. Isso sugere a grande importância que as plantas medicinais exercem no cotidiano dos especialistas locais. Algumas destas plantas podem ser observadas na figura 22 (p.84).

Analisando outros trabalhos etnobotânicos desenvolvidos no Brasil, nota-se que a categoria medicinal está frequentemente entre as mais citadas (Begossi *et al.*, 1993; Lima *et al.*, 2000; Martins, 2004; Hanazaki & Begossi, 2006; Moura & Andrade, 2007; Boscolo & Senna-Valle, 2008; Silva & Proença, 2008).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que 80% da população de países em desenvolvimento não têm acesso a medicamentos industrializados, sendo as plantas medicinais o único recurso terapêutico para as camadas mais carentes (Gilbert *et al.*, 2005).

Seguindo a tradição, as plantas medicinais continuam sendo bastante empregadas na medicina popular de hoje em dia, no preparo de remédios caseiros. Este fato deve-se provavelmente às dificuldades impostas às populações pelos sistemas de saúde vigentes. As comunidades rurais dificilmente conseguem atendimento médico, devido a falta de uma unidade de saúde minimamente equipada e às más condições das estradas e transportes públicos. Já as comunidades urbanas menos favorecidas, constatado em Almeida (2009), sofrem com a baixa abrangência dos serviços de saúde e com o custo exacerbado dos medicamentos industrializados.

A categoria medicinal compreendeu 43 famílias botânicas, sendo Lamiaceae a mais representativa em número de espécies (11 espécies), seguida de Asteraceae (7 espécies), Rutaceae (6 espécies), Fabaceae e Myrtaceae (4 espécies) e Anacardiaceae, Cucurbitaceae e Moraceae (3 espécies) (Fig. 19). As demais famílias foram representadas por duas ou uma espécie cada.

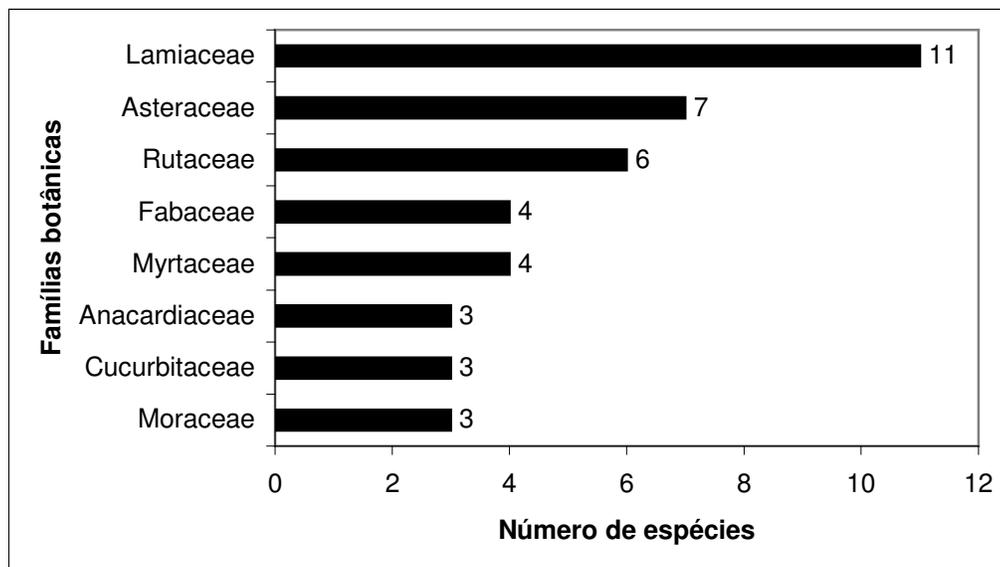


Figura 19 – Famílias botânicas mais representativas em número de espécies indicadas como medicinais pelos informantes da Praia do Sono.

O uso de plantas medicinais das famílias Lamiaceae e Asteraceae é predominante em vários levantamentos etnobotânicos realizados em diferentes regiões do país (Moerman *et al.*, 1999; Begossi *et al.*, 2002; Di Stasi *et al.*, 2002; Gazzaneo *et al.*, 2005; Pasa *et al.*, 2005; Silva & Proença, 2008).

Em relação ao hábito, 51% das espécies medicinais são herbáceas. As arbóreas representam 29% do total e as arbustivas e trepadeiras 10% cada. As espécies herbáceas investem em compostos secundários de alta atividade biológica, como alcalóides, glicosídeos e terpenóides, ao invés de desenvolver sistemas de defesas estruturais e de alto peso molecular, como taninos e ligninas, o que explica a grande utilização das ervas nos sistemas médicos populares (Stepp & Moerman, 2001).

Nas indicações dos informantes encontram-se 10 diferentes partes e exudados vegetais utilizados medicinalmente. A folha foi a mais citada (59%), seguida por planta toda (14%), caule (9%), fruto (7%) e flor (4%). As demais foram inflorescência, mucilagem, parte aérea, semente e raiz representando juntas 7% do total (Fig. 20).

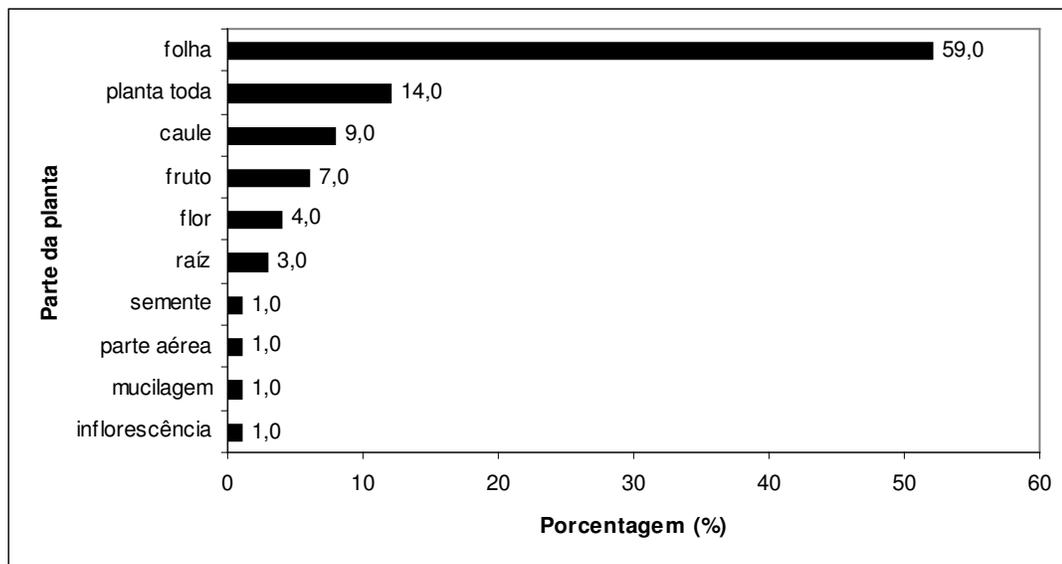


Figura 20 - Componentes vegetais utilizados no tratamento das doenças citadas pelos informantes da Praia do Sono.

Trabalhos etnobotânicos na Mata Atlântica frequentemente encontram a folha como a parte do vegetal mais utilizada nas preparações dos remédios caseiros (Costa-Neto & Oliveira, 2000; Staculp, 2000; Di Stasi & Hiruma Lima, 2002). Este resultado pode estar relacionado ao hábito herbáceo da grande maioria das espécies citadas nos levantamentos etnobotânicos. Outro fator que se deve levar em consideração é a maior facilidade na obtenção de folhas em relação as demais partes do vegetal, principalmente flores e frutos.

Os dados mostram que 84% das espécies com propriedade medicinal são cultivadas nos quintais dos informantes e destinadas para consumo do núcleo familiar ou da vizinhança. Destas, 62% são exóticas e 38% nativas. O cultivo nos quintais é, notadamente, resultante da comodidade que ele representa, em razão dos variados impedimentos de deslocamento dos especialistas locais, tanto para as áreas mais distanciadas de mata, onde poderiam extrair espécies nativas para suprir demandas eventuais, como para Paraty, onde poderiam adquirir as plantas no comércio de cidade.

O extrativismo dos recursos medicinais não foi observado como uma prática comum, restringindo-se apenas a coletas ocasionais, decorrentes de uma necessidade específica. Christo *et al.* (2006) consideram que as comunidades situadas em áreas de domínio de Mata Atlântica, cuja diversidade de táxons e potencialidades de uso são elevadas, mas que não possuem o costume de retirar plantas da floresta pode tornar-se um

fato preocupante a medida em que a flora nativa perde importância em detrimento do uso de espécies cultivadas, contribuindo para a perda do conhecimento tradicional sobre a vegetação local.

Diversos autores concordam que a degradação do meio ambiente, acarretando a redução da disponibilidade de plantas nativas para fins medicinais, juntamente com a facilidade de acesso aos meios de comunicação e o contato com sistemas culturais distintos, são importantes fatores responsáveis para a deterioração do saber tradicional sobre os recursos vegetais (Amorozo, 2002; Laraia, 2002; Christo *et al.*, 2006).

As indicações terapêuticas tratadas com as 89 plantas medicinais citadas neste trabalho foram agrupadas em 13 categorias de doenças segundo a CID. As categorias mais citadas, respectivamente, foram a XI, que trata do sistema gastrointestinal, com 89 citações, seguida da XII, relacionada às doenças da pele e do tecido subcutâneo, com 60 citações e da X, que trata das patologias associadas ao sistema respiratório, com 58 citações (Fig. 21).

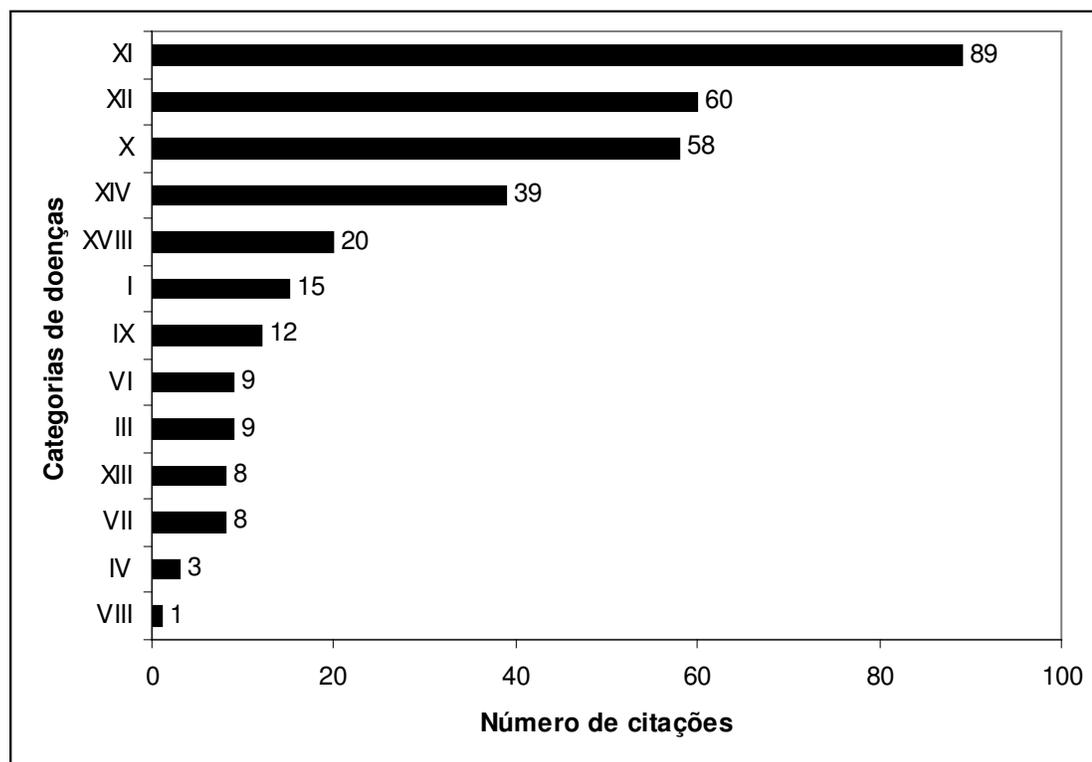


Figura 21 – Categorias de doenças, segundo a CID em relação ao número de citações para estas patologias.

As doenças mais citadas na presente pesquisa também aparecem como as mais comuns no Pará (Amorozo & Gély, 1988), no Mato Grosso (Amorozo, 2002) e na região sudeste do país (Medeiros *et al.*, 2004; Pilla *et al.*, 2006).

O uso de técnicas quantitativas para a análise dos dados em trabalhos de etnobotânica tem se tornado cada vez mais popular. Essas técnicas buscam estimar a importância relativa de uma planta para uma determinada cultura, ou testar hipóteses sobre o uso e o conhecimento de plantas de uma determinada comunidade (Albuquerque & Lucena, 2004). Assim, a escolha dos índices vai depender das respostas a serem alcançadas na pesquisa.

Bennet & Prance (2000) assumem que a planta mais importante numa comunidade é aquela que for mais versátil. Ou seja, a planta que for utilizada para tratar a maior variedade de doenças, sendo, portanto, considerada um “remédio milagroso”. No entanto, se o objetivo for a busca de novas drogas, a concordância das respostas dos informantes sobre o uso medicinal de uma determinada planta é extremamente importante, já que plantas utilizadas para muitos fins teriam uma menor credibilidade quando comparadas aquelas com maior fidelidade de uso.

A espécie *Lippia alba* (erva-cidreira) foi a que apresentou o maior valor de Importância Relativa (IR = 2,0), ou seja, foi a espécie indicada para o tratamento de um maior número de sintomas, seguida de *Alternanthera brasiliana* (terramicina) e *Persea americana* (abacate), ambos com IR = 1,57 (Tab. 4).

Dez espécies apresentaram grande versatilidade quanto aos seus usos, com IR > 1, sendo indicadas para até 10 sistemas corporais. O uso de plantas com IR > 1 também vem sendo relatado em outras regiões do país, como exemplifica o estudo de Almeida & Albuquerque (2002) realizado na feira de Caruaru, estado de Pernambuco, que apresentou nove espécies com IR > 1 para o tratamento de até oito categorias de doença.

Tabela 4 - Índice de Importância Relativa (IR) das espécies indicadas como medicinais pelos informantes da Praia do Sono.

IR	Espécies
2,00	<i>Lippia alba</i>
1,57	<i>Alternanthera brasiliana</i> ; <i>Persea americana</i>
1,46	<i>Rosa canina</i>
1,32	<i>Bidens pilosa</i> ; <i>Eugenia uniflora</i>
1,18	<i>Achyrocline satureoides</i>
1,07	<i>Citrus limon</i> ; <i>Cymbopogum citratus</i> ; <i>Plectranthus ornatus</i>
0,93	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> ; <i>Rubus rosifolius</i>
0,79	<i>Ageratum conyzoides</i> ; <i>Cajanus cajan</i> ; <i>Carica papaya</i> ; <i>Chenopodium ambrosioides</i> ; <i>Crescentia cujete</i> ; <i>Echinodorus grandiflorus</i> ; <i>Erytroxylum ovalifolium</i> ; <i>Mentha sativa</i> ; <i>Momordica charantia</i> ; <i>Plectranthus amboinicus</i> ; <i>Sechium edule</i> ; <i>Solanum sisymbriifolium</i> ; <i>Struthanthus concinnus</i>
0,68	<i>Plectranthus barbatus</i>
0,54	<i>Aloe vera</i> ; <i>Eleusine indica</i> ; <i>Eucalyptus sp.</i> ; <i>Gossypium herbaceum</i> ; <i>Mimosa pudica</i> ; <i>Morus nigra</i> ; <i>Ocimum basilicum</i> ; <i>Ocimum selloi</i> ; <i>Trema micrantha</i> ; <i>Zingiber officinale</i>
0,39	<i>Allium sativum</i> ; <i>Anacardium occidentale</i> ; <i>Ananas comosus</i> ; <i>Artocarpus heterophyllus</i> ; <i>Baccharis trimera</i> ; <i>Brassica oleracea</i> ; <i>Bryophyllum pinnatum</i> ; <i>Cariniana estrellensis</i> ; <i>Cecropia pachystachya</i> ; <i>Citrus aurantium</i> ; <i>Citrus deliciosa</i> ; <i>Citrus reticulata</i> ; <i>Citrus sinensis</i> ; <i>Coffea arabica</i> ; <i>Cordia verbenacea</i> ; <i>Costus spicatus</i> ; <i>Cucurbita pepo</i> ; <i>Davilla rugosa</i> ; <i>Desmodium adscendens</i> ; <i>Euphorbia prostrata</i> ; <i>Guatteria australis</i> ; <i>Hedychium coronarium</i> ; <i>Hymenaea courbaril</i> ; <i>Ipomea batatas</i> ; <i>Iresine herbstii</i> ; <i>Laurus nobilis</i> ; <i>Leonotis nepetaefolia</i> ; <i>Leonurus sibiricus</i> ; <i>Mangifera indica</i> ; <i>Marsypianthes chamaedrys</i> ; <i>Mentha pulegium</i> ; <i>Mikania glomerata</i> ; <i>Musa X paradisiaca</i> ; <i>Nasturtium officinale</i> ; <i>Passiflora alata</i> ; <i>Passiflora edulis</i> ; <i>Phyllanthus tenellus</i> ; <i>Piper mollicomum</i> ; <i>Piper umbellata</i> ; <i>Plinia edulis</i> ; <i>Polygala paniculata</i> ; <i>Psidium guajava</i> ; <i>Punica granatum</i> ; <i>Ricinus communis</i> ; <i>Rosmarinus officinalis</i> ; <i>Ruta graveolens</i> ; <i>Schinus terebinthifolius</i> ; <i>Sida planicaulis</i> ; <i>Solanum americanum</i> ; <i>Sorocea guilleminiana</i> ; <i>Stachytarpheta cayennensis</i> ; <i>Vernonia beyrichii</i> ; <i>Vernonia polyanthes</i>

A etnobotânica aplicada ao estudo de plantas medicinais trabalha em estreita parceria com estudos etnofarmacológicos, que consistem na combinação de informações empíricas adquiridas junto às populações locais com estudos fitoquímicos e farmacológicas realizados por uma equipe especializada (Elisabetsky & Souza, 2004). A medicina tradicional estudada nas práticas etnobotânicas é considerada um dos caminhos alternativos que mais evoluiu nos últimos anos para a descoberta de produtos naturais bioativos (Maciel *et al.*, 2002).

O fator de Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc) aponta os usos mais difundidos e aceitos para uma espécie, já que são utilizados e reconhecidos pelos

informantes, o que evidencia maior segurança quanto à sua validade (Vendruscolo & Mentz, 2006). Assim, este fator tem sido utilizado para indicar quais plantas devem ter prioridade de estudos, ou seja, direcionar os estudos para bioprospecção (Thring & Weitz, 2006).

As espécies com CUPc maior que 50% apresentam um apreciável consenso de uso popular, o que pode indicar potencial medicinal, funcionando como uma pré-triagem de espécies para estudos etnofarmacológicos (Silva & Proença, 2008). Nesse estudo, treze espécies apresentaram um alto consenso de informações, o que pode implicar maior eficácia quanto ao uso (Tab. 5).

Duas espécies medicinais oriundas exclusivamente da mata, e, portanto, obtidas por extrativismo, apresentaram a Concordância de Uso Principal corrigido com valores acima de 50%: *Davilla rugosa* e *Trema micrantha* (ambas com CUPc = 55,6%). *Cecropia pachystachya* (também com CUPc = 55,6%) é coletada tanto na mata quando em quintais. O conhecimento popular respaldado pelo conhecimento científico contribui para o uso racional de espécies medicinais e para a conscientização da importância de conservá-las (Camargo, 1998).

Tabela 5 – Espécies medicinais ordenadas quanto à Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc) maior que 50% entre os informantes da Praia do Sono.

Espécie	Local de coleta	Usos principais	Parte utilizada	CUPc (%)
<i>Alternanthera brasiliana</i>	quintal	machucadura	folha	88,9
<i>Chenopodium ambrosioides</i>	quintal	machucadura; verme	parte aérea	77,8
<i>Eugenia uniflora</i>	quintal	febre	folha	77,8
<i>Psidium guajava</i>	quintal	dor de barriga; diarreia	folha	77,8
<i>Solanum americanum</i>	quintal	machucadura	folha	77,8
<i>Mentha sativa</i>	quintal	verme	folha	66,7
<i>Carica papaya</i>	quintal	tosse	flor	55,6
<i>Cecropia pachystachya</i>	mata; quintal	tosse	folha	55,6
<i>Davilla rugosa</i>	mata	bom pra vista	caule	55,6
<i>Erythroxylum ovalifolium</i>	quintal	machucadura	folha	55,6
<i>Ricinus communis</i>	quintal	dor de cabeça	folha	55,6
<i>Sechium edule</i>	quintal	pressão alta	folha	55,6
<i>Trema micrantha</i>	mata	ictericia	caule	55,6

Tabela 6 - Plantas medicinais citadas pelos informantes da Praia do Sono, Paraty, RJ. Família / espécie. Nome local. Parte utilizada. Indicação e modo de preparo. CID / (nº de informantes citando usos na categoria).

Família / espécie	Nome local	Parte utilizada	Indicação e modo de preparo	CID / (nº de informantes citando usos na categoria)
ALISMATACEAE				
<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mitch.	chapéu-de-couro	folha	fortificante; problemas nos rins - chá	IV (2); XIV (2)
AMARANTHACEAE				
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze	terramicina	folha	antiinflamatório; infecção urinária; inflamação do útero – chá; "Toma um copo por dia e faz banho de assento" infecção de garganta - "Faz o chá, gargareja e toma ele" machucadura; cicatrizante - "Faz banho e toma o chá"	XVIII (3); XIV (4); XI (1); XII (8)
<i>Iresine herbstii</i> Hook.	arnica; paraguaia	folha	machucadura - "Soca a folha e faz emplastro"	XII (4)
ANACARDIACEAE				
<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajú	fruto	ferimentos na boca - "Cozinha a casca do fruto e faz bochecho e gargarejo com essa água"	XI (1)
<i>Mangifera indica</i> L.	manga	folha	dente inflamado - "Cozinha para fazer bochecho"	XI (1)
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira	caule	inflamação no útero; problema no útero - "Fazer lavagem com o chá da casca e beber também"	XIV (3)
ANNONACEAE				
<i>Guatteria australis</i> A.St.-Hil.	bicuíba	fruto	ferimento - banho	XII (2)
ASTERACEAE				
<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC.	camomila; macela	inflorescência	calmante – chá; "Enche o traveseiro com as flores e dorme com ele" baixar a pressão; problema nos rins - chá	VI (3); IX (2); XIV (1)
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	erva-de-são-joão	planta toda	cicatrizante; dor de estômago - chá	XII (1); XI (2)
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	carqueja	caule	doenças do fígado - chá	XI (1)

Tabela 6 – Continuação.

Família / espécie	Nome local	Parte utilizada	Indicação e modo de preparo	CID / (nº de informantes citando usos na categoria)
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão	planta toda	doenças do fígado; dor de urina - chá anemia - chá; "Faz uma garrafada com o picão, três raízes de gervão, mais três raízes de pariparoba e mais meia folha de abacate. Toma duas vezes ao dia até acabar. Muito bom para anemia" XI (5); III (2); hepatite - chá; "Para hepatite, pega o pé todinho, pica, bota no liquidificador com água mineral, côa e coloca mel, bate de novo e toma aos pouquinhos" XIV (1) ictericia - chá; "Dá banho e toma o chá pra ictericia e hepatite"	
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco	folha	gripe - chá	X (2)
<i>Vernonia beyrichii</i> Less.	cambará-roxo	folha	catarro no peito - xarope	X (1)
<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	assa-peixe	folha	gripe - chá	X (1)
BIGNONIACEAE				
<i>Crescentia cujete</i> L.	cabaço	fruto	expulsar a placenta após o parto - "Toma o chá feito com a polpa do fruto maduro" anemia - "Faz um xarope com a polpa do fruto verde, sem tá de vez"	XIV (2); III (1)
BORAGINACEAE				
<i>Cordia verbenacea</i> DC.	baleeira	folha	contusão - "Coloca para curtir uma semana no álcool e depois esfrega na contusão, toma o chá também. Tratar com a fricção e com o chá"	XIII (2)
BRASSICACEAE				
<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>acephala</i> D.C.	couve	folha	anemia - chá	III (1)
BROMELIACEAE				
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	abacaxi	fruto	pneumonia - "Fazer o xarope com a casca do fruto"	X (1)
CARICACEAE				
<i>Carica papaya</i> L.	mamão-macho	flor	tosse; gripe; coqueluche - xarope ou chá; "Deixa ferver a água e coloca a flor, deixa ficar molinha, gargareja e depois engole"	X (5); I (1)
CECROPIACEAE				
<i>Cecropia pachystachya</i> Trec.	baibera; imbaíba	folha	tosse - "Tira a boneca, que é o broto da folha, aquela folha enroladinha antes de abrir e faz o xarope para tosse"	X (5)

Tabela 6 – Continuação.

Família / espécie	Nome local	Parte utilizada	Indicação e modo de preparo	CID / (nº de informantes citando usos na categoria)
CHENOPODIACEAE				
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	santa-maria	parte aérea	machucadura - "Soca, bota sal e vinagre e faz emplastro" verme - "Bate com leite e toma frio mesmo"	XII (7); I (7)
CONVOVULACEAE				
<i>Ipomea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	raíz	dente inflamado - "Cozinha bem a raíz e depois faz o bochecho"	XI (1)
COSTACEAE				
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	cana-do-brejo	folha	problema nos rins - chá "Quando tem dor nas cadeiras que não passa, corta a cana-do-brejo do tamanho da pessoa e coloca debaixo do colchão, quando secar a dor vai sarar"	XIV (3)
CRASSULACEAE				
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (L. f.) Oken	estalo	folha	frieira - "Esquenta a folha e coloca em cima da frieira"	XII (3)
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess	saião	folha	expectorante; tosse - xarope machucadura; frieira - "Soca a folha e coloca em cima da machucadura ou da frieira. A coceira logo passa"	X (4); XII (5)
CRUCIFERA				
<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	agrião	folha	bronquite - xarope	X (1)
CUCURBITACEAE				
<i>Cucurbita pepo</i> L.	abóbora	flor	dor de ouvido - "Esquenta a flor no azeite, espera esfriar e pinga no ouvido"	VIII (1)
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são-caetano	folha	reumatismo - "Muito bom pra reumatismo, muito quente. Soca tudo e fricciona na pele" hemorroida - chá	XIII (1); XI (1)
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	chuchu	folha	pressão alta; cólica - chá	IX (5); XI (1)
DILLENIACEAE				
<i>Davilla rugosa</i> Poiret	cipó-caboclo	caule	bom pra vista - "Corta o cipó e coloca o leite dele na vista"	VII (5)
ERYTROXYLACEAE				
<i>Erytroxylum ovalifolium</i> peyr.	futiabeira; putiabeira	folha	machucadura; cicatrizante de ferida; antiinflamatório - "Cozinha a folha e com o chá lava o machucado, faz banho"	XII (6); XVIII (3)

Tabela 6 – Continuação.

Família / espécie	Nome local	Parte utilizada	Indicação e modo de preparo	CID / (nº de informantes citando usos na categoria)
EUPHORBIACEAE				
<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton	quebra-pedra	planta toda	dor de urina; problemas nos rins; infecção na urina - chá	XIV (3)
<i>Ricinus communis</i> L.	mamona	folha	dor de cabeça - "Coloca o leite materno na folha da mamona e coloca ela na testa"; "Soca a folha e coloca na testa"	XVIII (5)
FABACEAE				
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	feijão-guandu	folha	dor de dente "Faz o chá da folha e faz bochecho para dor de dente" pressão - chá	XI (2); IX (1)
<i>Desmodium adscendens</i> (SW.) DC.	carrapichinho	planta toda	dor de urina - chá	XIV (2)
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	caule	fortificante - "Faz o chá e toma tipo vitamina"	IV (1)
<i>Mimosa pudica</i> L.	dormideira	planta toda	inflamação no dente; inflamação na garganta - "Faz o chá, bochecha e gargareja"	XI (5)
LAMIACEAE				
<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	cordão-de-frade	folha	inflamação na urina - chá	XIV (1)
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	santa-rita	planta toda	dor de estômago - chá	XI (2)
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl.) Kuntze	erva-madre	planta toda	corrimento - "Faz o chá e faz banho de assento e toma meio copo também"	XIV (1)
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	planta toda	tosse - chá	X (3)
<i>Mentha sativa</i> L.	hortelã-de-bicho; hortelã-miúdo; hortelãzinho; hortelã	folha	tosse; verme - chá; "Pode fazer o chá do hortelã-miúdo junto com a santa-maria para matar os verme"; "Soca a hortelã-de-bicho junto com a santa-maria e amarra na barriga com um pano e faz o chá para tomar também. Dorme com o pano e no dia seguinte vai sair todo o verme"	X (1); I (6)

Tabela 6 – Continuação.

Família / espécie	Nome local	Parte utilizada	Indicação e modo de preparo	CID / (nº de informantes citando usos na categoria)
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriçao	folha	dor de dente - "Soca a folha e coloca o sumo no dente que tá com dor" má digestão - chá	XI (2)
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	alfavaca	folha	tosse; gripe - xarope	X (5)
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-de-galinha	folha	tosse - xarope dor de barriga - chá	X (2); XI (2)
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	boldo	folha	cólica; dor no estômago; ressaca; doenças do fígado - chá	XI (8)
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	anador	folha	dor de estômago; dor no fígado; dor de dente; dor de cabeça - chá	XI (3); XVIII (1)
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	folha	má digestão - chá	XI (2)
LAURACEAE				
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	folha	gases - chá	XI (2)
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	folha	problema nos rins; soltar a urina; infecção urinária; doenças do fígado - chá tosse - chá ou xarope reumatismo - "Rala o caroço do abacate e deixa descansando no álcool por uns vinte dias para curtir e depois faz fricção na dor, no reumatismo"	XIV (3); XI (1); X (3); XIII (1)
LECYTHIDACEAE				
<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	jequitibá	caule	infecção no útero - "Cozinha a casca, côa e faz banho com ducha dentro da vagina e toma o chá também"	XIV (1)
LILIACEAE				
<i>Allium sativum</i> L.	alho	caule	dor de garganta - "Soca o dente de alho, deixa de molho pro duas horas e vai tomando o chá e fazendo gargarejo também"	X (2)
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	mucilagem	queimadura - "Coloca o sumo das folhas na queimadura" queda de cabelo - "Coloca o sumo das folhas no couro cabeludo, espalha bem, abafa com plástico e fica com ele até a hora de tomar banho"	XII (4)

Tabela 6 – Continuação.

Família / espécie	Nome local	Parte utilizada	Indicação e modo de preparo	CID / (nº de informantes citando usos na categoria)
LORANTHACEAE				
<i>Struthanthus concinnus</i> Mart.	erva-de-passarinho	folha	machucadura - "Soca, coloca sal e coloca no machucado. Bebe o sumo com água também para o machucado" dor no peito, dor na costela - "Faz o chá da folha com um pouquinho de sal. O chá dela é bom quando tá enrolado no café XII (3); X (1) ou no abacate. Na laranja ou no limão não é bom, não passa a dor, dá fígada, acho que é por causa do espinho"	
LYTRACEAE				
<i>Punica granatum</i> L.	romã	fruto	garganta inflamada - "Faz o chá da casca do fruto e gargareja a garganta"	XI (2)
MALVACEAE				
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	algodão	folha	infecção no útero; inflamação no útero; cicatrizante - "Faz o chá da folha para fazer o banho de assento e toma também. Depois que ganha neném é bom fazer o banho para limpar e cicatrizar"	XIV (3)
<i>Sida planicaulis</i> Cav.	vassoura	folha	puxar o puz do furúnculo - "Esquenta a folha com um pouco de óleo de cozinha e bota em cima do furúnculo para puxar o puz"	XII (3)
MORACEAE				
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaca	folha	erisipela - Banho "Faz o banho várias vezes ao dia"	I (1)
<i>Morus nigra</i> L.	amora	folha	aliviar as coisas da menopausa; doenças dos rins - chá	XIV (2)
<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich	espinheira-santa	folha	problemas no estômago; úlcera - chá	XI (4)
MUSACEAE				
<i>Musa X paradisiaca</i> L.	banana	folha	estancar o sangue - "Coloca o sumo da bananeira no machucado para estancar o sangue"	XII (3)
MYRTACEAE				
<i>Eucalyptus</i> sp.	eucalipto	folha	rinite; sinusite - inalação	X (2)
<i>Eugenia uniflora</i> L.	pitanga	folha	tosse; expectorante - xarope "Cozinha a folha na água até a folha ficar vermelha e depois coloca o mel" febre; diarreia - chá	X (3); XVIII (7); XI (1)
<i>Plinia edulis</i> (O. Berg) Nied	cambucá	folha	tosse - chá	X (1)

Tabela 6 – Continuação.

Família / espécie	Nome local	Parte utilizada	Indicação e modo de preparo	CID / (nº de informantes citando usos na categoria)
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	folha	diarréia; dor de barriga - "Cozinha os brotos das folhas e toma o chá sem açúcar aos pouquinhos"	XI (7)
PASSIFLORACEAE				
<i>Passiflora alata</i> Curtis	maracujá	folha	calmante - chá	VI (2)
<i>Passiflora edulis</i> Sims	maracujá	folha	calmante - chá	VI (2)
PHYLLANTHACEAE				
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	quebra-pedra	planta toda	dor de urina; problemas nos rins; infecção na urina - chá	XIV (3)
PIPERACEAE				
<i>Piper mollicomum</i> Kunth	joão-borandí	folha	queda de cabelo - "Soca a folha, cõa para tirar o sumo e coloca para ferver com raspas de sabão de côco. Passa no cabelo que ele vai parar de cair, fazer crescer e engrossar"	XII (2)
<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	pariparoba	raíz	anemia - chá	III (3)
POACEAE				
<i>Cymbopogum citratus</i> (DC.) Stapf.	capim-cidreira; capim-cidão	folha	diarréia; dor de estômago; cólica intestinal; vômito; calmante - chá	XI (5); VI (1)
<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn.	pé-de-galinha	planta toda	esporão; osteoporose - "Faz banho, bota o pé de molho no chá da planta"	XIII (1)
POLYGALACEAE				
<i>Polygala paniculata</i> L.	arnica; gelol	raíz	contusão - emplasto "Pode socar junto com a santa-maria e faz o emplasto"	XIII (2)

Tabela 6 – Continuação.

Família / espécie	Nome local	Parte utilizada	Indicação e modo de preparo	CID / (nº de informantes citando usos na categoria)
ROSACEAE				
<i>Rosa canina</i> L.	rosa-branca	flor	infecção de urina - chá bom pra vista - "Faz o chá da flor e depois faz compressa no olho com um algodão dente inflamado; inflamação na garganta; ferida na boca - "Faz o chá da flor, mas não cozinha, só deixa a flor de molho na água. Depois gargareja a garganta e faz bochecho pro dente"	XIV (2); VII (2); XI (5)
<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	amora-de-espinho	planta toda	dente inflamado - "Cozinha com a folha da batata doce e bochecha" ferida na boca - "Cozinha a planta toda, coloca um pouco de álcool e bota na ferida" infecção de urina - "Faz banho com o chá e toma também"	XI (3); XIV (1)
RUBIACEAE				
<i>Coffea arabica</i> L.	café	semente	problema na vista - "Faz o chá com as sementes do café. Aí, pega um pedaço de algodão, molha ele no chá e faz compressa no olho"	VII (1)
RUTACEAE				
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja-china; laranja-lima	folha	gripe; gripe com febre - chá ou xarope; "É quente, boa pra resfriado, mas depois que toma o chá não pode pegar friagem"; "Tomar o chá bem quente e ficar debaixo do cobertor"	X (3)
<i>Citrus deliciosa</i> Ten.	laranja-crava; mixirica	folha	gripe - chá ou xarope; "É quente, boa pra resfriado, mas depois que toma o chá não pode pegar friagem"	X (4)
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	limão	folha	resfriado; aumentar o apetite; tirar acidez da boca; inflamação na garganta - chá	X (2); XI (5)
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	pocã	folha	gripe - chá	X (1)
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja-baía; laranja	folha	gripe - chá ou xarope; "É quente, boa pra resfriado, mas depois que toma o chá não pode pegar friagem"	X (2)
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	folha	febre - chá	XVIII (1)

Tabela 6 – Continuação.

Família / espécie	Nome local	Parte utilizada	Indicação e modo de preparo	CID / (nº de informantes citando usos na categoria)
SOLANACEAE				
<i>Solanum americanum</i> Mill.	maria-preta	folha	machucadura - "Soca as folhas de maria-preta junto com as folhas da santa-maria e do saião, depois coloca sal, vinagre e álcool. Bota em cima da machucadura e amarra com um pedaço de pano, faz emplastro"	XII (7)
<i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam.	rebenta-cavalo	fruto	coloca no furúnculo para puxar o puz - "Soca o fruto, coloca farinha, mistura tudo e bota no furúnculo" "Parte o fruto e tira a pele branquinha de dentro, entre a casca e a semente e coloca no furúnculo para puxar o puz" inflamação no dente - "Faz bochecho com o chá do fruto" "Pega a pele branquinha de dentro do fruto e coloca no dente inflamado"	XII (2); XI (2)
ULMACEAE				
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	candiúba	caule	ictericia - "Tira a casca do tamanho da pessoa e coloca para secar no fogo à lenha e quando secar a ictericia vai passar" hemorroida - "Faz o chá para fazer o banho de assento"	XI (6)
VERBENACEAE				
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	erva-cidreira	folha	pressão alta; cólica menstrual; calmante; dor de estômago; cólica intestinal; vômito; diarreia - chá	IX (4); XIV (1); VI (1); XI (6)
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	gervão	planta toda	anemia - chá	III (2)
ZINGIBERACEAE				
<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	ciosa	flor	coqueluche - chá ou xarope	X (3)
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	gengibre	caule	reumatismo; artrite - "Rala o gengibre e bota em cima do local que tá com reumatismo, com artrite"	XIII (1)



Figura 22 – Plantas da categoria medicinal: (a) mamão-macho (*Carica papaya*); (b) santa-rita (*Leonurus sibiricus*); (c) erva-cidreira (*Lippia alba*); (d) baleeira (*Cordia verbenacea*); (e) hortelãzinho (*Mentha sativa*); (f) arnica (*Iresine herbstii*); (g) picão (*Bidens pilosa*); (h) chapéu-de-couro (*Echinodorus grandiflorus*) e (i) vassoura (*Sida planicaulis*).

VI – DEVOLUÇÃO

A importância dos informantes da comunidade da Praia do Sono, como atores principais na busca de um diagnóstico sobre a relação entre pessoas e os recursos vegetais, e na investigação de alternativas para a conservação da Mata Atlântica, exige dos pesquisadores envolvidos um retorno dos estudos feitos, ao menos, para torná-los conscientes de sua grande importância social.

Um aspecto relevante do estudo etnobotânico é que ele traz, intrínseco à sua prática, a imediata valorização da história e costumes das comunidades, além de possibilitar o registro do conhecimento sobre as plantas preservando-o para as próximas gerações, uma vez que este saber faz parte do patrimônio cultural da região.

Os resultados deste trabalho quanto ao uso e ao conhecimento dos recursos vegetais pelos especialistas locais são, sem dúvida, significativos em si, pela análise que compõem a respeito. É possível, contudo, supô-los também interessantes e úteis aos demais moradores da comunidade, não só pelo aspecto da valorização de sua cultura, mas pelo enriquecimento que poderão ocasionar àqueles que têm no turismo uma atividade de subsistência. Por isso, uma cópia da presente pesquisa ficará disponível na associação dos moradores da Praia do Sono para todos aqueles que se interessarem por ela.

Foram elaboradas, juntamente com a comunidade estudada, algumas formas de devolução:

- Devolver para a comunidade as informações otimizadas, organizadas e sistematizadas sobre as plantas através de palestras na escola e na associação de moradores.
- Exposições orais com o intuito de esclarecer e difundir para a população a importância ecológica do bioma Mata Atlântica e do desenvolvimento de práticas envolvendo educação ambiental.
- Esclarecer para comunidade o que é uma UC e qual a sua importância além de estimular a participação dos moradores, junto aos órgãos competentes, na elaboração do Plano de Manejo que ajudará na definição da categoria de UC mais adequada para a REJ.

VII – CONCLUSÕES

Apesar das diversas influências oriundas da convivência com habitantes de grandes centros urbanos que contribuem com a deterioração das tradições locais, as características associadas ao povo caiçara ainda persiste de forma bem evidente na população da Praia do Sono.

Os informantes deste estudo indicaram que o uso dos recursos vegetais é uma importante prática desenvolvida por eles e que a transmissão do conhecimento sobre as plantas úteis se caracteriza por uma mistura de práticas e trocas de saberes entre pais, avós, familiares, amigos e vizinhos, de forma muito dinâmica e informal.

A análise de agrupamento realizada juntamente com o teste de qui-quadrado evidenciaram que o conhecimento etnobotânico mostra-se heterogeneamente distribuído, ao se considerar o gênero dos entrevistados. As mulheres parecem conhecer mais as espécies presentes nos quintais e utilizadas principalmente nas categorias de uso medicinal e veterinária enquanto os homens demonstraram ter maior conhecimento das espécies da mata e presentes nas categorias construção, combustível e tecnológica. Esta diferença se relaciona, sem dúvida, à natureza das atividades desenvolvidas por ambos: as mulheres dedicando-se às atividades domésticas e aos cuidados com a família, e os homens operando na mata, nas funções ligadas à caça e pesca, em busca de plantas para a construção de casas, fabricação de canoas, abastecimento de lenha, etc.

Os entrevistados possuem um amplo conhecimento da diversidade de plantas do local onde vivem, registrando um total de 190 espécies reconhecidas como úteis. As entrevistas mostraram que 57% dos recursos vegetais citados por eles são nativos do bioma da Mata Atlântica. Isto pode estar relacionado ao fato da comunidade estar situada em uma região de alta diversidade biológica e também ao relativo isolamento do principal centro urbano da região, a cidade de Paraty, RJ.

As atividades de construção de casa, ranchos e etc. e da elaboração de objetos de utilidade doméstica, de lazer, trabalho, construção de móveis e canoas, mesmo que algumas vezes degenerativas, são importantes para o conhecimento gerado e estabelecido sobre as árvores da Mata Atlântica. Pode-se ainda inferir que o saber local acerca das espécies

arbóreas teve grande influência da cobertura vegetal contínua, predominantemente arbórea, que circunda a região da Praia do Sono.

Considerando que os quintais desempenham importantes funções ecológicas ao mesmo tempo em que contribuem com a conservação de espécies nativas e que 61% das espécies indicadas foram provenientes dos quintais dos entrevistados, pode-se sugerir que o cultivo de plantas neste espaço é um importante artifício realizado por eles para a conservação do ambiente local.

A diversidade de espécies expressada através do índice de Shannon-Wiener (H') obtida neste estudo representa um dos valores mais altos para estudos dessa natureza, constatando que os informantes especialistas da Praia do Sono detêm um largo conhecimento sobre o uso de recursos vegetais.

Das 190 espécies indicadas, a categoria que mais agrega espécies é a de uso medicinal, seguido de alimentícias. Este resultado evidencia um importante conhecimento sobre as plantas medicinais e incentiva investigações e análises comparativas com outros estudos etnobotânicos. Em relação às plantas comestíveis, reconhecem e citam, que a mandioca ocupa posição de destaque na alimentação caiçara.

As espécies nativas empregadas nas construções, fabricação de canoas, e outras tecnologias, necessitam de um conhecimento especializado sobre o modo e época de proceder a extração na mata para que se obtenha sucesso no emprego das mesmas. Além da biologia da planta, as fases da lua regulam a coleta.

Embora os informantes reconheçam que alguns artefatos produzidos a partir de técnicas tradicionais sejam mais eficientes do que os oferecidos no comércio, eles preferem comprá-los no mercado a utilizarem a tecnologia aprendida ao longo das gerações para fabricá-los. Este fato pode ser exemplificado através das redes de pesca e da amarração das casas, que hoje são feitas sempre com linha de náilon.

No contexto das plantas medicinais, os levantamentos de estudos científicos confirmam uma maior tendência de uso na medicina tradicional das famílias Asteraceae e Lamiaceae.

Oitenta e quatro por cento das espécies com propriedade medicinal são cultivadas nos quintais dos informantes, sendo que mais da metade destas são introduzidas de outros continentes. Portanto, o conhecimento sobre estas plantas é, em sua maioria, relacionado a

espécies exóticas, o que sugere a diminuição de uma eventual interação ou dependência destes moradores por recursos do meio ambiente e o desaparecimento de traços característicos da identidade cultural caiçara, que, em outros tempos, pode ter estado presente na região. É possível concluir ainda que, inserida em ambiente de alta diversidade vegetal como a Mata Atlântica, nem sempre a comunidade da Praia do Sono depende, para sua sobrevivência, dos recursos naturais que a circundam.

Uma das propostas terapêuticas da atenção básica à saúde busca evitar agravantes, prevenindo ou tratando doenças consideradas comuns. Considerando a comunidade da Praia do Sono, tal proposta estaria mais próxima do sucesso quando relacionada a tratamentos para os sintomas e patologias relacionados ao sistema gastrointestinal, às doenças da pele e do tecido subcutâneo e ao sistema respiratório, uma vez que estas foram as categorias de doenças mais citadas nesta pesquisa.

Treze espécies apresentaram valores de CUPc maior que 50%, indicando uma alta concordância de uso principal destas. Este resultado serve de estímulo para futuros estudos sobre os constituintes químicos e as propriedades farmacológicas destas plantas.

Os informantes deste estudo preservam um amplo conhecimento sobre os recursos vegetais que os cercam e com o qual mantêm grande intimidade. Dependendo das atividades econômicas praticadas na comunidade, este conhecimento pode ser mais ou menos valorizado. O turismo e a ampliação do contato com habitantes de grandes centros urbanos são fortes componentes para a degradação deste saber. Assim, sua preservação, fator determinante para sustentar da identidade cultural deste grupo, merece atenção e investimentos.

Além do forte sentimento expresso nas falas dos informantes sobre o grande valor da manutenção do ambiente em que vivem, os especialistas locais são importantes atores na conservação da diversidade biológica, não só pelo conhecimento que possuem, mas também devido às práticas que desempenham. Portanto, a incorporação de suas tradições acerca dos usos das espécies vegetais, não só é importante, como fundamental na elaboração do Plano de Manejo e nas estratégias de conservação *in situ* da UC.

VIII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, C. 2000. Caíças na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. São Paulo: Annablume: FAPESP. 336p.
- ALARCON, J. G. S. & PEIXOTO, A. L. 2008. Use of terra firme forest by Caicubi caboclos, middle Rio Negro, Amazonas, Brazil: a quantitative study. *Economic Botany* 62(1): 60–73.
- ALBUQUERQUE, U. P. 2005. Introdução à Etnobotânica. Rio de Janeiro: Editora Interciência. 93p.
- ALBUQUERQUE, U. P. & ANDRADE, L. H. C. 2002. Uso de recursos vegetais da caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (nordeste do Brasil). *Interciência*. v.27, n.7.
- ALBUQUERQUE, U. P. & LUCENA, R. F. P. 2004. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica. Recife: LivroRápido / NUPEEA. 189p.
- ALBUQUERQUE, U. P. ; ANDRADE, L. H. C. & SILVA, A. C. O. 2005. Use of plant resources in a seasonal dry forest (Northeastern Brazil). *Acta bot. bras.* 19(1): 27-38.
- ALBUQUERQUE, U. P. ; LUCENA, R. F. P. ; & CUNHA, L. V. F. C. (org.). 2008. Métodos e Técnicas na pesquisa Etnobotânica. Recife: Comunigraf Editora/ NUPEEA. 323p.
- ALCORN, J. B. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E. & REIS, S. VON (Eds.). *Ethnobotany: evolution of a discipline*. Portland: Dioscorides Press. p. 23-39.
- ALEXIADES, M. N. & SHELDON, J. W. (eds.) 1996. Selected guidelines for ethnobotanical research: A field manual. The New York Botanical Garden Press. New York. *Advances in Economic Botany* 10: 1-306.
- ALMEIDA, C.F.C.B.R. & ALBUQUERQUE, U.P. 2002. Uso e conservação de plantas medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. *Interciência* 27(6): 276-285.
- ALMEIDA, G. S. 2009. Estudo etnobotânico na APA do Engenho Pequeno, São Gonçalo, RJ. xiii, 138f.: il. Dissertação (Mestrado) – Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro / Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica).
- AMOROZO, M. C. M. & GÉLY, A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Barcarena*. v. 4, n. 1, p. 47-131.
- AMOROZO, M. C. M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta bot. bras.* 16(2): 189-203.

- APG III (Angiosperm Phylogenetic Group). 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. *Bot. J. Linnean Soc.* 161: 105-121.
- ASSOCIAÇÃO CAIRUÇU. 2008. <www.cairucu.org> Acesso em: 27 de maio de 2008.
- BALÉE, W. 1992. Footprints of the forest – Ka'apor ethnobotany: the historical ecology of plant utilization by an Amazonian people. New York: Columbia University Press.
- BARRAU, J. 1991. L'Homme et le Végétal: Prologue Bio-Écologique. In *Histoire des Moeurs*. J. Poirier (org.). Paris, Encyclopédie de la Pléiade. pp. 1279-1306.
- BENNET, B. C. & PRANCE, G. T. 2000. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of northern South America. *Economic Botany*, 54(1): 90-102.
- BERNARD, H. R. 1995. Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches. Walnut Creek: Altamira press.
- BEGOSSI, A. 1996. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. *Economic Botany* 50 (3): 280-289.
- _____. 1998. Knowledge on the use of natural resources contributions to local management. In Cotton, C. M. *Ethnobotany - Principles and Applications*. Chichester John Wiley Sons, 1996, 423 p.
- BEGOSSI, A., LEITÃO-FILHO, H. F. & RICHERSON, P. J. 1993. Plant uses in a brasilian coastal fishing community (Búzios Island). *Journal of Ethnobiology* 13(2): 233-256
- BEGOSSI, A. ; HANAZAKI, N. & SILVANO, R. A. M. 2002. Ecologia Humana, Etnoecologia e Conservação. In Amorozo, M. C. M.; Ming, L. C.; Silva, S. M. P. (orgs.). *Método de coleta e Análise de Dados em Etnobiologia, Etnoecologia e Disciplinas Correlatas - I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste*. Rio Claro, 93-128.
- BEGOSSI, A. ; HANAZAKI, N. & TAMASHIRO, J. Y. 2002. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. *Human Ecology* 30(3): 281-299.
- BIODIVERSITAS. 2006. Disponível em: <<http://www.biodiversitas.org.br/cepf/>>. Acesso em: 12/05/2009.
- BLANCKAERT, I. ; SWENNEN, R. L. ; FLORES, M. P.LÓPEZ, R. R. & SAADER, R. L. 2004. Floristic composition, plant uses and management practices in homegardens of San Rafael Coxcatlán, Valley of Tehuacán, Mexico. *Journal of Arid Environments*. v.57, p.39-62.

- BORGES, R. & PEIXOTO, A. L. 2009. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Acta bot. bras.* 23(3): 769-779.
- BOSCOLO, O. H. & SENNA-VALLE, L. 2008. Plantas de uso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil. *Iheringia, Sér. Bot.*, Porto Alegre, v. 63, n. 2, p. 263-277.
- CAMARGO, M. T. L. A. 1998. El aporte de la etnobotánica al estudio de la farmacobotánica. In: VI Simposio Argentino de Farmacobotánica. Posadas. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/herbarium/elaportdelaetnobotanicaconf.html>> Acesso em: 10/10/2009.
- CARVALHO, F. A., NASCIMENTO, M. T. AND OLIVEIRA-FILHO, A. T. 2008. Composição, riqueza e heterogeneidade da flora arbórea da bacia do rio São João, RJ, Brasil. *Acta bot. bras.* 22(4): 929-940.
- CAVALIERI, L. 2003. A comunidade caiçara da Reserva Ecológica da Juatinga no processo de reclassificação da Unidade de Conservação. In II Simpósio Nacional de Geografia Agrária / I Simpósio Internacional de Geografia Agrária. USP, São Paulo, 2003.
- CHRISTO, A. G., GUEDES-BRUNI, R. R. AND FONSECA-KRUEL, V. S. 2006. Uso de recursos vegetais em comunidades limítrofes à Reserva Biológica de Poço das Antas, Silva Jardim, RJ: estudo de caso na Gleba Aldeia Velha. *Rodriguésia* 57(3): 519-542.
- CORRÊA, M. P. 1926-1978. Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 6v. ilustr.
- COSTA-NETO, E. M. & OLIVEIRA, M. V. M. 2000. The Use of Medicinal Plants in the Country of Tanquinho, State of Bahia, Northeastern Brazil. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais.* 2(2): 1-6.
- COTTON, C. M. 1996. *Ethnobotany: principles and applications.* John Wiley and Sons, England.
- CUNHA, L. V. F. C. & ALBUQUERQUE, U. P. 2006. Quantitative ethnobotany in the Atlantic Forest Fragment of Northeastern Brazil - implications to conservation. *Environmental Monitoring and Assessment* 114: 1-25.
- DAVIS, 1995 *apud* HAMILTON, A.C.; JI, P.S., KESSY, J., KHAN, A.A., LAGOSWHITE, S. & SHINWARI, Z.K. The purpose and teaching of applied ethnobotany. *People and Plants working paper.* Mar. 2003. Disponível em: <<http://www.rgbkew.org.uk/peopleplants/wp/wp10/index.html>> Acesso em: 10/05/2009.
- DEVIDE, A.C.P. ; VALLE, T. L. & CURI, N. 2005. Transformações em culturas tradicionais: O papel da mandioca em uma comunidade caiçara do litoral paulista. XI Congresso brasileiro de mandioca: Ciência e tecnologia para a raiz do Brasil. Campo Grande – MS.

- DIEGUES, A. C. 1989. Tradição e mudança nas comunidades de pescadores do Brasil: por uma sócio-anthropologia do mar. In: Diegues, A.C.S. (Org.). *Encontro de ciências sociais e o mar no Brasil*. S. Paulo, PPCAUB, 1989.
- _____. 1993. Populações tradicionais em Unidades de Conservação: o mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Nupaub-USP, série documentos de pesquisa, n. 1, 66p.
- _____. 2004. Caiçaras e Jangadeiros: Cultura marítima e modernização no Brasil (1920-1980). NUPAUB-USP. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa n.º1. São Paulo. 86p.
- DIEGUES, A. C. & ARRUDA, R. S. V. 2001. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP (Biodiversidade, 4).
- DI STASI, L. C. 1996. Conceitos básicos na pesquisa de plantas medicinais. In Di Stasi, L. C. (org.). *Plantas medicinais arte e ciência*. São Paulo Editora da Universidade Estadual Paulista, cap. 2, p. 23-27.
- DI STASI, L. C. & HIRUMA-LIMA, C. A. 2002. Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 604p.
- DI STASI, L. C. ; OLIVEIRA, G. P., CARVALHAES, M. A., QUEIROZ-JUNIOR, M., TIEN, O. S., KAKINAMI, S. H. AND REIS, M. S. 2002. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. *Fitoterapia* 73: 69-91.
- ELISABETSKY, E. & SOUZA, G. C. 2004. Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas. Pp. 107-122. In: Simões, C.M.O.(et al). *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. 5ª ad. Ed. da UFRGS/UFSC.
- FIGUEIREDO, G. M. 1997. Ethnobotany os Atlantic Forest Coastal Communities: II. Diversity of Plant Uses at Sepetiba Bay (SE Brazil). *Human Ecology*. Vol. 25, nº 2: 353 – 360.
- FIGUEIREDO, G. M. ; LEITÃO-FILHO, H. F. & BEGOSSI, A. 1993. Ethnobotany of Atlantic Forest coastal communities: Diversity of plant uses in Gamboa (Itacuruçá Island, Brazil). *Human Ecology* 21(4): 419-430.
- FLORENTINO, A. T. N. ; ARAÚJO, E. L. & ALBUQUERQUE, U. P. 2007. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta bot. Bras.* v.21, n.1, p.37-47.
- FONSECA-KRUEL, V. S. & PEIXOTO, A. L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Act. Bot. Bras.* 18 (1): 177-190.
- GARROTE, V. 2004. Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e as perspectivas para a comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty – RJ. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais). ESALQ/USP. 198p.

- GAZZANELO, L. R. S.; LUCENA, R. F. P. & ALBUQUERQUE, U. P. 2005. Knowledge and use of medicinal plants by local specialists in a region of Atlantic Forest in the state of Pernambuco (Northeastern Brazil). *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 1: 1-11.
- GILBERT, B. ; FERREIRA, J. L. P. & ALVES, L. F. 2005. *Monografias de Plantas medicinais Brasileiras e Aclimatadas*. Ed. Abifito. Curitiba. 250p.
- GÓMEZ-POMPA, A. 1992. Taming the wilderness myth. *BioScience*, (s.l.), v.42, n.4, p. 271-279.
- GUARIM NETO, G. & CARNIELLO, M. A. 2008. *Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres/MT: Editora Unemat. 203p.
- HAMMER, O.; HARPER, D.A.T.; RYAN, P.D. 2001. Past: paleontological statistics software package for education and data analysis. *Paleontologia Electronica*, v.4, p.1-9.
- HANAZAKI, N. 1997. *Conhecimento e uso de plantas, pesca e dieta em comunidades caiçaras do município de Ubatuba (SP)*. Tese de Mestrado. Pós-graduação em Ecologia. São Paulo, USP/IB.
- _____. 2003. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. *Biotemas* 16 (1): 23-47.
- HANAZAKI, N. ; TAMASHIRO, J. Y.; LEITÃO-FILHO, H. F. & BEGOSSI, A. 2000. Diversity of plant uses in two Caçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. *Biodiversity and Conservation* 9: 597-615.
- HANAZAKI, N. & BEGOSSI, A. 2006. Catfish and mullets: the food preferences and taboos of Caçaras (southern Atlantic Forest Coast, Brazil). *Interciência* 31(2): 123-129.
- HARSHBERGER, J. W. 1896. The purposes of ethnobotany. *The Botanical Gazette* 21: 146-154.
- IAC - INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS – 2004. *Estação Experimental de Ubatuba. Dados pluviométricos*. 1p.
- IPNI (The International Plants Names Index). < <http://www.ipni.org/>> . Último acesso em: 06 de janeiro de 2010.
- KAINER, K. A. & DURYEYEA, M. T. 1992. Tapping women`s knowledge: plant resource use in Extrative Reserves, Acre, Brazil. *Economic Botany*. 46: 408-425.
- KÖPPEN, W. 1948. *Climatologia*. México: Fondo de Cultura Económica.
- LARAIA, R. B. 2002. *Cultura: um conceito antropológico*. 15a ed. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 11p.

- LIMA, R. X.; SILVA, S. M.; KUNIYOSHI, Y. S. & SILVA, L. B. 2000. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. *Etnoecológica* 4(6): 33-55.
- LIMA, H. C. ; PEIXOTO, A. L. & PEREIRA, T. S. 2002. Conservação da Mata Atlântica. In: SYLVESTRE, L. & ROSA, M. M. Manual Metodológico para Estudos Botânicos na Mata Atlântica. UFRRJ. Seropédica. Magurran, A. E. 1988. Ecological diversity.
- LINO, C. F. 2003. Texto Síntese - A Mata Atlântica. Disponível em: <www.rbma.org.br> Acesso em: 27 de maio de 2008.
- LOSS, A. C. C. & SILVA, A. G. 2005. Comportamento de forrageio de aves nectarívoras de Santa Teresa - ES. *Natureza on line* 3: 48-52.
- MACARTHUR, R.H. AND E.O. WILSON, E. O. 1967. *The Theory of Island Biogeography*. Princeton University Press, Princeton.
- MACEDO NETO, A. T. 1989. Cultura caiçara no litoral sul de São Paulo. Encontro de ciências sociais e o mar, 3, 1989, São Paulo. Coletânea de trabalhos apresentados. São Paulo: PCAUB/IOUSP/F.FORD/UICN. P.273-80.
- MACIEL, M. A. M. ; PINTO, A. C. & VEIGO, V. F. 2002. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Quím. Nova*. v. 25, n. 3, p. 429-438.
- MAGURRAN, A. E. 1988. *Ecological diversity and its measurement*. Princeton University Press, Princeton, New Jersey, USA. 179 p.
- MAIOLI-AZEVEDO, V. 2008. Recursos vegetais utilizados pelos quilombolas de Machadinho, Quissamã-RJ. 119f.: il. Dissertação (Mestrado) – Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro / Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica).
- MARQUES, M. C. M. ; VAZ, A.S.F. & MARQUETE, R. (orgs) 1997. *Flórula da APA de Cairuçu, Paraty, RJ: Espécies Vasculares. Série Estudos e Contribuições nº14*. Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro.
- MARTIN, G. J. 1995. *Ethnobotany: A methods manual*. London: Chapman and Hall. 268p.
- MARTINS, L. G. S. 2004. *Plantas Medicinais em Xerém, Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu nacional, 194p.
- MEDEIROS, M. F. T., FONSECA, V. S. AND ANDREATA, R. H. P. 2004. Plantas medicinais e seus usos pelos sítios da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. *Acta bot. bras.* 18(2): 391-399.
- METALIVROS, 2001. *Atlas das Unidades de Conservação da natureza do Estado do Rio de Janeiro*. São Paulo. 48p.

- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. 2002. Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros, Brasília.
- MIRANDA, T. M. & HANAZAKI, N. 2008. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. *Acta bot. bras.* 22(1): 203-215.
- MOERMAN, D. E. ; PEMBERTON, R. W. ; KIEFER, D. & BERLIN, B. 1999. A comparative analysis of five medicinal floras. *Journal of Ethnobiology.* 19 (1): 49-67.
- MORAES, L.F.D. ; LUCHIARI, C. ; ASSUMPCÃO, J.M. & PUGLIA-NETO, R. 2002. Atlantic rainforest restoration by the Rio de Janeiro Botanic Garden Research Institute. In: Maunder, M. et al. *Plant Conservation in the Tropics: perspectives and practice.* The Royal Botanic Gardens, Kew. p. 153 – 170.
- MORI, S.A.; SILVA, L.A. & CORADIN, L. 1989. Manual de manejo do Herbário Fanerógamo, Ilhéus: Centro de Pesquisas do Cacau. 104 p.
- MOURA, C. L. & ANDRADE, L. H. C. 2007. Etnobotânica em quintais urbanos nordestinos: um estudo no bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes – PE. *Revista Brasileira de Biociências.* Porto Alegre. v.5, supl. 1, p.219-221.
- MYERS, N. 1997. Florestas tropicais e suas espécies sumindo, sumindo...? In: Wilson, E. O. (Org.) *Biodiversidade.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 36-45.
- MYERS, N. ; MITTERMEIER, R. A. ; MITTERMEIER, C. G. ; FONSECA, G. A. B. & KENT, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* 403: 853-858.
- OLIVEIRA, D. R. de. 2004. Levantamento Etnobotânico das Plantas Medicinais Utilizadas pela Comunidade de Oriximiná (Pará) com Enfoque Etnofarmacológico para o Gênero *Lippia*. Rio de Janeiro: UFRJ. Dissertação de Mestrado.
- PARQUES E RESERVAS <www.paraty.com.br/parques.asp>. Acesso em: 12/05/2009.
- PASA, M. C. ; SOARES, J. N. & NETO G. G. 2005. Estudos etnobotânicos na comunidade de Conceição- Açú (alto de bacia do rio Ariçá Açú, MT, Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, v. 19, n. 2, p. 195-207.
- PERONI, N. & HANAZAKI, N. 2002. Current and lost diversity of cultivated varieties, especially cassava, under swidden cultivation systems in the Brazilian Atlantic Forest. *Agriculture, Ecosystems and Environment* 92: 171–183.
- PHILLIPS, O. & GENTRY, A. H. 1993. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. *Economic Botany*, v. 47, n. 1, p. 15-32.

- PILLA, M. A. C., AMOROZO, M. C. M. AND FURLAN, A. 2006. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta bot. bras.* 20(4): 789-802.
- PRANCE, G.T., 1991. What is ethnobotany today? Text presented at the First international Congress on Ethnopharmacology, Strasbourg (5 – 9 June, 1990). Elsevier Scientific Publishers Ireland Ltd. p. 209 – 216.
- _____, 1995. Ethnobotany today and in the future. In: Shultes, R.E. & Reis, V. *Ethnobotany: evolution of a discipline.* p. 60 – 68.
- PRANCE, G.T. ; BALEÉ, W.; BOOM, B.M. & CARNEIRO, R.L. 1987. Quantitative ethnobotany and the case for conservation in Amazônia. *Conservation Biology*, v. 1, n. 4, p. 296-310.
- RIZZINI, C. T. 1979. *Tratado de fitogeografia do Brasil.* São Paulo: Hucitec/Edusp.
- ROSSATO, S. C. ; LEITÃO-FILHO, H. & BEGOSSI, A. 1999. Ethnobotany of Caíças of the Atlantic Forest Coast (Brazil). *Economic Botany* 53 (4): 387-395.
- SÁ, I. M. de 2007. Levantamento etnobotânico em Santo Antônio do Rio Grande, sul de Minas, Brasil. xv, 178f.: il. Dissertação (Mestrado) – Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro / Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica).
- SANCHES, R. A. 2004. Caíças e a estação ecológica de Juréia-Itatins: litoral sul de São Paulo. São Paulo: Annablume; Fapesp. 208p.
- SEAF: Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos, 1991. *Atlas Fundiário do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro. 1 ed. 159p.
- SECKENDORFF, R. W.V. ; AZEVEDO, V.G. & MARTINS, J. K. 2009. Sobre a Técnica Construtiva da Arte de Pesca de Cerco-flutuante no Litoral Norte de São Paulo, Brasil. *Série Relatórios Técnicos*, São Paulo, no 40:1-16.
- SILVA, C. S. P. & PROENÇA, C. E. B. 2008. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, São Paulo. v. 22, n.2, abr./jun.
- SILVEIRA, G. N. & BRANDÃO, H. B. 2004. Aspectos da gestão da Reserva Ecológica da Juatinga sob a luz da legislação ambiental considerando a ocupação por comunidades caíças. Disponível em: < www.ief.rj.gov.br >. Acesso em: 27 de maio de 2008.
- SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – SNUC: lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000; decreto n. 4.340, de 22 de agosto de 2002. 5ª Edição aum.. Brasília: MMA/SBF. 2004. 56 p.

- STACULP, M. M. 2000. Plantas de Uso Medicinal ou Ritual numa Feira Livre no Rio de Janeiro. Brasil. Dissertação de Mestrado submetida ao curso de Pós-Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 200p.
- STEHMANN, J. R. ; FORZZA, R. C. ; SALINO, A. ; SOBRAL, M. ; DA COSTA, D. P. & KAMINO, L. H. Y. (Orgs.). 2009. Plantas da Floresta Atlântica. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 516p.
- STEPP, J. R. & MOERMAN, D. E. 2001. The importance of weeds in ethnopharmacology. *Journal of Ethnopharmacology*, v. 75, p. 19-23.
- THRING, T. S. A. & WEITZ, F. M. 2006. Medicinal plant use in the bredasdorp/ Elim region of the Southern Overberg in the Western Cape Province of South Africa. *Journal of Ethnopharmacology*. 103: 261-275.
- TOLEDO, V. M. 1987. La etnobotanica en Latinoamerica: vicisitudes, contextos, desafios. In: Memórias do IV Congresso Latinoamericano de Botânica, Medellin, p. 13-34.
- TUXILL, J. & NABHAN, G. P. 2001. People, plants and protected areas. A guide to in situ management. London, Earthscan.
- VALENTIN, J. L. 1995. Agrupamento e ordenação. In: Peres-Neto, P. R.; Valentin, J. L.; Fernandez, F. A. S. (Ed.) *Oecologia Brasiliensis*. Volume II: Tópicos em tratamento de dados biológicos. Programa de Pós-Graduação em Ecologia; Instituto de Biologia, UFRJ; 27-55p.
- _____, 2000. *Ecologia numérica: uma introdução à análise multivariadas de dados ecológicos*. Editora Interciência, Rio de Janeiro, 117p.
- VELOSO, H.P. ; RANGEL FILHO, A. L. R. & LIMA, J. C. A. 1991. Classificação da Vegetação Brasileira adaptada a um Sistema Universal. IBGE/CDDI. Dep. de Documentação e Biblioteca. 123p.
- VENDRUSCOLO, G. S. & MENTZ, L. A. 2006. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. *Acta Botânica Brasílica* 20: 367-382.
- VIANNA, L. P. 1996. Considerações críticas sobre a construção da idéia de população tradicional no contexto das Unidades de Conservação. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. SP, 217p.
- W3 TROPICOS (Missouri Botanical Garden VAST – VAScular trópicos) <<http://www.tropicos.org/>> . Último acesso em: 06 de janeiro de 2010.
- WILLEMS, E. 2003. A ilha de Búzios: uma comunidade caiçara no sul do Brasil. São Paulo. Editora Hucitec. 185p.

WHITTAKER, R. H. 1975. *Communities and Ecosystems*. MacMillan, New York, USA. 387 pp.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). 2007. *Classificação Internacional de Doenças*. Disponível em: <<http://www.who.int/classifications/apps/icd/icd10online>> Acesso em: 27 de janeiro de 2009.

ZAR, J. H. 1999. *Biostatistical analysis*. Prentice Hall. Upper Saddle River, NJ, USA. 663 pp.

ZUQUIM, M. L. 2007. *Os caminhos do rural: uma questão agrária e ambiental*. SENAC. 240p.

Apêndice A**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INFORMANTES DA PRAIA DO SONO****Data da entrevista:****1 - DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE**

Nome:

Apelido:

Idade: Sexo: ()M ()F

Local de nascimento:

Quanto tempo mora na comunidade?

Onde morava antes?

Qual a sua escolaridade?

Você tem religião? Qual?

Que trabalho você desempenha?

Quantas pessoas têm na sua família?

Alguma pessoa da família ajuda no seu trabalho?

Existe horta, quintal ou roça familiar em sua casa?

2 – DADOS SOBRE AS PLANTAS

Você utiliza plantas da região? Quais?

Para que se usa a planta?

Qual parte da planta é utilizada? (casca, raiz, caule, folha, flor, fruto, semente, planta toda, parte aérea, outra)

Como se prepara? (infusão, decocção, emplastro, etc.)

Como as usa? (dosagem, tempo de uso, quantas vezes ao dia, se usa quente ou frio, etc.)

Associa esta planta com outras? Quais? Para que?

Possui alguma contra-indicação?

Com quem aprendeu a usar plantas?

Costuma ensinar, receitar ou recomendar o uso de plantas para outras pessoas?

Como consegue as plantas?

Coleta? Como? Em que época do ano? É facilmente encontrada?

Há comercialização de plantas ou troca entre comunidades/ famílias?